

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

Faculdades de Humanidades e Direito

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

WESLEY SILVA BANDEIRA

**ÉTICA NEOPENTECOSTAL E O MUNDO DO TRABALHO:
AFINIDADES ELETIVAS ENTRE O
NEOPENTECOSTALISMO E O TOYOTISMO NO BRASIL A
PARTIR DA DÉCADA DE 1990**

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2015

WESLEY SILVA BANDEIRA

**ÉTICA NEOPENTECOSTAL E O MUNDO DO TRABALHO:
AFINIDADES ELETIVAS ENTRE O
NEOPENTECOSTALISMO E O TOYOTISMO NO BRASIL A
PARTIR DA DÉCADA DE 1990**

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, para obtenção do grau de Mestre.

Área de Concentração: Religião, Sociedade e Cultura

Orientador: Lauri Emilio Wirth

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2015

A dissertação de Mestrado intitulada: “ÉTICA NEOPENTECOSTAL E O MUNDO DO TRABALHO: AFINIDADES ELETIVAS ENTRE O NEOPENTECOSTALISMO E O TOYOTISMO NO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA DE 1990”, elaborado por WESLEY SILVA BANDEIRA, foi apresentada e aprovada em 05 de Março de 2015, perante banca examinadora composta por Lauri Emilio Wirth (Presidente/UMESP), Magali do Nascimento Cunha e Renan Bandeirantes de Araújo.

Prof. Dr. Lauri Emilio Wirth

Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Helmut Renders

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa: Pós-Graduação em Ciências da Religião

Área de Concentração: Religião, Sociedade e Cultura

Linha de Pesquisa: Religião e Dinâmicas Sócio-culturais

AGRADECIMENTOS

Após longa caminhada de aprendizado finalizo essa dissertação com o sentimento de gratidão para com algumas pessoas. Sem elas não seria possível a escrita desse trabalho. Mas agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade que a mim me foi concedida de realizar mais esse sonho.

Agradeço à minha esposa Karina Coppetti, amiga e parceira, que esteve ao meu lado em todas as horas e nos momentos mais difíceis me apoiou e soube entender as longas madrugadas em que passei na escrita da dissertação. Sou-lhe eternamente grato por fazer parte de minha vida. Sou grato à minha filha Lara Emili, que no simples ato de existir me fez olhar para o mundo com mais otimismo e me mostrou que vale a pena lutar por uma humanidade melhor, um futuro a ser construído. Agradeço também a minha mãe Suely Gomes, guerreira e fonte de inspiração. Sou grato a toda minha família pelo apoio e compreensão, sem eles não seria a pessoa que sou.

O interesse pelo campo de estudo abordado aqui foi construído em diálogo com algumas pessoas que ao longo do tempo se tornaram companheiros. Em especial a Renan Bandeirantes de Araújo, que nos anos de graduação me mostrou a paixão pelo conhecimento. Ao Geraldo e ao Flávio, amigos de São Bernardo do Campo – SP, que passaram a fazer parte da minha vida. Agradeço também a Paulino Peres, Cláudio Correia, Edvan Bandeira e tantos outros que foram os primeiros a ouvir as considerações contidas nessa dissertação.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESSP, em especial ao meu orientador Lauri Emili Wirth, que soube entender minhas limitações e me mostrou o caminho a ser percorrido.

Agradeço também ao apoio financeiro da CAPES, essencial para a conclusão desse trabalho.

BANDEIRA, Wesley Silva. “ÉTICA NEOPENTECOSTAL E O MUNDO DO TRABALHO: AFINIDADES ELETIVAS ENTRE O NEOPENTECOSTALISMO E O TOYOTISMO NO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA DE 1990”. (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo – SP, 2015

Resumo

O fenômeno religioso neopentecostal tem crescido consideravelmente nos últimos anos no Brasil, com isso aumenta o interesse de pesquisadores em compreender a sua lógica de funcionamento. O foco desse trabalho não é o estudo isolado de um caso, mas sim a análise do contexto social que permite o florescimento dessa vertente do cristianismo. Assim, estudo a relação entre religião e o mundo do trabalho, partindo do pressuposto de que existe certa afinidade eletiva entre o neopentecostalismo e o toyotismo. O recorte do objeto de estudo está focado no Brasil, a partir dos anos de 1990. Essa escolha ocorre pelas mudanças políticas e econômicas pelas quais o país passou e passa com o neoliberalismo.

O mundo do trabalho, na contemporaneidade, caracteriza-se por nova reestruturação produtiva, na transformação do fordismo ao toyotismo, considero que essa mudança é substancial para as recentes formas de trabalho. Constatei que o discurso neopentecostal está em afinidade eletiva com essas metamorfoses, dando sentidos axiológicos aos atuais aspectos do trabalho.

O primeiro capítulo aborda o toyotismo no Brasil a partir da década de 1990, ressaltando a transformação do fordismo para o trabalho flexível. O capítulo dois ressalta o fenômeno neopentecostal em seu crescimento contemporâneo e define os conceitos sobre religião que nortearam a pesquisa. Por fim, o capítulo três, mostra a relação entre essas duas áreas, da forma que a ética neopentecostal está em afinidades eletivas com o toyotismo.

ABSTRACT

The Pentecostal religious phenomenon has grown considerably in recent years in Brazil, because of that the concern of researchers increases in order to understand its operating logic. The focus of this work is not an isolated study case, but examining the social context that allows the flourishing of this Christianity aspect. Therefore, I study the relationship between religion and the world of work, assuming that there is an elective affinity between the neo-Pentecostalism and the Toyotism. The study object period focuses on Brazil from the 1990s, this choice occurs by the political and economic changes that the country had and have with the neoliberalism.

Nowadays the world of work is characterized by its new productive restructuring, in the transformation of Fordism to the Toyotism, I consider that this change is substantial for recent ways of work. I found that the neo-Pentecostal speech has elective affinity with these metamorphoses giving axiological senses to the current aspects of work.

The first chapter approaches the Toyotism in Brazil from the 1990s, highlighting the transformation from Fordism to flexible work. In the second chapter it is highlighted the Pentecostal phenomenon in its contemporary growth and it defines the concepts about religion that guided this research. At last, in chapter three, it shows the relationship between these two areas, the way the neo-Pentecostal ethics is in elective affinities with Toyotism.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| CAPÍTULO 1 | |
| O TOYOTISMO NO BRASIL: A NOVA MORFOLOGIA DO TRABALHO A PARTIR DA DÉCADA DE 1990..... | 15 |
| 1.1 Do fordismo ao toyotismo: possibilidades teóricas | 17 |
| 1.2 Do fordismo ao toyotismo: Continuidades retrabalhadas | 22 |
| 1.3 Toyotismo e neoliberalismo no Brasil | 31 |
| 1.4 Toyotismo, espiritualidade e neopentecostalismo | 36 |
| CAPÍTULO 2 | |
| O FENÔMENO NEOPENTECOSTAL NO BRASIL A PARTIR DA DÉCADA DE 1990 | 42 |
| 2.1 Os neopentecostais: Conceitos e tipologias | 43 |
| 2.2 Do pentecostalismo ao neopentecostalismo: Continuidades retrabalhadas..... | 49 |
| 2.3 O neopentecostalismo e a Religiosidade Mínima Brasileira..... | 51 |
| 2.4 A Igreja Universal do Reino de Deus e o neopentecostalismo brasileiro..... | 56 |
| 2.5 Os neopentecostais e a construção do sentido da vida | 61 |
| CAPÍTULO 3 | |
| A ÉTICA NEOPENTECOSTAL EM CONTEXTO TOYOTISTA | 66 |
| 3.1 Teologia da prosperidade e a guerra contra o diabo: implicações no mundo do trabalho | 68 |
| 3.2 O neopentecostalismo e a necessidade de flexibilização | 82 |
| 3.3 O neopentecostalismo e o incentivo à livre iniciativa privada | 92 |
| CONCLUSÃO | 97 |
| BIBLIOGRAFIA | 101 |

INTRODUÇÃO

Muito já se estudou sobre religião neopentecostal no Brasil. Minha pesquisa não pretende ser mais uma abordagem sobre a temática. Procuro relacionar o sistema Toyota de produção e essa expressão religiosa, entendendo que há afinidades eletivas entre estes dois fenômenos. Por isso, essa pesquisa tem seu foco na possível relação entre neopentecostalismo e toyotismo e não no estudo isolado de cada caso.

Relaciono a religião e o mundo do trabalho como áreas de pesquisa, seguindo por referências bibliográficas em religião e mundo do trabalho. A proposta é alargar os horizontes de estudos do fenômeno religioso neopentecostal, compreendendo-o fora de seu espaço sagrado. (SANTOS, 2013, p. 214).

Algo que pode estar na mente do leitor nesse primeiro momento é a seguinte pergunta: Porque estudar religião e mundo do trabalho? Aparentemente são dois campos da vida humana que não mantêm ligações entre si.

Religião é associada ao mundo subjetivo, das escolhas pessoais diante da vida, morte, casamento e sacramentos. O trabalho se volta às necessidades do cotidiano, do econômico, ao comer, beber, vestir e comprar.

Haveria ligações diretas entre o transcendente da religião e a busca pela sobrevivência do gênero humano? A religiosidade, sobretudo a cristã, teria capacidade de orientar as pessoas nas escolhas de suas vidas? Ou isso é próprio das tradições religiosas antigas e pouco tem influenciado no mundo secularizado e moderno de nossa contemporaneidade?

Diante dessas questões trabalho com o pressuposto de que:

Muito embora advogue que "religião é negócio de foro íntimo (...) tema a ser evitado em reuniões de negócios", (...) "a religião torna-se um dínamo dos negócios quando você é evangélico, mórmon, judeu ou pertence a cultos que, inteligentemente, funcionam também como irmandades de autoajuda empresarial, referendando produtos entre irmãos e irmãs". (KIVITZ, 2007, p. 104).

Desenvolver um estudo que liga religião e mundo do trabalho responde a essas perguntas. Ou seja, esta pesquisa está focada na forma com que a religião tem se apresentado e exercido sua força no mundo tecnológico e globalizado da contemporaneidade, especificamente na relação entre neopentecostalismo e mundo do trabalho.

Ao relacionar religião e mundo do trabalho é inevitável incursionar por temas de política e da economia, assim como os estudos do cenário religioso e os elementos da sociedade, do secular, crescem constantemente na academia.

Desconsiderar a influência da economia no ambiente religioso é impossibilitar reflexões mais profundas da religião. Para Jung Mo Sung em *Desejo, Mercado e Religião*¹, torna-se importante estudar religião e economia por essa última tornar-se onipotente no mundo contemporâneo (SUNG, 2010, p. 115-116).

Esses estudos tornam-se interessantes também porque os próprios economistas e cientistas sociais associam teologia e religião com a economia, enriquecendo os focos de análise e trazendo um paradoxo do contemporâneo: a espiritualidade no mundo do trabalho tem "dado certo" para aumento de lucro dos investidores do capital. (KIVITZ, 2007, p. 106).

Assim, nesse estudo, verifico a influência do sagrado nas escolhas do mundo do trabalho. Na pesquisa procuro analisar atitudes, escolhas e comportamentos de neopentecostais em contexto toyotista de produção. Basicamente, verifico os sentidos axiológicos da mensagem religiosa nas novas organizações sociais². De acordo com Sergio Vasconcelos:

...a religião não é um elemento secundário na estrutura de sentido da grande maioria da humanidade. E, se pensarmos o Brasil, estamos diante de uma nação profundamente religiosa. Como já é sabido, se é uma coisa que não está em crise no Brasil é a religião. A "crise" é sentida pelas instituições ao constatarem que o papel secular regulatório que tiveram está ruindo. Elas sim estão em crise, mas a religião no Brasil não. (VASCONCELOS, 2012, p. 73).

¹ SUNG, Jung Mo. *Desejo, Mercado & Religião*. São Paulo, Fonte Editorial, 2010

² Como metodologia uso os tipos ideais do sociólogo Max Weber, sigo o caminho trilhado por Ricardo Bitun. Para esse autor: "...na tentativa de compreender o fenômeno religioso, a construção de um tipo ideal, definindo como construções heurísticas que não representam necessariamente nenhum fenômeno empírico, sendo utilizados como recursos metodológicos, com valor exclusivamente instrumental, (...). Assim quando nos referimos a um tipo ideal pentecostal ou neopentecostal, não estamos nos referindo à Assembleia de Deus, à Congregação Cristã, à Igreja Universal ou ainda à Igreja Mundial do Poder de Deus, mas se refere apenas a um exemplo empírico bem próximo das características de cada organização institucional, litúrgica e doutrinária do campo religioso protestante pentecostal." (BITUN, 2007, p. 39).

O eixo central da pesquisa pergunta sobre os meios sociais que permitem o florescimento do neopentecostalismo no Brasil. Com essa abordagem metodológica espero ser possível identificar as afinidades eletivas entre o neopentecostalismo e o toyotismo no Brasil a partir da década de 1990.

No livro *Os sentidos do trabalho*³ do sociólogo Ricardo Antunes, a categoria trabalho tem em si potencialidade na construção do sentido da vida.

...a importância da categoria *trabalho* está em que ela se constitui como fonte *originária, primária*, de realização ontológica do ser social, *protoforma da atividade humana*, fundamento ontológico básico da omnilateralidade humana. (ANTUNES, 2002, p. 167).

O fato de isso não ocorrer na contemporaneidade, para o autor, é por desvirtuação do trabalho, servindo para extração da mais-valia pela classe burguesa. Em Antunes (2002, p. 167-168), resgatar o sentido ontológico do trabalho é condição primeira para a classe trabalhadora recuperar seu sentido de vida.

Partindo da premissa formulada por Antunes, esta pesquisa suspeita que o resgate da centralidade do trabalho, sem levar em consideração a religião e a espiritualidade, inviabiliza a real compreensão da classe trabalhadora em suas escolhas. Para que esse campo seja compreendido de maneira mais abrangente, é necessário considerar os discursos e atitudes no mundo do trabalho referenciados na religião, por ser a religião uma referência cara às pessoas e norteadora de opções cotidianas. (VASCONCELOS, 2012, p. 73).

Nas ciências da religião, os estudos sobre religião e sociedade tangenciam o mundo do trabalho em dois eixos de pesquisa: o primeiro apresenta o Mercado como Religião, um foco emergente no contexto brasileiro, o segundo elabora a crítica às Religiões do Mercado. Existem ricas pesquisas ressaltando essas relações.⁴

Levantar o tema da religião no mundo do trabalho, ocorre por considerar que a religião não perdeu seu espaço na contemporaneidade. Ela ainda é agente impulsionador de escolhas dos sujeitos em seus cotidianos. Segundo Lyndon de Araújo Santos:

³ ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do Trabalho*: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho, 2002

⁴ Para mais ver: *Teologia e Economia* de Jung Mo Sung (2008) & *Mercado e Religião* de François Houtart (2003).

Os historiadores da religião veem e trabalham a religião como dimensão fundamental do devir histórico e social das sociedades. A religião em suas formas institucionais e populares está numa relação direta com as ações das pessoas, dentro de situações históricas, mas cujo referente é o sagrado, o além, a vida pós-morte, a eternidade, o *valhada* ou o paraíso, a relação com o que é considerado transcendental. (SANTOS, 2013, p. 213).

Não é difícil encontrar, no cenário nacional, principalmente na política, conflitos entre religiosos de segmentos fundamentalistas e não religiosos em torno de questões relevantes da vida humana. Os elementos religiosos são usados, nesse contexto para reafirmar ideologias e assegurar privilégios. Isso mostra que a religião ainda tem seu poder de influência na contemporaneidade, por isso, constitui foco importante de reflexão.

Nessa pesquisa portanto, não perco de perspectiva a religiosidade na construção do sentido da vida no trabalho, tampouco, atribuo ao neopentecostalismo o estigma de uma religiosidade superficial e secularizada, como geralmente são caracterizados os adeptos deste ramo do cristianismo.

Sabendo da impossibilidade de pesquisar religião e mundo do trabalho abrangendo um longo período histórico, esta pesquisa opta por um objeto de estudo bem específico, mas sem perder de vista os elementos históricos que contribuem para a formação do atual quadro social: as afinidades eletivas entre toyotismo e neopentecostalismo no Brasil a partir da década de 1990.

Uso o conceito de toyotismo na mesma perspectiva que Renan Bandeirantes de Araújo (2009, p. 23), usa o conceito de modo de vida *just-in-time* do *jovem-adulto flexível*. O conceito usado por esse autor sintetiza um modo de ser que vai além das questões empíricas e têm a ver com uma vertente na sociologia do trabalho que foca no cotidiano dos trabalhadores em relação ao mundo do trabalho, na dialética, da fábrica para o lar e do lar para a fábrica. Ainda segundo Araújo:

...práticas adotadas no ambiente de trabalho (...) sorrateiramente invadem os "lares", sendo paulatinamente incorporados ao cotidiano operário determinando novas formas de sociabilidade. (ARAÚJO, 2009, p. 23).

A proposta dessa dissertação é analisar o processo social em sua dialética, na via de mão dupla entre religião e mundo do trabalho. Considero que o gênero humano é a expressão

das relações sociais enquanto agentes dessas relações⁵, o que faz o estudo da religião interessante dentro dessas perspectivas.

O recorte do objeto de pesquisa a partir dos anos de 1990, ocorre por três motivos, a saber: (I) Abertura política do Brasil à ideologia neoliberal, que serve de pano de fundo às mudanças tanto no trabalho como na religião; (II) Maior participação/introdução dos princípios toyotistas (ou flexíveis) nas indústrias brasileiras, mudando radicalmente o cenário do mundo de trabalho no Brasil e (III) crescimento social dos neopentecostais no Brasil, pelo uso da mídia e maior participação na política, com o surgimento da bancada evangélica.

De fato, o toyotismo tornou-se sistema produtivo⁶ hegemônico no Brasil a partir de 1990, "ainda que seus primeiros sinais sejam visíveis já durante a década de 1980" (ANTUNES, 2006, p. 16).

A abertura política do governo Fernando Collor de Melo ao neoliberalismo⁷, como atesta Diana Lima (2007, p. 134), foi preponderante na reestruturação produtiva do capital. Isso ocorreu no mesmo contexto histórico em que houve o que Magali do Nascimento Cunha (2007, p. 80), chamou de "explosão gospel".

Os programas iniciados por Collor, que terão continuidade com os governos posteriores, atendem uma visão de mundo específica, baseadas nas correntes teóricas do livre mercado. Assim, as transformações históricas do toyotismo como do neopentecostalismo no Brasil tem como pano de fundo o neoliberalismo econômico. Ed René Kivitz (2007, p. 96), em seus estudos sobre espiritualidade e mundo corporativo⁸ considera necessário estudar o neoliberalismo porque "...o capitalismo, notadamente em sua versão neoliberal, ainda é hegemônico na sociedade de mercado." (KIVITZ, 2007, p. 96).

De acordo com José Comblin (2000, p. 11), o neoliberalismo, com incentivo da potência Norte-americana, tem se espalhado para os países outrora denominados de "terceiro

⁵ Segundo Sergio Vasconcelos: "...as mutações nos laços sociais interferem nas construções das subjetividades contemporâneas..." (VASCONCELOS, 2012, p. 64). Isso significa que é coerente relacionar os laços sociais do toyotismo e a subjetividade proposta pelo fenômeno neopentecostal.

⁶ Os sistemas produtivos são formas como as sociedades se organizam para produzir os recursos necessários à sobrevivência, diz respeito à maneira como os grupos sociais atendem às necessidades materiais de suas vidas.

⁷ "...com o advento de Margaret Thatcher na Inglaterra (1979) e de Renald Reagan nos Estados Unidos (1980), a ideologia neoliberal tornou-se doutrina oficial de duas das principais potências financeiras do mundo e da primeira de todas elas. Os estados Unidos colocaram toda a força da sua superioridade material e cultural a serviço do neoliberalismo. (COMBLIN, 2000, p. 11).

⁸ KIVITZ, Ed René. *Espiritualidade no mundo corporativo: Aproximações entre prática religiosa e vida profissional*, 2007

mundo". A crença na ideologia neoliberal ganha o mundo e chega ao Brasil com toda sua força. Os estudos que serão feitos nessa pesquisa são compreendidos dentro dessa perspectiva.

A escolha de afinidade eletivas (*Wahlverwandtschaft*)⁹ como recurso metodológico é considerada durante toda a pesquisa, o conceito foi popularizado pelo sociólogo alemão, Max Weber, em *Ética protestante e o "espírito" do capitalismo*¹⁰.

O *ethos* protestante de vertente calvinista está em afinidade eletiva com o espírito do capitalismo. Resumidamente, isto significa que o capitalismo não tem origem na religião e nem é determinado por ela, mas ambos os campos se complementam na medida em que o jeito de ser protestante consolida a lógica do capitalismo moderno. Somente com a clareza e aplicação do conceito é possível entender a relação entre religião e mundo do trabalho.

Para o protestantismo calvinista, as boas obras são absolutamente insuficientes para levar ao estado de graça, mas "não deixam de ser imprescindíveis como sinais da eleição". Essas relações fornecem a plataforma para que se entenda por que espiritualidade, vida religiosa e trabalho são interligados no imaginário do protestantismo, principalmente calvinista, bem como suas relações de afinidade com o desenvolvimento capitalista. É provável que esses elementos justifiquem a grande quantidade de autores cristãos protestantes dedicados ao tema espiritualidade no mundo corporativo. (KIVITZ, 2007, p. 81).

Segundo Michel Löwy (2011, p. 131), o conceito empregado por Weber ultrapassa a mera causalidade entre os dois campos e responde a um efeito, via afinidades eletivas, que o movimento religioso exerceu sobre a cultura material. Isso não significa, por sua vez, que o material é determinado pelo espiritual ou vice versa. É nesse sentido que o conceito é usado, superando a mera causalidade.

Nessa pesquisa não considero o processo produtivo como fruto das atividades religiosas neopentecostais e nem que a religião deve sua existência ao toyotismo ou ao neoliberalismo, mas que, na contemporaneidade, toyotismo e neopentecostalismo se atraem como as almas de dois amantes.

Ao abordar o toyotismo, o faço em contexto brasileiro, sem abordar sua origem no Japão e como foi implantado na Europa e na América do Norte. Isso justifica as restrições às referências bibliográficas a autores brasileiros e latino-americanos.

⁹ LÖWY, Michel. *Sobre o conceito de "afinidade eletiva" em Max Weber*, 2011

¹⁰ WEBER, Max. *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, 2004

Para a pesquisadora Eurenice de Oliveira em *Toyotismo no Brasil*¹¹, as formas desse sistema se instalar no país diferem de outras partes do mundo. Esse é um dos pressupostos que me faz ressaltar a cultura brasileira nesse sistema produtivo.

No primeiro capítulo, intitulado: *O Toyotismo no Brasil: a nova morfologia do trabalho a partir da década de 1990*, ressalto as características principais do toyotismo e sua história. O capítulo persegue dois propósitos. (I) descrever a nova morfologia do trabalho: do fordismo ao toyotismo e (II) ressaltar as características do toyotismo para os empregados e (des)empregados sociais. Com isso, preparo a temática abordada nos capítulos posteriores que analisaram a relação entre toyotismo e neopentecostalismo.

No segundo capítulo com o título: *O fenômeno neopentecostal no Brasil a partir da década de 1990*, abordo os neopentecostalismos, suas tipologias e abordagens teóricas. Nesse capítulo será possível observar como o fenômeno neopentecostal é abordado nos estudos acadêmicos da religião, no intuito de aprimorar os conceitos que utilizo nessa pesquisa.

Nesse capítulo, em especial, resgato a capacidade do neopentecostalismo em dar sentido à vida das pessoas, através dos valores axiológicos ressaltados na igreja através da teologia da prosperidade¹² e no contexto religioso como um todo.

O leitor perceberá que me preocupo menos em considerá-la religiosidade de "alienados" e mais com o resgate do sentido axiológico dado por essa religião a seus fieis. Sendo assim, ressalto a grande capacidade da fé em influenciar nas escolhas da vida, mais especificamente no trabalho.

No terceiro capítulo com o título: *Ética neopentecostal em contexto toyotista*, desenvolvo questões mais teóricas e nem tanto históricas como faço nos dois primeiros. Faço a relação das afinidades eletivas entre os dois campos, ressaltando aproximações entre as áreas. Assim o desenvolvimento histórico dos dois primeiros capítulos se complementam no terceiro capítulo, que tem preocupação em desenvolver melhor a ética neopentecostal em contexto toyotista.

¹¹ DE OLIVEIRA, Eurenice. *Toyotismo no Brasil: desencantamento da fábrica, envolvimento e resistência*, 2011.

¹² "A Teologia da Prosperidade nasceu nos Estados Unidos, na década de 40, mas é somente a partir dos anos de 1970 que se constitui em um movimento doutrinário. Essa teologia está fortemente ligada ao fenômeno do televangelismo americano, e, no Brasil, constitui uma característica fundamental do neopentecostalismo." (PRÓCHINO, PARADIVINI & GONÇALVES, 2008, p. 593).

Capítulo 1

O TOYOTISMO NO BRASIL:

a nova morfologia do trabalho a partir da década de 1990

Nesse capítulo faço um resgate histórico das alterações que ocorreram no mundo do trabalho, principalmente a partir da década de 1990. Muitas coisas mudaram nessa área, desde o desenvolvimento da tecnologia até o perfil do trabalhador empregado nas novas indústrias.

Em relação a transformação industrial, Peter Drucker diz que estamos em uma terceira era industrial, a "era do saber":

Novas tecnologias permitiram, desde os anos 70, uma mudança significativa das relações entre capital e trabalho. Alguns anunciaram, como P. Drucker ou A. Toppfler, o advento de uma terceira era industrial, que seria a do "saber". O saber são as novas tecnologias de produção, publicidade, comunicação e distribuição. (COMBLIN, 2000, p. 28).

Para a ideologia neoliberal, conforme ratifica José Comblin (2000, p. 28), em *O Neoliberalismo*¹³, a posse do "saber" ou do conhecimento é a garantia de crescimento pessoal e profissional. A contradição aparece pela crescente capacitação da classe trabalhadora e poucos ganhos reais em qualidade de vida advindas do saber tecnológico e industrial.

A "era do saber" é também a era da depressão. Nunca se identificou tantos homens e mulheres passando por crises existenciais, apesar do consumo compulsório de conhecimentos e informações. Comblin diz que estamos vendo "o triunfo de uma utopia prejudicial para o trabalho..." (COMBLIN, 2000, p. 29).

De acordo com essa lógica o ideal é que o novo trabalhador esteja saudável no corpo, na alma e em seu espírito. O real mostra o oposto: aumento de suicídios entre trabalhadores,

¹³ COMBLIN, José. *O Neoliberalismo: Ideologia dominante na virada do século*, 2000

sobretudo de atividades intelectuais. Esses suicídios ocorrem por decorrência da intensidade e do caráter extenuante do trabalho, ocasionando em morte por excesso de trabalho.¹⁴

Nas atuais conjunturas sociais, corpo preparado sem espírito adequado não serve. Trabalhos manuais sem espíritos de vida são máquinas. Espera-se portanto, que o trabalhador tenha a alma e o espírito sadios para o desenvolvimento de suas funções e que seus conhecimentos sejam usados da melhor forma possível nas atividades que desenvolve. Logo:

O trabalho deve contemplar sentido para o dia-a-dia, além do pão de cada dia; reconhecimento e realização, além de salário; encantamento e entusiasmo, além de fadiga e torpor; realização e contribuição pessoais ao mundo, além de consumo egocêntrico; algo mais que o lento arrastar da segunda até à sexta, enquanto caminhamos em direção à morte. Esse anseio resume mais um aspecto que se entende por levar a espiritualidade para o trabalho. (KIVITZ, 2007, p. 84).

O discurso de "era do saber" atende a uma necessidade econômica na contemporaneidade que segundo David Harvey (1992, p. 152), contribui para a "acumulação flexível" de grandes corporações.

Pela primeira vez o alto conhecimento dos operários não ameaça as estruturas sociais e nem se torna elemento de questionamento social:

A sociedade capitalista que despontou no Brasil nos anos 1990 vem demandando uma educação capaz de conformar o "novo homem" de acordo com os pressupostos técnicos, psicológicos, emocionais, morais e éticos da flexibilização do trabalho (ARAÚJO *apud* FALLEIROS, 2009, p. 206-207).

O toyotismo fomenta essa tendência, de que os trabalhadores devam estar em constante capacitação para não perder seu espaço no mercado de trabalho. Esse sistema é originário do Japão e tem como criador o então gerente da Toyota, Taiichi Ohno (1912 - 1990). Ohno publicou seus princípios no livro *Toyota Production System: Beyond Large-Scale Production*, que serviu de guia as outras empresas.

Para Delmo Gonçalves (2013, p. 78), existem elementos ético-religiosos no neopentecostalismo que legitimam tal estrutura social. Falar, portanto, de ética neopentecostal

¹⁴ ANTUNES, Ricardo. "As ameaças que vêm da Ásia", 2012. Artigo publicado na folha de S. Paulo em 23 de Maio de 2012. Disponibilização digital: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/44424-as-ameacas-que-vem-da-asia.shtml>. Pesquisado no dia 20/10/2014 às 08:35

é referir-se a um sentido de vida que está acordada com as mudanças histórico-sociais da contemporaneidade.

Veremos nesse capítulo a quem serve esse discurso e os impactos que ele causa na vida do trabalhador. Veremos também o contexto histórico da hegemonia desses discursos.

Segundo Giovanni Arrighi (1996, p. 25), existem duas formas de abordar a economia capitalista, a primeira é olhando para as classes altas onde as reais trocas de fluxos de capitais acontecem. A segunda é observando a estrutura da sociedade onde as classes trabalhadoras desenvolvem suas atividades.

Observo, nessa pesquisa, as ações e atitudes dos trabalhadores mais que os ganhos dos grande empresários e administradores com o uso dos métodos de produção. Faço referência a eles somente quando surge a necessidade de contextualizar os trabalhadores diante do cenário econômico maior.

Certamente, o uso do sistema toyota de produção como regulador do capitalismo não é tão aceito quanto era o fordismo. Surge, então, a necessidade de situar teoricamente nossa pesquisa nas correntes sociológicas do trabalho, o que faço no tópico a seguir.

1.1 Do fordismo ao toyotismo: possibilidades teóricas

Discursar sobre fordismo e toyotismo atende à necessidade de situar o tema na vasta bibliografia existente no mundo do trabalho. Segundo Stephen Wood (1991, p. 1), o fordismo, como centralidade de pesquisa, ganhou forças nos anos de 1970 "...pela teoria da desqualificação de Braverman (1974), que provocou uma controvérsia sobre o processo de trabalho..."¹⁵ (WOOD, 1991, p. 1).

A escola francesa de regulamentação social e política, por sua vez, via o fordismo mais que um método administrativo e sim como processo regulador do capitalismo, logo, considerava a crise do capitalismo como crise do fordismo. Anglieta é um dos principais representantes dessa corrente teórica. (ARRIGHI, 1996, p. 2).

¹⁵ A teoria de desqualificação de Braverman ressaltava a necessidade do trabalhador da linha de montagem se desqualificar para ocupação de suas atividades na linha de montagem. " O centro do debate tem se deslocado, portanto, da desqualificação para a flexibilidade, a qualificação polivalente e a organização coletiva, que vêm sendo chamadas, nos círculos gerenciais, de trabalho em equipe." (WOOD, 1991, p. 1).

Embora considerassem o tema importante para compreender o mundo do trabalho, as conclusões e abordagens sobre ele não eram compartilhadas por todos. Havia problemas fundamentais sobre as atribuições dos conceitos. Problemas esses ainda não resolvidos na sociologia do trabalho.

Com respeito a isso Stephen Wood diz:

Antes de mais nada, há uma série de problemas conceituais. Em primeiro lugar, os autores não usam os conceitos da mesma maneira. A principal noção do debate - o fordismo - pode ser e é frequentemente usada de diferentes maneiras. Para certos autores, o conceito é sinônimo, alternativamente, de taylorismo, produção em massa, linha de montagem automatizada. Para outros, fordismo refere-se a todo um modo de vida (por exemplo, De Vroey, 1984, p. 52). Enquanto certos autores limitam sua aplicação ao processo de trabalho e aos métodos de gestão, outros querem inseri-lo num conjunto de conceitos gerais voltados para a explicação das sociedades como um todo. Realmente, para os teóricos da escola da regulação o fordismo é uma premissa científica que, empregada no âmbito de seu aparato conceitual geral, permite identificar uma época particular do capitalismo - aquela em que a produção em massa prosperou, as rendas reais aumentaram regularmente e o consumo em massa desenvolveu-se em ritmo acelerado. (WOOD, 1991, p. 5-6).

Como vimos em Arrighi (1996, p. 2), foi paradigmático o uso dos princípios fordistas no mundo do trabalho. Inúmeros debates foram travados sobre a importância desse sistema de produção para o capitalismo e para a sociedade como um todo.

O problema é que são muitas as interpretações que se dão aos termos e há variadas formas de se abordar um mesmo assunto. Por isso a importância desse capítulo em aclarar a que me refiro no uso dos conceitos no mundo do trabalho.

Tanto a teoria de desqualificação de Braverman quanto a de regulamentação da escola francesa compreendiam as operações do fordismo mais abrangentes que a simples observação dos métodos gerenciais de produção.

O olhar para a classe trabalhadora segue o pressuposto de Karl Marx (1985, p. 17), de que a estrutura da sociedade e a forma como ela funciona não se encontra entre os grandes capitalistas. Ela precisa ser decifrada a partir das classes trabalhadoras, pois seus fundamentos encontram-se no social.

A maquinaria (...) só funciona com base no trabalho imediatamente socializado ou coletivo. O caráter cooperativo do processo de trabalho torna-

se agora, portanto, uma necessidade dada pela natureza do próprio meio de trabalho. (Grifo nosso) (MARX, 1985, p. 17).

Compreender a vida dos trabalhadores em relação ao maquinário, tecnologia e processos gerenciais de produção é coerente com esse olhar teórico precedido pelo autor.

Não havemos de nos esquecer que os debates sinalizados aqui ocorreram no contexto do pós-guerra. As disputas econômicas entre Oriente e Ocidente deram bases para que as concentrações de pesquisas no fordismo fossem coerentes.

O contexto da guerra fria, na disputa pela hegemonia econômica, faz parte do enfoque teórico do fordismo no Ocidente histórico¹⁶. Ainda segundo Wood: "No Ocidente, o fordismo desenvolveu-se nos marcos de um Estado do Bem-Estar, com sindicatos fortes e acordos políticos corporativistas..." (WOOD, 1991, p. 2).

O Oriente, sob a liderança da União Soviética, fazia propostas de maior controle do Estado sobre a economia. Enquanto o Ocidente, sob comando dos Estados Unidos, apostava no livre-mercado. O fordismo era consequência maléfica das injustiças ocasionadas pelo livre-mercado. Livre-mercado este que em contexto diferente deu base para explosões das grandes guerras. (HOBSBAWM, 2010, p. 107).

As duas superpotências tinham interesses econômicos diferentes. Segundo o historiador Eric Hobsbawm (2010, p. 227), o que fez com que não ocorresse um confronto armado entre elas foi o medo recíproco do poderio bélico entre as potências hostis.

O sistema fordista teve grande contribuição para crescimento da economia Ocidental. Serviu na reconstrução dos países outrora destruídos pelas guerras e na expansão dos tentáculos econômicos dos Norte-Americanos.

É consenso que essa fase que tem o fordismo hegemônico na produção, tem a economia estadunidense como centro do processo, sendo protagonista do que Hobsbawm chamou de "décadas douradas" (HOBSBAWM, 2010, p. 257). Assim, é necessário questionar o papel dos Estados Unidos e das superpotências diante dos novos contextos de crise do atual capitalismo.

¹⁶ Faço uso do conceito de Ocidente histórico no mesmo sentido de Arrighi, que refere-se assim basicamente aos países de maior tradição industrial.

A classe operária, como salvadora do mundo, é um slogan focado em setores específicos do fordismo, como o trabalhador da linha de montagem. Trabalhador esse com pouca especialização, conforme ressaltou Braverman em sua teoria da desqualificação.¹⁷

A crise do capitalismo das décadas de 1970 e 1980, ao invés de realizar a esperança dos marxistas ortodoxos, gerando a superação desse sistema econômico, resultou na permanência do mesmo, o que ocasionou debates mais acalorados entre tais pensadores.

Surgem novas possibilidades de pesquisas sobre a temática, para compreender o que de fato se passou nesse período. As considerações mais recorrentes respondiam que, a classe operária não havia alcançado maturidade necessária para a revolução. Ocorrendo o que Celso Frederico chamou de "falsa consciência de classe."¹⁸

Dentre essas possibilidades analíticas, Arrighi, por exemplo, considera que o capitalismo estava e está em sua fase normal de crescimento e crise. Esse autor trabalhou em *O longo século XX*¹⁹, com o que denominou de "ciclos sistêmicos de acumulação".

Dentre as muitas pesquisas que consideram a crise da década de 1970 e 1980 como uma crise de reorganização do capitalismo, temos David Harvey, que diz ser esse momento parte de uma transição histórica:

David Harvey (1989) sugere que, na verdade, o capitalismo talvez esteja em meio a uma "transição histórica" do fordismo-keynesianismo para um novo regime de acumulação, que ele chama provisoriamente de "acumulação flexível". (ARRIGHI, 1996, p. 3).

Os pressupostos para a pesquisa de Arrighi em seu livro²⁰, são os mesmos de Harvey em *Condição Pós-moderna*²¹. A diferença é que Arrighi segue a linha teórica de Fernand Braudel (1902-1985) com enfoque na longa duração, enquanto Harvey tem olhar mais específico do que vem ocorrendo na pós-modernidade.

Se por um lado, houve abandono de autores marxistas da corrente teórica paradigmática até então, de outro, houve reorganização dessa teoria pelos mais ortodoxos.

¹⁷ A divisão de tarefas no fordismo coloca o trabalhador, da linha de montagem, repetindo apenas um movimento, não precisa ser qualificado para essa função. Na teoria de Braverman ele faz essa denuncia, de que quanto mais desqualificado melhor é para o fordismo. Esse autor traz o tema o trabalho novamente aos campos de debates. Sua tese ficou conhecida como "teoria da desqualificação".

¹⁸ FREDERICO, Celso. *Consciência Operária no Brasil: Estudo com um grupo de trabalhadores*, 1979

¹⁹ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*, 1996

²⁰ Ibidem

²¹ HARVEY, David. *Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, 2006

Sérgio Lessa (2011, p. 79), seguindo a segunda tendência, diz que houve entendimento errôneo dos escritos de Marx, fazendo ele o esforço de pontuar corretamente esses escritos diante de novos contextos.

Lessa (2011, p. 31-79), relaciona e critica vários autores que teorizaram sobre a impossibilidade de abordar a classe trabalhadora como categoria central de pesquisa. Dentre eles estão: Mallet, Gorz, Piore e Sabel, Lajkine, Scharff dentre outros. No Brasil, esse autor relaciona teóricos que acompanham o pressuposto de que, a classe trabalhadora está passando por uma morfologia. São eles: Antunes, Iamamoto e Demerval Saviane (LESSA, 2011, p. 80-125). Esse último com enfoque voltado mais à educação.

Nem todos os teóricos apontados pelo autor viram o fim do sistema fordista como extinção da classe trabalhadora. Ricardo Antunes, por exemplo, em *Adeus ao trabalho?*²², diz que essa classe se alterou numa nova morfologia. O autor denomina-os em *classe-que-vive-do-trabalho*²³.

Para Antunes (1997, p. 50), essa nomenclatura é capaz de enquadrar os novos trabalhadores, sem concordar com André Gorz e Piore e Sabel de que o operário está deixando de existir.

...enquanto perdurar o modo de produção capitalista, não pode se concretizar a eliminação do trabalho como fonte criadora de valor, mas, isto sim, uma mudança no interior do processo de trabalho, que decorre do avanço científico e tecnológico e que se configura pelo peso crescente da dimensão mais qualificada de trabalho, pela intelectualização do trabalho social. (ANTUNES, 1997, p. 50).

O conceito de *classe-que-vive-do-trabalho*, abrange os trabalhadores que não estão mais na linha de montagem das grandes indústrias²⁴, mas que mesmo assim, não conquistaram a sua emancipação financeira, ou seja, não adquiriram a posse dos meios de produção, tendo como única alternativa a venda da força de trabalho aos capitalistas.

²² ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho?: Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*, 1997

²³ Na nova morfologia, do fordismo ao toyotismo, a classe operária torna-se complexa. Antunes para definir e identificar quem são os operários do novo tempo, coloca como critério a venda da força de trabalho para subsistência. Por isso usa o conceito *classe-que-vive-do-trabalho*.

²⁴ Até porque nos novos modelos organizacionais a linha de montagem tem sido substituída por módulos de produção, seguindo o modelo japonês.

Renan Bandeirantes de Araújo (2009, p. 8), segue pela mesma tendência analítica ao constatar o modo de vida *just-in-time* na contemporaneidade. Para ele, há uma "captura da subjetividade operária por meio de novas formas de gestão/coerção de pessoal" (ARAÚJO, 2009, p. 8).

Essa tem sido a corrente teórica seguida por mim nesta pesquisa. Reconheço que o novo momento dos trabalhadores encontra-se em simbiose de estranhamentos, castrações e possibilidades devido à nova morfologia do trabalho.

Correntes teóricas que não levam em consideração a precariedade da vida do trabalhador na contemporaneidade não dão conta de responder às novas relações de trabalho e inviabilizam compreender o fenômeno religioso neopentecostal como participante desse processo.

Ter o modelo japonês de produção como agente do processo já alcançou centralidade nos debates especializados. A questão fica nas perguntas: O que representa o toyotismo para o mundo do trabalho? Desenvolve continuidade ou ruptura com o antigo sistema? Presenciamos um pós-fordismo ou um fordismo retrabalhado? Essas e outras questões procuraram ser respondidas no próximo tópico.

1.2 Do fordismo ao toyotismo: Continuidades retrabalhadas²⁵

Como recurso metodológico, faço aqui a mesma abordagem teórica que na religião, do pentecostalismo ao neopentecostalismo. Uso o conceito de *continuidades retrabalhadas* para referir-me a essa morfologia no campo do trabalho. Considero a mudança do fordismo ao toyotismo, mas não a vejo como simples transição em que o último substitui o primeiro.

Nesse tópico, em especial, pontuo as principais características dessas mudanças no que se refere à vida do trabalhador e à forma como elas foram assimiladas no contexto brasileiro. Considero que as crises eclodidas na década de 1970 expressam essa transição.

A inovação de Henry Ford (1863 - 1947), incorporando a esteira no sistema de produção taylorista, resultou em crescimento da produção em massa. Esse método foi

²⁵ O conceito de continuidades retrabalhadas foi criado e desenvolvido primeiramente por Leonildo Silveira Campos e está em seu livro *Teatro, Templo e Mercado*, 1997, p. 19.

responsável pelo aumento da produção e pela diminuição de custos. Basicamente, foi responsável pela maior sistematização da administração produtiva. (HARVEY, 2006, p. 121).

No caso norte-americano, essas mudanças foram acompanhadas pelas garantias do Estado de bem-estar social, originários no pensamento de John Maynard Keynes (1883-1946). Nesse sistema produtivo, a característica principal está na concentração de trabalhadores na linha de montagem, uma tentativa de transformar os homens e mulheres em mera peças das máquinas, simples mercadoria.

O problema perpétuo de acostumar o trabalhador a sistemas de trabalho rotinizado, inexpressivos e degradados nunca pode ser completamente superado (...) O acúmulo de trabalhadores em fábricas em larga escala sempre trazia, no entanto, a ameaça da organização trabalhista mais forte e do aumento do poder da classe trabalhadora... (HARVEY, 2006, p. 128-129).

A tentativa de transformar a força de trabalho em mercadoria não é exclusividade do fordismo. Há portanto, nesse sistema de produção, a intensificação da venda da força de trabalho como única saída à classe trabalhadora. Transformando uma atividade ontológica dos homens e mulheres em mercadoria.

Giovanni Arrighi (1996, p. 263), nos alerta sobre o problema de transformar a categoria trabalho em mercadoria, para ele:

O "trabalho" representa a atividade humana, uma entidade inseparável da própria vida, que, por sua vez, não é produzida para venda no mercado, mas por razões totalmente diferentes... (ARRIGHI, 1996, p. 263).

Newton Duarte (1999, p. 83-84), diz que a categoria trabalho em sua *objetivação* e *apropriação* da natureza distingue o gênero humano dos animais. Caso essa relação seja esgarçada através da divisão do trabalho, os homens e as mulheres se perdem em meio a existência física, com fortes perdas de sentido.

Com base nos pressupostos acima, há um desvirtuamento do trabalho no sistema capitalista de cunho fordista, afetando enormemente o sujeito portador da mercadoria-trabalho. Nas palavras de Arrighi: "um convite à calamidade social" (ARRIGHI, 1996, 264).

Nesse sistema produtivo há maior fragmentação do trabalho. Trabalhos repetitivos, desgastantes e de baixa qualificação profissional do operário. Além disso, no fordismo, não é

possível a este trabalhador ter visão geral do processo de produção. Ou seja, o saber-fazer se perde em meio à divisão social do trabalho.

Aqui podemos fazer uma primeira inferência entre o fordismo e a intensidade laboral. A falta de sentido nesta forma de trabalho eram tantas que davam bases a argumentações reducionistas de que a religião servia ao propósito de alívio ao desgaste que o trabalhador sentia em seu cotidiano, condizentes com o novo perfil de trabalhador desejado no fordismo:

Os novos métodos de trabalho "são inseparáveis de um novo modo específico de viver e de pensar e sentir a vida". Questões de sexualidade, de família, de coerção moral, de consumismo e de ação do Estado estavam vinculadas, ao ver de Gramsci, ao esforço de forjar um tipo particular de trabalhador "adequado ao novo tipo de trabalho e processo produtivo". (HARVEY, 2006, p. 121-122).

O domingo na igreja foi apontado como alívio e preparação à semana que viria, seguindo os pressupostos de Karl Marx (2005, p. 146-147), de que a religião era anestésico à dolorosa existência do gênero humano. É clássica sua declaração de que "a religião é o ópio do povo".

A ênfase na vida pós-morte, no paraíso, no porvir e na missão de levar Cristo a todas as criaturas parece mais plausível em contextos de vida real pouco atrativa e marcada pelo sofrimento. O olhar aos céus torna-se fuga para o sujeito que aqui sofre. José Comblin (2000, p. 80), refletindo sobre essa lógica capitalista escreve:

O capitalismo precisa de servidores dedicados, submissos, sempre disponíveis, sempre capacitados. Quem vai preparar novas gerações dotadas desse espírito? Eles [elite capitalista] acham que será tarefa das Igrejas. Pois as Igrejas também estão assustadas [diante da pós-modernidade]. Com uma aliança entre capitalismo e o cristianismo pode-se levantar barreiras contra o avanço do niilismo.

Acham que as Igrejas poderão fornecer às empresas pessoas dedicadas, sacrificadas, submissas, obedientes, sempre conformadas com o que se lhes dá, que aceitam o desemprego quando não são mais necessárias e se contentam com qualquer emprego que o sistema lhes oferece. As elites dirigentes são cínicas, mas temem que os subordinados se tornem cínicos também. As Igrejas vão ter que preparar empregados totalmente ingênuos, totalmente escravizados. (COMBLIN, 2000, p. 80).

Embora o perfil de trabalhador desejado nas empresas seja o listado pelo autor e que o cristianismo esta acordada com essa tendência, não se pode dizer que as igrejas conseguirão essa façanha, pois, existe a necessidade de afinidades do contexto social para tais desejos.

São muitas as críticas ao fordismo em sua capacidade de gerar perdas de sentido e consequentemente maior brutalização ao trabalhador. Dentre as críticas está o clássico filme de Charles Chaplin (1889-1977), *Tempos Modernos*, que ressalta a loucura e o stress de um trabalhador na fábrica. O personagem interpretado por Chaplin vive o dilema de levar ao cotidiano as mesmas relações estranhadas experimentadas na fábrica. Um processo contraditório entre exploração física e liberdade mental.

Renan Araújo sobre isso escreve:

...após o período de adaptação aos mecanismos de controle da produção fordista o operário podia contar com seu cérebro livre (por meio da fuga imaginética durante o próprio trabalho) para refletir, inclusive sobre sua condição operária... (ARAÚJO, 2009, p. 22).

Nessa perspectiva, a mente do trabalhador ficava livre para pensar o que melhor lhe agrada. Isso porque, os trabalhadores, na produção, eram vistos como mais uma engrenagem da máquina. Seus movimentos eram repetidos e não exigiam altas qualificações e sim habilidades técnicas. O que precisava, de fato, era rapidez e eficiência para executar as ordens dos superiores.

Outro clássico na crítica ao fordismo é *A classe operária vai ao paraíso* de Elio Petri. O operário Lulu se divide entre a participação no sindicato e se render à sociedade de consumo. Ao longo de seu trabalho, Lulu desenvolve fetiches sexuais ao operar o torno mecânico e por vez mantém relações mecanizadas em casa com a esposa e filhos. A proposta do filme é chamar a atenção pra essa transposição de limites entre trabalho e cotidiano.

Uma ruptura que o toyotismo tem gerado em relação ao fordismo diz respeito à condição mental dos trabalhadores em suas atividades. Comparando as antigas situações com as novas, Araújo salienta que:

...as estratégias de gestão de pessoal e de recursos humanos nesta época do trabalho flexível procuram ocupar em tempo *continuum* a "mente" e o "coração" do operário, induzindo-o ao trabalho participativo, o que implica,

entre outras coisas, a entrega "total" do operário à nova lógica produtiva e racional do trabalho. (ARAÚJO, 2009, p. 22).

Na sociologia do trabalho, essa mudança em relação à mente do trabalhador não é secundária, pois, implica dizer que o todo de sua vida também se altera quando novas propostas são dadas à sua participação no trabalho, forçando alterações radicais de sentido, inclusive em relação à própria concepção religiosa.

Enquanto que defensores da atual ordem social valorizam essas mudanças, autores críticos na sociologia do trabalho, dentre eles Ricardo Antunes (2002, p. 130-134), dizem que há retrocesso da classe operária e da humanidade quando o sentido ontológico do trabalho não é alcançado.

Giovanni Alves (2007, p. 120), por sua vez, considera que as atuais relações de trabalho profundamente referenciadas no toyotismo, só são possíveis mediante a captura da subjetividade do trabalhador. Ou seja, a *classe-que-viue-do-trabalho* tem capturada sua "mente" e "coração" para a acumulação flexível e qualquer discurso que aparece para reafirmar as ações dos trabalhadores nessa lógica opera para alienação do trabalhador diante da sanha do capital.

Se a humanidade é definida como atividade - pressuposto básico de Marx - então alienação significa que a humanidade existe sob a forma de inumanidade, que os sujeitos humanos existem como objetos. Alienação é a objetivação do sujeito. O sujeito (homem ou mulher) aliena sua subjetividade, e essa subjetividade é apropriada por outros (...) Ao mesmo tempo, como o sujeito é transformado em objeto, o objeto que o sujeito produz, o capital, é transformado no sujeito da sociedade. (ANTUNES apud HOLLOWAY, 2002, p. 132).

O fordismo, como sistema hegemônico de produção, durou até a década de 1970, quando finalmente a crise dá mostras de sua força e impede a continuidade deste sistema na indústria. Esse período apresentou falhas para o contínuo crescimento econômico do Ocidente.

No ano de 1973, a crise foi intensificada com o embargo econômico dos Países membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e do Golfo Pérsico para os Estados Unidos e países da Europa. O aumento dos preços do barril de petróleo encareceu grandemente a produção.

A produção em grande escala sem escoamento correspondente levou ao aumento do estoque nas grandes fábricas. Pela primeira vez na história a crise foi de superprodução e não de escassez, revelando a contradição da lógica capitalista (WOOD, 1991, p. 8). Não ocorrendo o escoamento da produção, a crise dá mostras das limitações do fordismo, que operava com grandes estoques.

Entre 1965 e 1973, diz Harvey, tornaram-se cada vez mais evidentes as dificuldades que o fordismo e o keynesianismo enfrentam para manter sob controle as contradições intrínsecas do capitalismo... (ARRIGHI, 1996, p. 3).

Seguindo os pressupostos de Harvey e Antunes o toyotismo é aplicado no Ocidente em resposta à crise. Seus princípios foram capazes de mudar a produção em massa para produção via demanda. Ao invés da fábrica operar com grandes estoques, opera com estoque mínimo. Com esse método é possível maior variedade de produtos, flexibilizando o consumo.

[o sistema japonês têm:] ritmo acelerado de renovação de modelos e de desenvolvimento de novos produtos; flexibilidade produtiva alcançada por meio de inovações organizacionais, como o suprimento *just in time* de componentes; troca rápida de matrizes ou linhas de montagem adaptadas para vários modelos; predominância da rotação de cargos, do trabalho em equipe e de outras formas de flexibilidade funcional em amplos segmentos da força de trabalho; e importância da 'relação de subcontratação' entre grandes e pequenas empresas. (WOOD, 1991, p. 4).

O princípio da empresa enxuta é a base para as novas mudanças na cadeia produtiva. A crise da década de 1970 abre espaço para novas possibilidades. Acompanho a tese de que o modelo japonês tem sobreposto paulatinamente o modelo americano. De acordo com esse pressuposto de análise, o toyotismo desenvolve rupturas e continuidades em relação ao fordismo.

Certamente que algo nunca surge do nada. É sempre transformação/adaptação do que outrora estava funcionando bem e que em momento oportuno requer mudanças para perseguir as mesmas metas. Em relação ao mundo do trabalho o mesmo ocorreu do fordismo ao toyotismo. Segundo Stephen Wood (1991, p. 3), tem ocorrido uma japonização do fordismo.

Basta colocar nos sites de buscas na internet os termos chaves fordismo e toyotismo para a identificação de incontáveis textos que apontam as principais características destes dois

modelos.²⁶ Fica até difícil selecionar os melhores textos sobre a temática, grande parte das vezes por se assemelharem muito os escritos sobre o tema, tratando sempre sobre o que mudou e o que permanece com o atual toyotismo.

A maior parte desses materiais faz menção à tese de David Harvey, *Condição Pós Moderna*²⁷, sobre a transição do fordismo à "acumulação flexível", do qual o toyotismo é protagonista. O fordismo é caracterizado como rigidez e toyotismo como flexibilidade.

Passa-se a impressão de que o toyotismo é a substituição natural do fordismo, quando na verdade a relação entre os dois sistemas produtivos é mais complexa. Fazer essa análise responde a um marco teórico importante.

Se o toyotismo desenvolve rupturas totais com o fordismo (em um pós-fordismo), a forma de encarar as novas relações de trabalho é vista de modo mais positiva para o trabalhador, por romper com um sistema produtivo que gera alienação. Caso o toyotismo seja continuidade do fordismo, as antigas relações alienantes permanecem e os discursos que defendem o toyotismo como um sistema de gestão produtivo que valoriza a classe trabalhadora se revelam como mera falácia.

Sobre essa transição, a posição de Renan Araújo (2009, p. 13), é bem clara. Para ele, novas contradições aparecem devido à metamorfose no trabalho que repercute sobre o indivíduo, afetando e redefinindo os traços que delineiam sua identidade. Logo, as mudanças no trabalho não são somente mudanças gestacionais, mas sim, processo preñado de novas contradições na vida dos trabalhadores.

Levando em consideração a assertiva de Araújo, não creio que a abordagem deva ser reduzida ao bom e ruim, rupturas ou continuidades. Creio que a relação no mundo do trabalho é mais complexa e tem impactos no cotidiano, inclusive sobre a vida religiosa do trabalhador. Isso faz com que haja rupturas e continuidades simultâneas nesse processo. Ocorre o que Leonildo Campos denominou de *continuidades retrabalhadas* (CAMPOS, 1997, p. 19).

David Harvey (2006, p. 191-194), chama esse novo período de fase da "acumulação flexível". Esse autor considera que as novas morfologias do trabalho, advindas do toyotismo,

²⁶ Para mais ver: BATISTA, Erika. Fordismo, Taylorismo e Toyotismo: apontamentos sobre suas rupturas e continuidades; JR. WOOD, Thomas. Fordismo, Taylorismo, Toyotismo e Volvismo: os caminhos da indústria em busca do tempo perdido. Revista Administração de Empresas. São Paulo, 1992; MEDEIROS, Marília Salles Falci. Abordagem Histórica da Reestruturação Produtiva no Brasil. Latitude vol. 3 n 1, 2009

²⁷ HARVEY, David. *Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, 2006.

são marcadas pelo confronto com a rigidez do antigo método. Em resposta à crise do capital os olhos do Ocidente se voltaram ao Japão que parecia imune à crise.

As tecnologias usadas nas fábricas Japonesas tiveram seus princípios extraídos das indústrias norte-americanas e pautadas na herança industrial do próprio Japão:

O modelo japonês não se desenvolveu isolado dos progressos na teoria ocidental de administração, nem desligado dos fundamentos do pensamento japonês original sobre a administração da produção. (WOOD, 1991, p. 21).

Sobre as trocas de experiências organizacionais entre Estados Unidos e Japão, Arrighi diz que:

...o governo dos Estados Unidos promoveu as exportações japonesas para seu próprio mercado interno e, mais ainda, tolerou que os investimentos norte-americanos fossem excluídos do Japão - uma exclusão que forçou as empresas norte-americanas que buscavam acesso ao mercado japonês a fornecerem sua tecnologia, sob licença, a firmas japonesas. (ARRIGHI, 2006, p. 316-317).

Foi com base nos princípios fordistas que o sistema toyota de produção foi elaborado, mas, de acordo com as novas tendências históricas, procurou cada vez mais operar com estoque mínimo.

Ao compreender o toyotismo como continuidade do fordismo, o autor pressupõe que antigos dilemas permanecem enquanto outros são deixados e alguns intensificados. Intensifica-se, por exemplo, a transposição de limites entre trabalho e vida privada. Nas novas formas de trabalho não são possíveis definir o que é trabalho e o que é vida fora do trabalho. Isso se deve às novas exigências de "comprometimento" do toyotismo.

É como se a fábrica, rompendo com os próprios muros, se instalasse permanentemente no meio de nossa sala de visitas, e, de forma vigilante, insistentemente lutasse por fazer valer a máxima toyotista de que "ao proteger a empresa estamos protegendo nossa família". (ARAÚJO, 2009, p. 24).

Em *A corrosão do caráter*²⁸, Richard Sennett mostra como na contemporaneidade as relações de trabalho tem causado crises aos trabalhadores autônomos (típicos da terceirização do toyotismo). Nessas novas relações o cotidiano encontra-se voltado totalmente para o trabalho.²⁹

No livro *Riquezas e miséria do trabalho no Brasil*³⁰, organizado por Antunes, inúmeros pesquisadores mostram os princípios do toyotismo sendo empregados em vários setores de produção, desde bancos até as montadoras de automóveis.

Para que o toyotismo se instale no Brasil com eficiência, da forma que vem ocorrendo, precisa que haja cooptação da força de trabalho como mostrou Giovanni Alves, em seu livro *Trabalho e Subjetividade*³¹.

O toyotismo não é somente mudança tecnológica. É o envolvimento do trabalhador para com a proposta desse sistema produtivo. Quanto mais aumenta o envolvimento intelectual do trabalhador e o desenvolvimento das capacidades cognitivas para o trabalho, mais o toyotismo dá mostras de sucesso. É impossível falar de toyotismo, seja para a crítica seja para sua implantação, sem considerar a subjetividade da classe operária.

A organização toyotista do trabalho capitalista possui uma densidade manipulatória de maior envergadura. Na nova produção do capital, o que se busca "capturar" não é apenas o "fazer" e o "saber" dos trabalhadores, mas sua disposição intelectual-afetiva, constituída para cooperar com a lógica da valorização. O trabalhador é encorajado a pensar "pró-ativamente" e a encontrar soluções antes que os problemas aconteçam... (ALVES, 2007, p. 120-121).

Se o sujeito fordista fazia uso somente da força física, o trabalhador toyotista faz uso de todas as suas habilidades, físicas e mentais. Essa foi uma ruptura clara em relação ao antigo sistema de produção.

Eurenice de Oliveira (2004, p. 144), ao entrevistar um diretor sindical na fábrica da Toyota de Indaiatuba, extraiu a síntese do que é o toyotismo. Para ele "... a Toyota prefere

²⁸ SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*, 1999

²⁹ O neopentecostalismo, em suas teologias, leva as pessoas a caminhos (utopias), que no caso brasileiro, legitimam os princípios do toyotismo. Todo sistema que exige "sacrifícios humanos" para sua implantação se revelam como alienante e opressor, servindo à desumanização. (SUNG, 2012, p. 163).

³⁰ ANTUNES, Ricardo (Org). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil*, 2006

³¹ ALVES, Giovanni A. P. *Trabalho e Subjetividade: ensaio sobre o metabolismo social da reestruturação produtiva do capital*, 2007

gastar muito mais dinheiro na preparação ideológica e intelectual desse trabalhador do que no salário" (OLIVEIRA, 2004, p. 144).

O que fica claro em minha reflexão é que o espírito do toyotismo tem pairado sobre as organizações trabalhistas no Brasil, a partir da década de 1990. Na minha hipótese isto só pôde ocorrer pelo envolvimento da classe trabalhadora na implantação e no funcionamento deste modelo de produção. Isto leva a seguinte pergunta: Como implementar um sistema rígido com pessoas que não foram preparadas para esse tipo de trabalho? É nesse momento que considero plausível pensar-se numa afinidade eletiva entre toyotismo e neopentecostalismo³².

Também aqui podemos fazer uma inferência para o significado da transição do fordismo para o toyotismo no tocante às religiões. É possível que a ênfase em doutrinas para o transcendente é pouco atrativa aos trabalhadores, pois todas as suas forças estão voltadas para conquistas da vida material.³³

Este foco no mundo do trabalho é importante para entender sua relação com o neopentecostalismo no Brasil, já que a intuição teórica central desta pesquisa suspeita que existem certas afinidades eletivas entre esses dois fenômenos: o neopentecostalismo e o mundo do trabalho no Brasil.

1.3 Toyotismo e neoliberalismo no Brasil

As características do toyotismo que abordo a seguir fazem parte do contexto neoliberal. Destaco três pontos analíticos nesse tópico. Faço uso deles por ser didático para mostrar, posteriormente, as afinidades eletivas entre toyotismo e neopentecostalismo no Brasil, a partir da década de 1990. Os pontos de análise estão nos discursos das competências individuais, da flexibilização e do incentivo à livre iniciativa privada.

³² Parto do pressuposto de que os projetos de vida do gênero humano estão baseados em utopias religiosas. "...precisamos adjetivá-la (a utopia) e contextualiza-la para poder discernir a sua "qualidade", para distinguir a fé que nos humaniza daquela que nos desumaniza..." (SUNG, 2012, p. 163).

³³ Isto explica o pouco interesse, na contemporaneidade, em igrejas com foco no paraíso pós-morte, tais como as protestantes históricas e o pentecostalismo clássico. Segundo Sergio Vasconcelos "...atualmente, no mercado religioso atual, no qual o gozo é oferecido ("Pare de Sofrer"), a tendência é não mais se levar em conta a alteridade de Deus, como tradicionalmente foi refletida na teologia cristã. Verbos como "decretar", "exigir", "determinar", "reivindicar", geralmente substituem os verbos "pedir", "rogar", "suplicar", que marcaram a linguagem religiosa e refletiam posturas subjetivas. (VASCONCELOS, 2012, p. 75).

Nesta nova conjuntura do mundo do trabalho, religiões com forte ênfase em doutrinas para o transcendente são pouco atrativas aos trabalhadores, pois todas as suas forças estão voltadas às conquistas da vida material. Isso mostra o pouco interesse nas igrejas com esses discursos, tais como as protestantes históricas e do pentecostalismo clássico.

Destaco aspectos econômicos nesse processo por sua importância estrutural na formação do perfil da nova classe trabalhadora. Conforme já mostrado, o toyotismo se adequa bem ao capitalismo de corte neoliberal. De acordo com Giovanni Alves: "...a ofensiva neoliberal nas instâncias político-ideológicas deram ao capital a maior liberdade possível, sem a qual não poderia afirmar-se como sujeito fora e dentro do processo de trabalho." (ALVES, 2007, p. 31).

A característica principal das novas relações de trabalho se baseia na flexibilidade. Segundo David Harvey, essa flexibilização ocorre em três aspectos: (I) Na produção, (II) no mercado e, (III) nos padrões de consumo. De fato, estudar o toyotismo é considerar constantemente seu caráter flexível em diversos âmbitos.

Para Harvey é inimaginável considerar flexibilidade de produção ou de consumo em outros momentos da história. Pois, só na pós-modernidade as bases sociais dão condições a elas. A flexibilidade é possível quando há a incorporação do trabalho vivo ao trabalho morto. Ou seja, o saber-fazer do trabalhador é incorporado à máquina dando bases para o avanço da tecnologia. Antunes acompanha os mesmos pressupostos teóricos de Harvey, para ele a...

...era da "empresa enxuta", da empresa *toyotista*, retransfere o *savoir-faire* para o trabalho, mas o faz apropriando-se crescentemente de sua dimensão intelectual, das suas capacidades cognitivas, procurando envolver mais forte e intensamente a subjetividade existente no mundo do trabalho." (ANTUNES, 2005, p. 36).

Seguindo os pressupostos de Harvey e Antunes, o toyotismo é aplicado no Ocidente em resposta à crise de 1970 e 1980. Seus princípios foram capazes de mudar a produção em massa para produção via demanda. Ao invés da fábrica operar com grandes estoques, opera com estoque mínimo. Com esse método, é possível maior variedade de produtos, flexibilizando também o consumo.

[o sistema japonês têm:] ritmo acelerado de renovação de modelos e de desenvolvimento de novos produtos; flexibilidade produtiva alcançada por

meio de inovações organizacionais, como o suprimento *just in time* de componentes; troca rápida de matrizes ou linhas de montagem adaptadas para vários modelos; predominância da rotação de cargos, do trabalho em equipe e de outras formas de flexibilidade funcional em amplos segmentos da força de trabalho; e importância da 'relação de subcontratação' entre grandes e pequenas empresas. (WOOD, 1991, p. 4)

O neoliberalismo é caracterizado pelos discursos das competências individuais. São comuns as falas de que, no mercado, os trabalhadores mais capazes, com alto grau de conhecimento, têm maior empregabilidade. Tornou-se senso comum o relacionamento direto entre alta capacitação profissional e bons empregos.

A realidade tem mostrado que essa relação entre competência individual e bons empregos não é causal, pois, as portas estão se fechando ainda mais para a nova classe trabalhadora. O desemprego estrutural tem chegado até mesmo nos países outrora denominados de primeiro mundo:

...com a revolução tecnológica a mão de obra não qualificada é dispensável e os países industrializados, especialmente na Europa, também vivem o problema do desemprego estrutural. (SUNG, 2010, p. 118-119).

Dentre as causas do desemprego estrutural está o toyotismo, que opera com a lógica da empresa enxuta. O trabalhador que só tem como sobrevivência a venda de sua força de trabalho vai perdendo a chance de tê-la subsumida ao capital de corte neoliberal. Permanece então a lógica da qualificação permanente³⁴ para garantia da empregabilidade.

De acordo com os novos discursos, os mais competentes vencem a corrida para o sucesso, a questão é que a realidade não confirma essa ideologia. (COMBLIN, 2000, p. 28).

Muitos desempregados entram na categoria dos "excluídos" e merecem essa designação. Perdem estímulo, orgulho, dignidade pessoal, praticam a autodestruição. A mesma coisa acontece com tantos jovens que não acham trabalho e já estudaram tudo o que podiam estudar. Vão juntar-se aos que, desde o início, pertenceram à economia informal porque sempre souberam que nunca haveria empregos para eles. (COMBLIN, 2000, p. 108).

³⁴ A qualificação permanente, segundo Gattai (2013, p. 129), se desenvolve em três categorias, a saber: comportamentais, técnicas e gerenciais. Na lógica do mercado, os trabalhadores que reúnem esses elementos saem na frente ao concorrer com seu semelhante.

A falácia das competências individuais ou da qualidade total é para Comblin (2000, p. 108), a grande ideologia da contemporaneidade, do atual neoliberalismo³⁵. O discurso de que todas as pessoas são iguais e podem concorrer entre si sem a intermediação das organizações, como o Estado, sindicatos ou até mesmo as igrejas estão baseadas na ideia de um mundo perfeito, gerido pela economia neoliberal.

Jung Mo Sung (2010, p. 122), também aborda essas questões em *Desejo, Mercado & Religião*³⁶. Para ele, os economistas do neoliberalismo mantém uma fé que, de acordo com ela "...o que chamamos de problemas sociais são somente problemas de grupos de indivíduos ineficientes que foram merecidamente alijados pelo sistema de concorrência do mercado." (SUNG, 2010, p. 122).

Considerando o mundo real e as necessidades urgentes do gênero humano, a ideia de que somente os competentes vencem, culpabiliza as próprias vítimas do sistema³⁷. Na qualificação permanente a lógica é a da retribuição.

As organizações que historicamente defendiam os interesses de classes, tais como sindicatos, partidos políticos, dentre outros, se veem deslocados dos novos contextos sociais.³⁸ Perdem prestígio diante dos individualismos que imperam na sociedade.

A ascensão de políticas neoliberais, a partir de 1979, com a vitória de Thatcher, na Grã-Bretanha, e de Reagan, nos EUA, promove a desregulamentação da concorrência e a liberalização comercial, além de adotar políticas anti-sindicais, impulsionando, deste modo, novos patamares de flexibilidade e contribuindo para instaurar um novo poder do capital sobre o trabalho assalariado. (ALVES, 2007, p. 11).

³⁵ "O trabalhador supostamente tem livre escolha: aceita ou não a proposta de trabalho. Acontece que, no mundo real, ele não tem livre escolha. Tem que comer e, por isso, tem que aceitar o que se lhe oferece, ainda que queira rejeitar a oferta. Não existe livre escolha para o trabalhador." (COMBLIN, 2000, p. 17).

³⁶ SUNG, Jung Mo. *Desejo, Mercado e Religião*, 2010

³⁷ Para Rafael Marcus Chiuzi: "...conceitos, como estabilidade, segurança e permanência, não mais podem ser ansiados em um cenário cujo vínculo com a empresa é dependente de uma trama incerta baseada em critérios instrumentais, como desempenho, resultados e facilidades de relacionamento - fatores seguramente contribuintes com a insegurança ontológica do trabalho na sociedade globalizada." (CHIUZI, 2008, p. 15).

³⁸ Tornar-se trabalhador competente significa deixar as lutas sociais de lado e focar em permanecer com alta empregabilidade, assumindo as responsabilidades da empresa. "Hoje, muito mais do que durante a fase de hegemonia taylorista/fordista, o trabalhador é instigado a se autocontrolar, a autorrecriminar-se e, até mesmo autopunir-se quando a produção não atinge a meta desejada (chegando até mesmo, em situações extremas como o desemprego e o fechamento de empresas, ao suicídio a partir do fracasso no trabalho)." (ANTUNES, 2005, p. 53).

O trabalhador inserido nessa lógica flexível precisa permanecer empregável. Surgem então as especializações. As especializações exigidas tornam-se tão pontuais e técnicas que limitam ainda mais a visão do trabalhador do todo produtivo. Conforme diz Antunes:

...quanto mais racionalizado é seu *modus operandi*, quanto mais as empresas laboram na implantação das "competências", da chamada "qualificação", da gestão do conhecimento, mais intensos parecem tornar-se os níveis de degradação do trabalho. (ANTUNES, 2005, p. 18).

Na consideração acima o autor mostra que existem diferenças entre discursos apresentados no neoliberalismo e o mundo real. Os discursos de que trabalhadores melhor qualificados ganham mais, contradiz em o mundo real onde não existe emprego para todos. Surge no novo contexto a categoria do que José Comblin chamou de novos pobres.

Os (novos pobres) nem sequer têm o "privilégio" de serem explorados porque ninguém precisa deles. São ex-operários da indústria, ou do comércio, ou dos bancos. Às vezes, pertenciam à gerência, eram diretores, tinham funções de responsabilidade, mas os computadores substituíram-nos com muita vantagem para a empresa. (COMBLIN, 2001, p. 24).

De acordo com Campos (1997, p. 37), os trabalhadores estão em situações-limites e encontram na simbologia neopentecostal uma forma de ordenar as incertezas do cotidiano. Para o autor o neopentecostalismo tem como público alvo:

...pessoas em situações-limites. Tais indivíduos experimentam intensamente as incertezas da vida urbana, nos quadros de uma economia capitalista em processo de remodelação, aliado a um processo de desarticulação dos modos de vida provocado pelo avanço de um estilo "pós-moderno" (...) cria oportunidade para o emprego de rituais que reduzem as incertezas e restauram nos indivíduos a crença de que o mundo pode deixar de ser não-manipulável e arbitrário. (CAMPOS, 1997, p. 37).

Os sindicatos frente à multiface da classe operária perdem forças por não acompanhar sua metamorfose. No lugar de uma representação forte, como era no fordismo, o trabalhador está relegado à própria sorte.³⁹

³⁹ Ter Deus como aliado nas concorrências comerciais, conforme prega o neopentecostalismo, pode ser boa fuga psicológica ao trabalhador que se vê só diante das concorrências.

Desenvolver as competências individuais é permanecer só diante das aflições do trabalho. É um processo dialético, pois, se viver às metamorfoses do trabalho tem sido loucura, viver sem ele é a ante sala da mendicância. Por isso, os trabalhadores são constantemente convidados a aceitar essas mudanças de modo mais flexível.

Para David Harvey (2006, p. 117), é inimaginável considerar flexibilidade em outros momentos da história, pois, somente na pós-modernidade as bases sociais dão condições a elas⁴⁰.

Stephen Wood (1991, p. 5-6), ressaltou a impossibilidade de enquadrar precisamente o que significa o termo flexibilização no atual neoliberalismo. Isso tem ocorrido devido o constante uso do termo em diferentes formas.⁴¹

A flexibilização não deixa de ser a capacidade de adaptação dos recursos humanos às circunstâncias produtivas da empresa. Mudando não somente o comportamento dos trabalhadores, mas também, a técnica de produção e as formas de relacionamento e comportamento dentro e fora da empresa⁴².

A flexibilidade dentro da empresa está ligada à alternância nos quadros de horários. De acordo com José Antônio de Oliveira Silva (2013, p. 70), a legislação brasileira prevê a compensação quadrimestral de horários, denominada "banco de horas" de acordo com o artigo 6º da lei n. 9.601/98 em vigor desde 22 de janeiro de 1998. Ela promoveu a alteração do § 2º artigo 59 da Consolidação das Leis do Trabalho a CLT.⁴³

De acordo com seus estudos a flexibilização da relações de trabalho tem reflexos negativos à saúde do trabalhador.

⁴⁰ Para Giovanni Arrighi, a flexibilidade é inata ao capitalismo. A flexibilidade, para esse autor refere-se propriamente ao valor monetário (lucro).

⁴¹ Geralmente, flexibilização esta associada a alta tecnologia aplicada ao mundo do trabalho que tem possibilitado mudanças rápidas, tanto nos processos de trabalho, quanto no perfil de trabalhadores empregados nas novas fábricas, objetivando cortar gastos e igualar a produção à demanda.

⁴² A flexibilidade no modelo japonês acontece da seguinte forma "...ritmo acelerado de renovação de modelos e de desenvolvimento de novos produtos; flexibilidade produtiva alcançada por meio de inovações organizacionais, como o suprimento *just in time* de componentes; troca rápida de matrizes ou linhas de montagem adaptadas para vários modelos; predominância da rotação de cargos, do trabalho em equipe e de outras formas de flexibilidade funcional em amplos segmentos da força de trabalho; e importância da 'relação de subcontratação' entre grandes e pequenas empresas." (WOOD, 1991, p. 4)

⁴³ "Evidentemente, o capitalista exigirá a prestação de horas suplementares nos períodos de "pico" de produção ou de vendas e as compensará nos períodos de baixa produtividade ou de escassez nas vendas." (De Oliveira Silva, 2013, p. 70).

...a partir da década de 1990, com uma intensa reestruturação do sistema produtivo e uma forte flexibilização das relações trabalhistas, principalmente quanto à jornada de trabalho, têm provocado um aumento considerável do estresse laboral, bem como de inúmeras doenças no trabalho. (De Oliveira Silva, 2013, p. 66-67).

Uma vez que a flexibilidade das relações de trabalho impera não obstante a estabilidade e o trabalhador sente em sua saúde as consequências de tais mudanças. O neoliberalismo destrói sonhos e cria desejos.

No mundo do trabalho tem crescido o número de pessoas que desejam montar sua própria empresa como saída para a falta de empregos formais, isso aumenta a concorrência e a individualidade tão presente na contemporaneidade: "...presenciamos de fato um *individualismo possessivo* cada vez mais desprovido de *posse*..." (ANTUNES, 2005, p. 17).

Os discursos das competências individuais e da livre iniciativa privada são entendidos melhor dentro do contexto de flexibilização. Algo parece recorrente: Operários que têm o perfil flexível são mais valorizados do que aqueles que não têm esta característica.

Interessante que, o tema da espiritualidade tem crescido nessas novas relações de trabalho. Veremos no próximo tópico a relação entre toyotismo, espiritualidade e neopentecostalismo.

1.4 Toyotismo, espiritualidade e neopentecostalismo

Nas ciências da religião o neopentecostalismo tem sido bem estudado. Quais são, portanto, os contextos sociais que possibilitam o florescimento desse fenômeno religioso na sociedade brasileira? Existem relações diretas entre o neopentecostalismo e a espiritualidade no toyotismo? Esse é o eixo central desse tópico.

No mundo do trabalho, em sua fase de reestruturação produtiva, tem-se aberto interações entre espiritualidade e trabalho. Possibilitando relações entre os dois campos, não conhecida em outros tempos. No Brasil essa tendência é melhor percebida a partir da década de 1990:

O tema espiritualidade no mundo corporativo começa a ser notado, no Brasil no final da década de 1990. Em sua edição de janeiro de 1999, a revista Você

S. A. chama a atenção para o fato de que "A espiritualidade chega às empresas". (KIVITZ, 2007, p. 54).

No fordismo, o interesse era voltado mais às habilidades físicas dos trabalhadores do que em sua subjetividade.⁴⁴ O toyotismo, em contraste ao fordismo, parte da premissa de que os trabalhadores precisam entregar não somente seus corpos para o trabalho, mas também o seu espírito. (ALVES, 2007, p. 121).

Atualmente, nas igrejas, cresce cada vez mais os temas sobre o trabalho, abrindo espaços para que as tendências gestacionais sejam abordadas de formas diretas. Nas empresas, florescem os temas de religião e espiritualidade. Ocasionando trocas simbólicas entre os dois campos. (SILVA & SIQUEIRA, 2009, p. 559).

A abertura no mundo corporativo para a espiritualidade não significa necessariamente uma abertura as religiões institucionalizadas⁴⁵, o propósito é levar o que de melhor existe nas religiões para o mundo do trabalho, possibilitando maior interação entre espírito humano e trabalho. Essa interação entre espiritualidade e trabalho geram novos contextos de possibilidades e crises.

Não devemos confundir espiritualidade com religião. Podemos fazer uma distinção fundamental aqui entre uma e outra. A religião é formada por crenças, dogmas, ritos cúlticos, práticas, entre outras características. A espiritualidade geral, por sua vez, está relacionada a todas as qualidades do espírito humano. E, neste sentido, ela também pode ser vista como um estado de espírito e felicidade da capacidade de produzir o bem. (SOARES apud ARAÚJO, 2013, p. 114).

O que outrora era próprio das igrejas institucionalizadas passa a ser usado mais livremente no mundo do trabalho. As igrejas perdem o controle dos símbolos sagrados. Ao acontecer essa interação entre espiritualidade e mundo do trabalho os símbolos sagrados são resignificados.

⁴⁴ Essa relação é mais comum a partir dos anos de 1990 no Brasil. Por isso essa data foi escolhida como ponto de análise nessa pesquisa.

⁴⁵ "No contexto do trabalho, a espiritualidade não estaria ligada a um sistema religioso, nem a ritualismos organizados ou proselitismos. Não envolve rituais, doutrinas ou crenças religiosas institucionalizadas, ainda que carregue valores comuns à maioria das religiões." (SILVA & SIQUEIRA, 2009, p. 559).

Essa resignificação dos símbolos gera crises entre instituições mais tradicionais, o que não é experimentado pelos neopentecostais. Esse segmento religioso é mais livre e adapta-se melhor as significações das novas simbologias sagradas.

O neopentecostalismo cria conseqüentemente (...) um novo modelo de culto com sua nova dinâmica. A relação com o sagrado passou a se articular dentro de uma nova comunicação, conseguindo agradar às massas populacionais brasileiras, facilitando assim seu arrojo e predomínio.(...)

De fato podemos observar, nos cultos neopentecostais que as interpretações bíblicas são soltas. Não existe um critério teológico para embasar suas mensagens que são intuídas e desprovidas de uma base exegética. Também não encontramos uma hermenêutica bíblica para suas afirmações, normalmente, são expressões motivacionais. (GONÇALVES, 2013, p. 33-34).

Não existe uma única causa para a abertura da espiritualidade no trabalho. O fato é que, em contexto toyotista, falar de espiritualidade nas empresas torna-se cada vez mais comum. Motivo central dessa guinada para a espiritualidade está na busca por melhores condições de trabalho.

Os líderes religiosos neopentecostais por sua vez, sabendo dessa abertura à espiritualidade no trabalho encontra aí um nicho de mercado para sua atuação. E, se fazem relevantes em novos contextos sociais em que a religião não tem mais a hegemonia na construção do sentido da vida.

Esse tema foi estudado com grande competência por Ed René Kivitz (2007), em sua tese de mestrado, intitulada *Espiritualidade no mundo corporativo*⁴⁶. O autor analisou inúmeros significados dados à espiritualidade no mundo corporativo e constatou pouca ligação com às religiões oficiais. Para o autor, voltar-se para a espiritualidade é forma de resgatar a humanização no trabalho, trabalho que se mostrou intenso, alienante e inumano nos contextos tayloristas/fordistas.⁴⁷

⁴⁶ KIVITZ, Ed René. *Espiritualidade no mundo corporativo: aproximações entre prática religiosa e vida profissional*, 2007

⁴⁷ "O modelo taylorista/fordista resulta em "uma sistemática baseada na acumulação intensiva, uma produção em massa executada por operários semiqualeificados, que possibilitou o desenvolvimento do operário-massa (*mass worker*), o trabalhador coletivo das grandes empresas verticalizadas e fortemente hierarquizadas". O taylorismo/fordismo foi a era do capital, o "processo capitalista do trabalho", em detrimento do valor do trabalho. O operário é uma máquina produtiva, destituída de prerrogativas de participação no processo de organização do trabalho. "O taylorismo/fordismo realiza uma expropriação intensificada do operário-massa (e o condenava a uma realidade repetitiva e desprovida de sentido". (Ibid., p. 59).

É difícil crer que a única razão para que as grandes corporações se voltem à espiritualidade seja para garantir que os trabalhadores tenham melhores condições de trabalho. A busca constante por acumulação ainda é o norte dos empregadores, não é de se estranhar que aumentando a espiritualidade no trabalho aumente também seus lucros.

Para Barret (1998), empresas americanas que investiram numa melhor qualidade do trabalho e de relacionamento com os companheiros de trabalho, base da espiritualidade no trabalho, tiveram uma taxa de 418% de retorno de seu investimento. (SILVA & SIQUEIRA, 2009, p. 562).

Não somente os lucros crescem quando a espiritualidade é propalada no mundo do trabalho, mas cresce também o controle dos grandes capitalistas para com a classe trabalhadora. (HARVEY, 2006, p. 140-141).

Ainda de acordo com Kivitz (2007, p. 100), as empresas que se voltam para a espiritualidade trazem consigo uma visão pré-estabelecida, munidos de uma lógica perversa de controle social.

A convivência com o mundo corporativo, portanto, não permite ingenuidade. Não é possível acreditar que a afirmação do "lucro a qualquer preço" conviva pacificamente com qualquer proposta de espiritualidade, religiosa ou não. A lógica (ou espírito) de toda expressão legítima de espiritualidade é incompatível com a lógica do mundo corporativo no contexto do capitalismo de corte neoliberal. (KIVITZ, 2007, p. 100).

A teologia da prosperidade, principal linha teológica do movimento neopentecostal, está em afinidade eletiva com o que ocorre no mundo corporativo, mas sua participação não é direta, justamente porque no mundo do trabalho a abertura às instituições religiosas não é tão aceita quanto para a espiritualidade.

Trabalho com a perspectiva que, a abertura para a espiritualidade é positiva aos grandes acionistas pelos resultados obtidos, as garantias da longevidade produtiva dos trabalhadores são algumas delas. Não nego, portanto, que a espiritualidade pode gerar, em diferentes níveis, ganhos de sentido aos trabalhadores, por tratar de questões mais subjetivas.

O neopentecostalismo como organização institucionalizada tem dificuldade em penetrar nesses espaços, mas como corrente de pensamento livre através da teologia da prosperidade mantém interações claras no mundo do trabalho de vertente toyotista.

Cabe aqui as indagações finais de Silva e Siqueira:

...será que a espiritualidade não estaria a funcionar como mitigadora da noção de trabalho como sacrifício (*sacre, facere*), herdeira da formação cultural cristã (a condenação de Adão no Velho Testamento) e, simultaneamente, como amenizadora das hierarquias e das contradições inevitáveis nas organizações? Uma possível resposta para o fato de que as contribuições da espiritualidade para o trabalhador não superam, de fato, as condições precárias atuais de trabalho. (SILVA & SIQUEIRA, 2009, p. 563).

Pontuei, nesse capítulo, a morfologia no mundo do trabalho, que integra: mudanças tecnológicas, novo perfil de trabalhador (mais flexível) e maior interação da religião em seus espaços. Quais portanto, são as mudanças que ocorrem no pentecostalismo brasileiro? Quais suas inferências para o dia-a-dia do fiel? Essas e outras questões serão melhor vistas no próximo capítulo. Diante de uma proximidade maior entre o mundo do trabalho e as religiões.

Capítulo 2

O fenômeno neopentecostal no Brasil a partir da década de 1990

O fenômeno religioso neopentecostal é protagonista das mudanças no cenário religioso brasileiro. Transformações na liturgia dos cultos, maior participação política e social são algumas das mudanças possíveis de serem vistas com mais intensidade a partir da década de 1990 no Brasil.

São muitos os estudos e cada dia cresce mais o número de pesquisas sobre o neopentecostalismo. Cada abordagem está de acordo com os paradigmas metodológicos dos pesquisadores. Sendo assim, sobre um mesmo fenômeno é possível fazer inúmeros recortes. Conforme ratifica Leonildo Campos: "Na discussão desses paradigmas, podemos localizar o progresso dos conhecimentos sobre o pentecostalismo e mapear as pesquisas recentes sobre o neopentecostalismo..." (CAMPOS, 1997, p. 28).

Não é propósito desse trabalho descrever todos os textos sobre o pentecostalismo no Brasil. Mas, como em toda pesquisa sobre a temática, há a necessidade de situar o fenômeno dentro das correntes teóricas e as tipologias mais usadas na definição do recorte temático que proponho.

Adianto que, num sentido mais geral, o interesse dessa pesquisa está na relação entre o fenômeno religioso e as ciências sociais. Ricardo Bitun (2007, p. 19), em sua tese de doutorado, nos alerta sobre a árdua tarefa em abordar o fenômeno pentecostal no Brasil:

Muitos estudiosos da religião têm pesquisado e escrito sobre os pentecostais na tentativa de situar este fenômeno no campo religioso brasileiro, procurando compreendê-lo e estabelecer uma tipologia que melhor reflita o movimento. A tarefa tem sido tão árdua que não existe uma concordância em torno de um nome único... (BITUN, 2007, p. 19).

Uma destas problemáticas, é a falta de concordância entre pesquisadores sobre o uso dos conceitos relativos aos pentecostalismos brasileiros. Devido a isso, dedico parte desse capítulo para aclarar o quadro conceitual que aplico ao estudo do movimento religioso denominado de neopentecostalismo.

Assim, esse capítulo serve a dois propósitos: (I) Definir quem são os neopentecostais, ou seja, metodologicamente como é possível abordá-los, e (II) mostrar como o neopentecostalismo ressaltou uma forma nova de enxergar a vida com novos parâmetros axiológicos no cotidiano, sobretudo no trabalho.

Neste segundo ponto será abordada a importância que a religião apresenta em uma sociedade secularizada e em como os discursos neopentecostais tem adaptado a mensagem pentecostal para promover influências na contemporaneidade.

Procurou responder algumas perguntas neste capítulo. Seria o neopentecostalismo uma expressão de uma religiosidade puramente imanente, sem nenhum vínculo com um horizonte utópico? Seria o neopentecostalismo a religião da pós-modernidade que promove a desinstitucionalização uma religiosidade secularizada e adaptada aos parâmetros da cultura capitalista?

As respostas e considerações desse capítulo servirão de base à reflexão desenvolvida no terceiro capítulo, que tem o propósito de analisar as possíveis afinidades eletivas entre o neopentecostalismo e o sistema toyotismo, principalmente no que tange ao mundo do trabalho.

2.1 Os neopentecostais: conceitos e tipologias

Nos estudos dos pentecostalismos brasileiros a dificuldade inicia na definição dos conceitos e os sentidos dados a eles. É algo idêntico ao que ocorre nos estudos em relação ao mundo do trabalho, conforme vimos no capítulo primeiro. Nem sempre o uso dos mesmos conceitos, em pesquisas diferentes, quer dizer a mesma coisa.

A dificuldade começa na variedade de termos existentes para definir um mesmo fenômeno. Geralmente os nomes são cunhados para atender a um paradigma teórico de pesquisa. Com as mudanças de paradigmas há a necessidade de realocar o conceito ou atribuir ao fenômeno nova nomenclatura. (CAMPOS, 1997, p. 27).

A avaliação dos modelos teóricos, valores e paradigmas que têm orientado as pesquisas sobre pentecostalismo é uma exigência epistemológica de fundamental importância. Esse procedimento pode contribuir para a relativização de nossos próprios modelos de classificação, generalização e

síntese. Com isso, devolvemos a ciência ao seu *locus* humano e permitimos que seus paradigmas, como observou Thomas Khun (1972), sejam vistos como estímulos ao conhecimento de alguns aspectos do objeto pesquisado. Dessa maneira, evita-se o surgimento da “miopia das hipóteses”, aquela “cegueira parcial” que dificulta o abandono desta ou daquela trilha analítica, sedimentada ou petrificada pelo excesso de uso. (Ibid., p. 27).

O conceito mais usado, tanto no senso comum, quanto nos estudos acadêmicos para referir-se ao fenômeno religioso em questão tem sido o de *neopentecostais*. Magali do Nascimento Cunha em *A Explosão Gospel*⁴⁸ prefere o termo *Pentecostalismo Independente e Pentecostalismo Independente de Renovação* para referir-se a esses grupos. Embora em certas ocasiões compartilhe do conceito *neopentecostais*. (CUNHA, 2007, p. 15).

De acordo com a autora, o conceito de pentecostais independentes pretende indicar que este grupo não tem raízes históricas na Reforma do século XVI, além de romper com os asceticismo pentecostal histórico.⁴⁹ O fenômeno rompeu com a teologia reformada e opera com novos significados religiosos. O neopentecostalismo mantém diálogo mais aberto com as crenças populares de origem cristã e afro-brasileiras, como uma espécie de matriz do imaginário religioso nacional. (CAMPOS, 1997, p. 38).

Os Pentecostais Independentes de Renovação⁵⁰ são denominados assim por terem como público alvo as classes médias e a juventude, fugindo do público alvo pentecostal de outrora, situado predominantemente nas classes baixas da sociedade (CUNHA, 2007, p. 15). Esse segmento pentecostal tem conseguido grande expressão na mídia secular brasileira através da música gospel. São comuns as participações dos artistas *gospels* em programas da TV brasileira, programas baseados no espetáculo e no entretenimento e não na transmissão de mensagens religiosas.

⁴⁸ CUNHA, Magali do Nascimento. *A Explosão Gospel: Um olhar das Ciências Humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*, 2007

⁴⁹ **Pentecostalismo Independente (também denominado Neopentecostalismo)** que, sem raízes históricas na Reforma do século XVI, surgiu (e surge ainda hoje) de divisões teológicas ou políticas nas "denominações históricas" a partir da segunda metade do século XX. Tem como especificidades sua composição em torno de uma "liderança carismática", a pregação da Teologia da Prosperidade e da Guerra Espiritual, a prática constante de exorcismos e curas milagrosas e o rompimento com o ascetismo pentecostal histórico. Sua enumeração é difícilíssima, dada a profusão constante de novas igrejas: entre outras, Deus é Amor, Brasil para Cristo, Casa da Bênção e Universal do Reino de Deus." (Ibid., p. 15).

⁵⁰ **Pentecostalismo Independente de Renovação**, que apareceu no final do século XX e ganha força no início do século XXI. Possui as características do Pentecostalismo Independente (alguns autores tratam este grupo de igrejas integrado ao outro). no entanto difere dele por ter como público alvo as classes médias e a juventude, estruturando seu modo de ser para alcançá-los. Esse modo de ser atenua a ênfase no exorcismo e nos milagres e ressalta a prosperidade e a guerra espiritual. Grupo de igrejas composto pela Renascer em Cristo, Comunidades (Evangélicas, da Graça), Sara a Nossa Terra, Bola de Neve, outras." (Ibid., p. 15).

A interação do fenômeno pentecostal com a mídia secular tem moldado a visão da sociedade brasileira com o fenômeno religioso. Há a possibilidade de consumo das músicas e mensagens religiosas sem interesse de se filiar a uma igreja pentecostal ou neopentecostal. Sabendo disso os pastores se profissionalizam para lidar com os novos meios de comunicação e conquistar novos adeptos. Para isso:

A mensagem religiosa é adaptada às exigências midiáticas para que tenha eficácia e persuasão, atingindo as pessoas diretamente em seus sentimentos e em suas necessidades. Uma nova Igreja é criada: universal e virtual. Os lares transformam-se em templos; os púlpitos são os aparelhos de televisão; o sinal de pertencimento ao grupo se expressa no consumo dos bens religiosos, que são oferecidos de acordo com a necessidade do indivíduo. Em tudo isso o mais importante é o espetáculo; o culto reveste-se da transparência da mídia, onde a imagem é o centro de tudo. (CORREA, 2013, p. 128).

O caso da Assembleia de Deus é exemplar nessa interação das igrejas com a mídia pois, a princípio, essa instituição foi contra o uso de TVs e aos poucos foi se rendendo aos benefícios que essa ferramenta poderia proporcionar. A transmissão da mensagem religiosa entre não religiosos, via comunicação em massa é um projeto de evangelização, bem aproveitada pelos neopentecostais.

Ainda sobre a construção dos conceitos, Magali Cunha enfatiza que "...os conceitos são construídos de acordo com o contexto socio-histórico" (CUNHA, 2007, p. 16). Sendo assim, as variedades de tipologias e sentidos devem-se ao caminhar da história, à interação do secular e o profano. Às produções intelectuais também desenvolvem papel importante nesse processo de construção dos conceitos.

A existência de muitos nomes para classificar os neopentecostais mostram a complexidade e a fluidez do fenômeno. O fenômeno é complexo por apresentar inúmeras variantes e fluído por estar em constante mutação, se reinventando a cada dia. Ricardo Bitun (2007, p. 19), relaciona alguns dos possíveis nomes para classificar os pentecostais e neopentecostais no Brasil: São eles:

...pentecostalismo autônomo, isopentecostalismo, pentecostalismo neoclássico, pós-pentecostalismo, pentecostalismo crioulo, pentecostalismo mestiço, protestantismo sincrético e ultrapentecostalismo, apenas para citarmos alguns. (BITUN, 2007, p. 19).

A problemática na classificação dos pentecostais não está somente nos nomes dados a eles, mas também, em seu marco temporal. Aqui, desde logo, cabe anotar uma dificuldade para se discutir possíveis afinidades eletivas entre um segmento do campo religioso brasileiro e as mudanças no campo do trabalho. No mundo do trabalho, as mudanças têm se mostrado mais lentas do que no campo religioso. No mundo do trabalho, para que uma mudança ocorra, faz-se necessário uma grande logística de tecnologia e gestão de pessoas, enquanto isto no campo religioso, as mudanças se caracterizam por um alto grau de fluidez e afetam aspectos da vida subjetiva das pessoas.

Além disso, cada dia cresce o número de instituições religiosas no Brasil e aparecem novos líderes carismáticos que reclamam para si uma nova revelação divina a ser seguida pelo povo brasileiro. Isso revela a constante morfologia desse fenômeno. Alguns como meteoros, da mesma maneira que aparecem, de repente se vão.

Na contemporaneidade os religiosos que detém a posse de meios de comunicação em massa tem se mostrado mais influentes em comparação àqueles que não tem o controle desses meios de comunicação. Isto instaura na religiosidade brasileira uma briga pela posse e controle da mídia.⁵¹

A internet, por sua vez, tem se apresentado como espaço para surgimento de novos atores sociais na transmissão da mensagem pentecostal. As redes sociais e os sites de compartilhamento de vídeos são ferramentas ideais para esse fim. A adesão à internet tem ocorrido por alguns motivos: É mais acessível, rápida e barata em comparação a mídia televisiva e mais dinâmica, possibilitando interação em tempo real entre religiosos e fieis. Gedeon Alencar (2011, p. 44), sobre a apropriação da internet pelos religiosos diz que:

...no universo evangélico quando a internet ainda era apenas um vislumbre de um "admirável mundo novo". Houve uma disseminação fascinante de que, agora através da web, o mundo todo - todas as pessoas e todos os lugares e em todos os tempos - poderia ser evangelizado. (ALENCAR, 2011, p. 44).

⁵¹ É exemplar a disputa entre a Igreja Universal do Poder de Deus (IURD), sob a liderança do Bispo Edir Bezerra Macedo e a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), sob liderança de Waldemiro Santiago. Segundo Ricardo Bitun esse último "...veio para **ficar** e **brigar** de igual com qualquer um dos chamados 'grandes'...", inclusive pela posse dos "...programas diários da televisão..." (Grifo nosso) (BITUN, 2007, p. 49).

Os profetas do novo tempo não precisam pertencer a uma instituição organizada, basta que tenha facilidade de comunicação⁵² e o carisma necessário para se fazer relevante na web. A base do sucesso desses comunicadores tem sido o espetáculo, conforme salienta Sergio Vasconcelos:

...[uma] característica que marca o contexto atual é a "espetacularização da existência". Como afirma Douglas Kellner (2004, p. 5), nas últimas décadas, a indústria cultural possibilitou a multiplicação dos espetáculos por meio de novos espaços e sites, e o próprio espetáculo está se tornando um dos princípios organizacionais da economia, da política, da sociedade e da vida cotidiana. (VASCONCELOS, 2012, p. 65).

Descobrir qual a importância dessas instituições e atores sociais no cenário social brasileiro tem sido um dos desafios nas novas pesquisas. Isso ocorre porque os conceitos são moldados pelas mudanças recentes no cenário religioso. Os caminhos trilhados pelos neopentecostais contribuem para essa morfologia. (BITUN, 2007, p. 16).

...o surgimento constante de novos atores sociais na disputa com o clero, institucionalizado na manipulação dos bens simbólicos, tem tornado este campo "um campo de manipulação simbólica mais amplo do que as fronteiras da religião institucionalizada" (BOURDIEU apud BITUN, 2007, p. 16).

Com respeito as tipologias mais usadas, pode-se dizer que, nos estudos de neopentecostalismo brasileiro as "três ondas" de Paul Freston já se cristalizaram⁵³. Essa tipologia ganhou popularidade por ser mais didática ao abordar o fenômeno, revelando sua dinâmica interna. Segundo Ricardo Mariano:

No Brasil, Freston (1993) foi o primeiro a dividir o movimento pentecostal em ondas. A partir de um recorte histórico-institucional e da análise da dinâmica interna do pentecostalismo brasileiro, Freston dividiu-o em três ondas... (MARIANO, 1999, p. 28).

⁵² A comunicação na internet não pauta somente na oratória, mas também em habilidades de *marketing* e publicidade.

⁵³ Ricardo Bitun sintetiza "as três ondas" de Freston da seguinte forma: "A primeira [onda] (...) inclui as igrejas Congregação Cristã do Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911). A segunda onda, que tem início a partir dos anos 50, inclui a Igreja do Evangelho Quadrangular (1953), o Brasil para Cristo (1955), Deus é Amor (1960), e outras. E, por fim, a terceira onda na década de 70, inclui a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Internacional da Graça de Deus (1980), Comunidade Sara Nossa Terra (1976), Renascer em Cristo (1986), entre outras." (BITUN, 2007, p. 33-34).

Leonildo Silveira Campos⁵⁴ em *Teatro, Templo e Mercado*⁵⁵, acrescenta que a definição das três ondas foi inspirada em David Martin e Peter Wagner em uma metáfora oriunda da física. No contexto brasileiro esta conceituação é originalmente aplicada mais ao estudo do comportamento político dos evangélicos brasileiros. (CAMPOS, 1997, p. 17).

Essa tipologia tem recebido críticas por não possibilitar olhar para as especificidades dentro de uma mesma onda, mesmo assim continua sendo ferramenta teórica interessante na compreensão do fenômeno pentecostal no Brasil.⁵⁶

Esse é o grande motivo pelo qual, nas pesquisas de religião, precisa-se aclarar de quem se fala quanto aos usos dos conceitos, pela diversidade de sentidos e pela pluralidade de manifestações de fé.

Apesar das especificidades não compreendidas na tese de Freston, ela ainda é usada quando a proposta do pesquisador é a de ter olhar mais panorâmico e histórico em relação ao que vem ocorrendo no pentecostalismo brasileiro.

Foi esse o caminho seguido por Bitun (2007, p. 36), quando desejoso de enfatizar o neopentecostalismo e as ciências sociais considera positiva a contribuição de Freston. Para esse autor:

A divisão proposta por Freston nos ajuda a detalhar um pouco mais o campo pentecostal, deixando cada onda bem configurada e caracterizada no tempo de seu nascedouro, além de ser uma boa proposta de periodização. Classifica as igrejas pentecostais segundo sua origem, relacionando a implantação de cada uma delas ao movimento histórico vivido pelo país. Separam o em três ondas o campo pentecostal, sendo inovador em relação às divisões feitas até então... (BITUN, 2007, p. 36).

Devido às propostas desse projeto de pesquisa em analisar religião e o mundo do trabalho, absorvo as críticas quanto ao uso do termo *neopentecostais* e considero que o

⁵⁴ A IURD foi longamente estudada por Campos, a proposta de seu texto é aclarar as principais características dessa instituição religiosa em contexto maior do neopentecostalismo e da sociedade contemporânea. Mesmo o texto sendo escrito no final dos anos de 1990 a atualidade desse trabalho é impressionante.

⁵⁵ CAMPOS, Leonildo Silveira, *Teatro, Templo e Mercado: organização e marketing de um empreendimento pentecostal*, 1997

⁵⁶ Por exemplo: Tanto a Igreja Universal do Reino de Deus quanto a Renascer em Cristo são classificadas na terceira onda pentecostal, no neopentecostalismo. A primeira instituição tem enfoque maior na teologia da prosperidade e na batalha espiritual. Enquanto que, a Renascer em Cristo, embora tenha esses elementos em sua teologia é mais conhecida por abrir espaço aos jovens e às bandas de rock gospel.

neopentecostalismo, das três ondas de Freston, expressa bem de quem falo ao referir-me ao assunto.

Quando, na academia, se define a existência de um novo pentecostalismo, através do prefixo *neo*, pressupõe-se implicitamente a existência de um antigo pentecostalismo. A passagem de um para outro será visto no próximo tópico.

2.2 Do pentecostalismo ao neopentecostalismo: continuidades retrabalhadas

Em se tratando da passagem do pentecostalismo ao neopentecostalismo, não há simples abordagens metodológicas. O neopentecostalismo não é mera continuidade do pentecostalismo e nem mantém totais rupturas com o fenômeno. O conceito de *continuidades retrabalhadas*⁵⁷ parece mais coerente com o que vem ocorrendo no Brasil.

Com ressalvas teóricas, Magali do Nascimento Cunha usa o termo de *hibridismo cultural* para referir-se ao que ocorre no cenário religioso atual, onde o arcaico e o moderno se entrecruzam⁵⁸.

O número crescente de novas instituições revela que os rigores científicos são ineficazes quando se deparam com a fluidez do neopentecostalismo. Por vezes o antigo e o novo se misturam e o que parecia obsoleto no cenário religioso reaparece como a última tendência.

Para Leonildo Campos (1997, p. 19), o neopentecostalismo é resposta a desafios históricos e concretos sofridos pelo movimento pentecostal:

A pluralidade de experiências religiosas no Brasil tem colocado, para os estudiosos da religião, o desafio de compreensão a partir de elementos que ultrapassem a interpretação exclusivamente religiosa e alcancem os chamados fatores sociais. Um dos que defendem esta abordagem é o norte-americano Richard Niebuhr. (CAMPOS, 1997, p. 19).

⁵⁷ As rupturas e continuidades foram abordadas por Ricardo Bitun em sua tese de doutorado para referir-se a Igreja Mundial do Poder de Deus em ruptura-continuidade à Igreja Universal do Reino de Deus (Bitun, 2007, p. 15).

⁵⁸ "... o gospel é híbrido porque entrecruza aspectos da modernidade e da tradição, mas não apresenta um modo de vida que traz em si o novo, a criação, como seus promotores buscam pensar e fazer pensar, mas trata-se de um modo de vida cuja novidade é superficial, ou seja, não traz mudança de valor central. (CUNHA, 2007, p. 171).

Desenvolver os estudos de rupturas-continuidades do pentecostalismo ao neopentecostalismo atende a necessidade de verificar no neopentecostalismo a sua origem.

É atribuído o início dos neopentecostais à IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) e a Edir Macedo como principal desencadeador desse fenômeno religioso, pelas novidades implantadas por sua igreja. Macedo continua sendo protagonista no cenário religioso nacional.

O Bispo Edir Macedo é a expressão de um tempo. As mudanças desencadeadas por ele e sua instituição só puderam ocorrer devido a conexões com um momento histórico específico, onde as condições materiais possibilitaram tais mudanças⁵⁹.

O *neopentecostal* é um sujeito que se adéqua à sociedade. Isto significa que o neopentecostal está pouco interessado em lutar contra ela, como faziam os pentecostais clássicos de primeira onda (Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil). Sobre isso Leonildo acrescenta:

A teologia *iurdiana* é uma acomodação da teologia pentecostal, inicialmente "contra o mundo", mas que agora se acomoda às demandas das massas por cura, liberdade e prosperidade material, fazendo-lhes concessões, algumas delas contrárias às posições teológicas tradicionais do próprio movimento pentecostal. (CAMPOS, 1997, p. 294).

Ricardo Mariano (1999, p. 67), em *Neopentecostais*⁶⁰, tem a concepção prévia de que os neopentecostais são antigos pentecostais adequados às novas demandas sociais. Para ele: "O prefixo "neo" mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter à sua formação recente, quanto ao caráter inovador do neopentecostalismo." (Ibid., p. 67). Para o autor o neopentecostalismo é uma continuidade clara de um antigo pentecostal que se adaptou.

A novidade é que não são somente os pentecostais que moldam sua visão de mundo, mas também os protestantes históricos e outros segmentos religiosos. Gedeon Alencar (2005, p. 109), ressaltou em *Protestantismo Tupiniquim*,⁶¹ contribuições do neopentecostalismo, sobretudo da IURD para o cenário religioso nacional.

⁵⁹ De acordo com Richard Niebuhr, conforme sinaliza Campos (1997, p. 19), um segmento religioso só pode desenvolver-se se as condições materiais forem favoráveis a isso.

⁶⁰ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*, 1999

⁶¹ ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo Tupiniquim*, 2005

Mariana Correa (2013, p. 129), também compartilha da ideia de que os neopentecostais influenciam os outros grupos religiosos. Influência perceptível na Igreja pentecostal de primeira onda, a Assembleia de Deus, segundo ela:

...as Assembleias de Deus distanciaram-se largamente de sua origem; os hábitos praticados atualmente em seus domínios mostram uma igreja que caminha lado a lado com as necessidades sociais vividas no contexto urbano por seus membros, ou seja, uma comunidade massificada, capitalista, tecnológica e globalizada. Suas características assemelharam-se, em grande parte, àquelas típicas das igrejas denominadas neopentecostais, tal como a Igreja Universal do Reino de Deus, que se apoia na sociedade midiática e faz da teologia da prosperidade uma forma de estratégia para encontrar e servir a Deus. (CORREA, 2013, p. 129).

Não haveria pleno sucesso dessas instituições se elas propusessem uma teologia totalmente nova em relação ao imaginário religioso brasileiro⁶². O neopentecostalismo não é de todo novo, pelo contrário, suas bases e origens estão em um passado que foi retrabalhado⁶³.

Leonildo Campos (1997, p. 19), trabalha a ideia de que o sucesso da Igreja Universal do Reino de Deus está, entre outros motivos, na imagem que os neopentecostais retrabalham de Deus. O autor se apoia nas teorias francesas do imaginário social.

Para esse autor "...o neopentecostalismo se alimenta tanto ritual como teologicamente, ao se apropriar de símbolos, linguagens e visões de mundo preexistentes ao seu surgimento na história (CAMPOS, 1997, p. 19). Nesse sentido, não apresenta nenhuma visão nova sobre Deus, apenas reformula a já existente. Vejamos mais sobre isso.

2.3 O neopentecostalismo e a Religiosidade Mínima Brasileira

Conforme vimos acima, o neopentecostalismo apresenta, além de rupturas, continuidades com as instituições religiosas anteriores. Mas, o que significa dizer que os

⁶² Aceito o argumento de Campos sobre o imaginário social: "Entendemos como imaginário brasileiro o conjunto de representações coletivas sedimentadas que, transmitidas de uma geração para outra, formaram um substrato comum a todos, uma espécie de matriz religiosa, que permanece subjacente ao catolicismo, a certas formas de kardecismo e religiões afro-brasileiras. Esse terreno contém o húmus no qual o neopentecostalismo se alimenta tanto ritual como teologicamente, ao se apropriar de símbolos, linguagens e visões de mundo preexistentes ao seu surgimento na história." (CAMPOS, 1997, p. 19).

⁶³ As afinidades eletivas entre protestantismo e capitalismo se aplicam ao moderno pentecostalismo e a economia contemporânea.

neopentecostais trazem consigo a Religiosidade Mínima Brasileira? Existe essa Religiosidade Mínima? Quais seriam suas principais crenças?

Acompanhar as continuidades das instituições religiosas não quer dizer que seus valores e crenças sejam assimilados de maneira pura. Uma coisa é o institucional, o oficial e os discursos emitidos a partir dos lugares instituído. Outra, bem diferente, são os elementos subjetivos das crenças, os não ditos, dos quais a Religiosidade Mínima Brasileira se nutre em boa medida.

A tese de Religiosidade Mínima Brasileira foi desenvolvida por André Doogers e responde a um conjunto de crenças religiosas presentes na sociedade brasileira. Trata-se de algo que ultrapassa os discursos oficiais e institucionais e tem manifestações maiores nos meios seculares. (MIYAHIRA, 2011, 196).

A Religiosidade Mínima pressupõe que o imaginário religioso é composto de crenças construídas na história brasileira, ou seja, tem a ver com um "longo processo de formação matricial, com necessárias adaptações" (CAMPOS, 1997, p. 19).

Fernando Tetsuo Venusa Miyahira (2011, p. 196), sintetizando o estudo de Religiosidade Mínima Brasileira com base nos textos de André Doogers diz que:

...[existe] uma “religião brasileira”, já que pode haver a existência de uma “cultura brasileira”, onde todos os brasileiros a reconhecem e consideram elementos religiosos em comum (DROOGERS apud MIYAHIRA, 2011, 196).

Dissertar sobre o religiosidade mínima brasileira nessa pesquisa tem dois propósitos. O primeiro de percepção mais imediata, a saber: Relacionar o sucesso neopentecostal no Brasil a uma religiosidade mínima. Logo, converter-se às novas igrejas é acompanhar os discursos que são mais coerentes com as crenças historicamente herdadas.

O segundo propósito será melhor compreendido nas considerações teóricas do próximo capítulo. Refere-se ao pressuposto que os princípios do toyotismo são embalados em crenças da Religiosidade Mínima Brasileira, o que pode contribuir para a captura da subjetividade para o trabalho, conforme assinala Giovanni Alves⁶⁴.

⁶⁴ ALVES, Giovanni. *Trabalho e subjetividade: O espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. 2007

Em contribuição à essa temática Delmo Gonçalves (2013, p. 96), ratifica que essa religiosidade mínima está presente nos rituais da Igreja Universal do Reino de Deus. De acordo com o imaginário das pessoas há uma construção de símbolos que geram sentido e segurança para a vida:

A universal explora com maestria em seus rituais todo um imaginário fazendo uma aplicação bíblica própria construindo ações simbólicas onde os grupos e indivíduos revivem experiências fundamentais geradoras de sentido e segurança para a vida presente, dedicando grande parte do tempo a rituais de cura e exorcismo, propondo livrar as pessoas dos males e insucessos da vida, observa Campos (1997). (GONÇALVES, 2013, p. 96).

O imaginário social presente na Religiosidade Mínima Brasileira, gera segurança ao religioso e possibilita a esse indivíduo se encontrar em contexto flexível. Além de Doogers outros autores trabalham a ideia de que existe um imaginário religioso mínimo que dá as bases para o sucesso dos neopentecostais.

Magali do Nascimento Cunha (2007, p. 34), relaciona alguns desses estudos, a saber: "Matriz simbólica de uso comum, criado por Carlos Rodrigues Brandão⁶⁵; Elementos básicos da religiosidade popular, desenvolvido por Rubem César Fernandes⁶⁶; e Matriz religiosa brasileira, proposto por José Bittencourt Filho⁶⁷." (CUNHA, 2007, 34).

Assim, o neopentecostalismo, segundo Campos (1997, p. 316), não apresenta novidades esdrúxulas sobre Deus:

O Deus, ao qual se solicita a conversão é o mesmo da religiosidade popular brasileira, isto é, um Deus que se posiciona acima das leis da natureza e que, devido à distância, depende de mediadores para interferir e burlar as leis criadas por ele mesmo. Ele, apesar de todo-poderoso e milagroso, depende e opera por intermédio de mediadores - os "curandeiros". Nesse sentido, teologicamente, o pentecostalismo não trouxe nenhuma versão esdrúxula de Deus... (CAMPOS, 1997, p. 316).

⁶⁵ Para Brandão o religioso "faz seu próprio recorte e combina seu repertório de crenças". É dentro dela que coexistem todos os deuses e demônios e todas as modalidades de relações entre eles e os homens e mulheres.

⁶⁶ Refere-se à composição de um mundo comum a partir de aspectos que estão presentes em todas as religiões brasileiras: natureza, seres humanos, alma dos mortos, divindades positivas e negativas, um Deus soberano. O relacionamento entre as partes varia segundo as diferentes visões.

⁶⁷ Diz respeito a um "substrato religioso-cultural" evidenciado a partir de "formas, condutas religiosas, estilos de espiritualidade e condutas religiosas uniformes". Segundo Bittencourt Filho, o termo "busca traduzir uma complexa interação de ideias e símbolos religiosos que se amalgamaram num discurso multissecular", portanto é objeto de estudo e não uma categoria de definição.

Caso as imagens sociais de Deus fossem outras, é bem provável que haveria maior rejeição por parte do povo brasileiro para com essas instituições religiosas. Conforme disse Campos "...os pregadores falam de um Deus perfeitamente instalado no imaginário social latino-americano." (CAMPOS, 1997, p. 316).

O sucesso dessas igrejas não está na apresentação de uma nova divindade e sim na resignificação que essa divindade assume no atual contexto da sociedade capitalista. Ou seja, se outrora esse Deus todo-poderoso estava pronto a atender os pedidos referente à colheita, ordenando bem as épocas das chuvas etc. agora, ele tem a função de organizar bem o mercado financeiro, para favorecer àqueles que procuram o sucesso, mediante oferendas monetárias nos cultos neopentecostais.

Em continuidade a seus estudos, Cunha (2007, p. 35), sintetizou as principais crenças da Religiosidade Mínima Brasileira, a saber:

* Compreensão de Deus: Deus é um Deus que ajuda, abençoa, ilumina, acompanha, protege. Por isso, Deus é objeto de petições e desejos, capaz de impossíveis. É um Deus prático. Mas nem sempre sua vontade coincide com a do fiel, que deve aceitar, sem reclamar, o que lhe acontece. Muitas vezes acontecimentos desagradáveis são interpretados como castigo de Deus, que é capaz de perdoar e curar, dependendo do cumprimento de deveres e obrigações.

* Compreensão da relação com Deus: ela é direta, não necessita intermediações, daí o próprio clero ser dispensável. Deus é amigo, é próximo. Surge com isso uma aversão ao rito e um apego ao culto sem obrigações nem rigor, intimista ou familiar.

* Compreensão da oposição divindades positivas vs. negativas: Deus é soberano, portanto, o Diabo não deve ser levado a sério - daí zombaria com ele, que se torna até motivo de fantasia do Carnaval. Essa atitude pode esconder, no entanto, um verdadeiro medo do Diabo. Isso explica o fato de nas religiões concretas o Diabo ocupar lugar destacado, muitas vezes acima de Deus.

* Compreensão de fé: pensamento positivo ou otimismo, segurança, confiança. Quem passa por problemas, quem quer vencer na vida, tem que ter fé.

* Relações com as instituições religiosas: desapego - tendência ao trânsito religioso. O que importa é sentir-se bem em um ambiente religioso. "A vida íntima do brasileiro nem é bastante coesa, nem bastante disciplinada, para envolver-se consciente, no conjunto social. Ele é livre, pois, para se abandonar a todo o repertório de ideias, gestos e formas que encontre em seu caminho, assimilando-o frequentemente sem maiores dificuldades. (CUNHA, 2007, p. 35).

A síntese feita acima da Religiosidade Mínima Brasileira é encontrada nas novas igrejas com poucas variações, dependendo do enfoque teológico do segmento pentecostal.

Tanto Leonildo Campos (1997, p. 316), quanto Magali Cunha (2007, p. 34), dizem que a novidade desse fenômeno está na construção de um novo modo de vida baseado em antigas crenças.

Os estudos aqui empreendidos culminam na ideia de que seus elementos da fé servem a uma visão de mundo que orienta os sujeitos no cotidiano do trabalho.

...nas teologias da prosperidade o fiel é exortado a crer que é governado por suas próprias palavras. Ele será aquilo que "confessar com sua boca". Orar é determinar. Isso acontece quando se ora da "forma correta", ou seja, ele determina aquilo que acontecerá em "nome de Jesus" e ele assim o fará. O Deus que emerge das afirmações das teologias da Prosperidade é uma divindade, até certo ponto, presa, devedora, subordinada às suas próprias promessas. Deus se torna o responsável pela realização do gozo do fiel. A sua onipotência está comprometida com o cumprimento da realização de um mundo pleno, sem limite, sem sofrimento. (VASCONCELOS, 2012, p. 73).

Assim, suspeitamos que a tradição cultural japonesa, necessária para sucesso do toyotismo no Japão, no Brasil é substituída, em certos parâmetros, pelos elementos da fé, contidos no neopentecostalismo. Isso ajuda na captura da subjetividade do trabalhador para o trabalho flexível.

Na cultura nipônica há elementos fortíssimos de pertencimento à família e sentimentos de subordinação às autoridades constituídas. Esforços sobre humanos para cumprir ordens são estranhas aos brasileiros, mas, essenciais ao toyotismo. Assim, os elementos da cultura local são incorporados ao toyotismo para implantação do método com mais eficiência, ocorrendo o que Alves denominou de "captura da subjetividade".

A tradição milenar dos japoneses é pano de fundo no cumprimento das ordens dadas pelas autoridades. Na ótica de um dos presidentes da Nissan, o brasileiro Carlos Ghosn, esta tradição repercute no cotidiano da empresa da seguinte forma:

"Os operários japoneses, ou seja, o operário que trabalha na fábrica, o vendedor de carros, o técnico no centro de manutenção, essas pessoas que realmente fazem a economia são de uma lealdade impressionante à empresa. Eles são capazes de fazer qualquer esforço, acima de todos os padrões que já vi... É comum, por exemplo, ver pessoas na Nissan trabalhando até a meia-noite. A força do Japão, sem nenhuma dúvida, é na base japonesa, é essa força organizacional, é essa motivação, é essa lealdade. Não é o patrão de um lado e o empregado de outro lado. Não. Todo mundo junto em torno da empresa, e especialmente quando a empresa se encontra em dificuldade." (Apud ANTUNES, 2005, p. 49-50)

O guerreiro que prefere a morte honrada à desonra de não cumprir a uma ordem é o operário ideal para o toyotismo. Certamente, essa herança cultural é a base do sucesso da empresa Toyota do Japão, como também, das outras famílias japonesas, que colocaram seus nomes no cenário econômico mundial.

Em contextos em que estes elementos culturais estão ausentes, a tendência do toyotismo é o fracasso. O projeto Saturno da GM nos EUA, nos anos de 1980, é exemplar nesse sentido⁶⁸. Para ressaltar, dentre as razões do fracasso do projeto saturno está a desconsideração da subjetividade operária.

2.4 A Igreja Universal do Reino de Deus e o neopentecostalismo brasileiro

Certamente, a Igreja Universal do Reino de Deus é a instituição religiosa que mais carrega consigo os elementos do fenômeno neopentecostal, mas, não é a única instituição detentora desses elementos. É impossível falar de neopentecostalismo no Brasil e não fazer referência ao Bispo Edir Macedo e a Igreja Universal do Reino de Deus. Por vezes, as pesquisas sobre essa igreja se confundem com o fenômeno do neopentecostalismo, impossibilitando a diferença entre o que é típico de um e de outro. Esse tópico procura, dentre outras coisas, fazer essa distinção.

O cenário religioso brasileiro experimentou transformações após o surgimento dessa instituição religiosa, em 1977. A Igreja Universal trouxe elementos novos ao pentecostalismo e representa, ainda hoje, quase quarenta anos após sua fundação, uma das principais instituições do Brasil. Mas, qual a novidade dessa igreja? O que ela representa para o meio pentecostal? No que ela se diferencia das outras igrejas neopentecostais do Brasil?

Falar do *boom* neopentecostal dos anos de 1990 pressupõe fazer referência a essa instituição. Mas, como pôde ser percebido, até por uma questão cronológica, sua inserção no cenário nacional é anterior a 1990. O fim da década de 1970 é o contexto para seu surgimento.

⁶⁸ O projeto Saturno foi um empreendimento da GM que promoveu a importação de tecnologia japonesa para a flexibilização de produção e não levou em consideração as atividades dos trabalhadores. O resultado foi perdas de lucros.

Essa igreja, sob a liderança carismática de Edir Bezerra Macedo, tornou-se exemplo de crescimento e sucesso. A biografia de Macedo, por vezes, se confunde com a da própria instituição religiosa.

Gonçalves (2013, p. 49), apoiando-se nas pesquisas de Ricardo Mariano, considera o surgimento da Igreja Universal o resultado de sucessivas frustrações e cisões, que, articuladas por Macedo, lhe garantiram o controle dessa instituição religiosa.

A data oficial de sua fundação é 9 de Julho de 1977, quando ainda contava com a participação de Romildo Ribeiro Soares o Missionário R. R. Soares, cunhado de Edir Macedo⁶⁹.

O rompimento com Soares permitiu o controle da IURD pelo Bispo Macedo. Essa igreja é a mais poderosa do campo protestante na atualidade. Seu poder ultrapassa o campo financeiro e tem a ver com a capacidade de resignificar o cenário religioso nacional.

Em tempos que a secularização parecia se firmar na sociedade brasileira e quando sociólogos apostavam em uma sociedade menos religiosa, pela adoção de parâmetros técnicos e científicos como ordenadores da vida, o neopentecostalismo aparece para frustrar essas previsões.⁷⁰

A IURD em seu neopentecostalismo construiu um sistema religioso que foi capaz de inovar conceitos e valores, trazendo uma nova linguagem que alcança o popular. (...) conseguiu romper com todos os prognósticos e ultrapassou todas as expectativas sociológicas. (GONÇALVES, 2013, p. 47).

A inovação/resignificação desses conceitos e valores do qual fala Gonçalves (2013, p. 60), não seria possível se não fossem os altos investimentos em linhas de transmissões televisivas.

⁶⁹ De acordo com Ricardo Mariano a cisão entre Edir Macedo e R. R. Soares ocorreu em disputa interna pelo controle da igreja e por votação dos Bispos, Macedo sai como vencedor. Soares foi ressarcido com alta quantidade de dinheiro e funda a Igreja Internacional da Graça de Deus, baseada nos moldes da Igreja Universal do Reino de Deus.

⁷⁰ "Do ponto de vista religioso, na primeira modernidade, vários autores profetizaram que a autonomia do sujeito histórico, com o seu projeto de emancipação estava relacionado à "morte de Deus", entendida aqui como a superação das amarras das alienações justificadas pelo discurso religioso. Porém, na última etapa do século XX, a religião, nunca esteve tão viva e é a ameaça da morte do sujeito que vai se tornando cada vez mais objeto de jogos sofisticados de manipulação subjetiva, em uma sociedade de hiperconsumo." (VASCONCELOS, 2012, p. 64).

O que outrora era visto com suspeita por parte da ala pentecostal, serve de carro chefe no sucesso da Igreja Universal do Reino de Deus.⁷¹ Diferente dos primeiros pentecostais brasileiros, o neopentecostalismo tem chamado a atenção dos pesquisadores por usar bem a grande mídia. Tendo enormes sucessos nesse empreendimento⁷².

Além da Record, o bispo Macedo se utiliza de outras emissoras de televisão: a Rede Família, veículo que exhibe parcialmente a programação da igreja desde 2001 para mais de cinquenta cidades no interior de São Paulo, além de outras localidades por meio de distribuidoras a cabo e antenas parabólicas; a Rede TV, também em território nacional; a TV Gazeta; Bandeirantes; CNT; e outros canais para transmissão regional. Em setembro de 2007, a Rede Mulher, transmitida via UHF para todo o país, foi transformada no canal de notícias Record News. (GONÇALVES, 2013, p. 60-61).

A transmissão dos ideais da igreja não passa somente pelos programas "tele-evangelísticos". Nesses últimos anos há um alto investimento de Macedo e da Igreja em programas não religiosos, em conteúdos jornalísticos e de entretenimento, que aparentemente nada têm a ver com religião. Isso revela, implicitamente, que as pretensões da Igreja vão além da transmissão de conteúdo religioso. Tem a ver com comunicação, compartilhamento de uma visão de mundo, reforçado por esses programas.

Programas não religiosos feitos por uma entidade religiosa podem ser muito bem consumidos por aqueles que são avessos às igrejas e particularmente à Universal do Reino de Deus.

Os investimentos maciços nas transmissões de programas religiosos tornaram-se uma tônica diferencial entre as igrejas vencedoras e as igrejas com crescimento vegetativo. Como não se faz TV sem uso de *marketing*, grande parte da crítica recebida pelos neopentecostais está no uso dessa ferramenta na transmissão de sua mensagem.

A associação do *marketing* e a religião não foi novidade da Igreja Universal, mas sim, sua profissionalização, ao menos no Brasil. Ainda hoje é perceptível a diferença de qualidade de seus programas para as igrejas concorrentes.⁷³

⁷¹ Essa boa relação da religião cristã com as mídias de massa já eram uma constante nos Estados Unidos e foi incorporada à lógica da IURD.

⁷² A Internacional da Graça de Deus sobre liderança de R. R. Soares investiu massivamente na mídia televisiva, nos moldes da Universal do Reino de Deus. Atualmente uma nova cisão marca a Universal. A Mundial do Poder de Deus liderada por Waldemiro Santiago: A IMPD também garante seu espaço na sociedade por uso da TV.

⁷³ Diferença que tende a mudar devido exemplo dado às outras instituições religiosas.

O uso dos meios de comunicação pressupõe uma mensagem a ser transmitida, ou seja, quem comunica sempre está transmitindo algo. É aí que os pressupostos da teologia *iurdiana* ganham notoriedade, conforme observa Campos.

A teologia, mais do que uma construção de determinadas elites religiosas, é uma **visão de mundo** expressa por um grupo de fieis, uma teia de palavras, símbolos e atos elaborados à luz de suas experiências religiosas, discurso esse nem sempre regido pela lógica cartesiana. Como tal, a teologia transcende a reflexão individual, porque ela é uma atividade grupal, objetivada em dogmas, ritos ou meios catequéticos. Além disso, toda teologia tem por finalidade explicar a especificidade de suas relações com o sagrado, enquanto apresenta as experiências históricas do grupo, que a formulou como um modelo de vida para todas as demais pessoas. (...) **É fácil verificar que há uma visão de mundo, teológica portanto, que emerge dos ritos, cânticos, sermões estudos bíblicos, programas de rádio e televisão, produtos elaborados por seus pastores e bispos, visão assimilada e interiorizada pelos seguidores**, embora em intensidade diferenciada. (Grifo nosso) (CAMPOS, 1997, p. 261-292).

A visão de mundo expressa nos ritos, cânticos e estudos bíblicos influencia o trabalhador, principalmente na emulação para o trabalho e em como agir diante das novas relações flexíveis do toyotismo.

A teologia *iurdiana* tem se revelado extremamente eficaz na construção da identidade do fiel *iurdiano* e se propõe a ser modelo de imitação para outros empreendimentos religiosos.⁷⁴

A influência da Igreja Universal não ocorre somente entre as igrejas de confissão pentecostal, mas também entre as Igrejas denominadas de protestantes históricas. Sobre isso Magali Cunha escreve:

O crescimento pentecostal passou a exercer uma influência decisiva sobre o modo de ser das demais igrejas evangélicas, inicialmente perplexas diante do fenômeno. (CUNHA, 2007, p. 49).

O crescimento desse fenômeno religioso resultou na proliferação da mensagem pentecostal como também em sua transformação. Coisas que eram típicas do pentecostalismo clássico foram sorrateiramente abandonadas para novas posições que articula os desejos e

⁷⁴ "A Igreja Universal do Reino de Deus é um modelo de sucesso que ainda se dá ao luxo de ser copiado por movimentos neopentecostais contemporâneos." (GONÇALVES, 2013, p. 47).

anseios de pessoas que frequentam os grandes templos e que acompanham os programas pela TV e pelo rádio.

Campos (1997, p. 24), construiu um tipo ideal, o *iurdiano*. Essa nomenclatura é usada tanto para a liderança como para os fieis. Dificilmente um único sujeito da igreja trará consigo todas as características do *ser iurdiano*. O que pode se dizer é que as pessoas têm momentos em que se aproximam do tipo ideal proposto. Ora mais, ora menos.⁷⁵

A *iurdinização* de outras igrejas tem sido objeto de pesquisa nesses últimos anos por vários pesquisadores e pesquisadoras, revelando que a proposta dessa igreja tem sido eficiente e coerente com a contemporaneidade. (ALENCAR, 2005, p. 109). O neopentecostalismo tem se mostrado mais complexo do que aparenta.

Diferentemente do que tem ocorrido em outras igrejas, Macedo conseguiu, com o passar dos anos, desvincular sua figura carismática da instituição religiosa sem que com isso houvesse queda de seu sucesso e sem perder o controle institucional.⁷⁶

Recentemente o Bispo voltou a aparecer na mídia televisiva com uma imagem renovada. A ocasião foi a inauguração do Templo de Salomão⁷⁷, oficialmente em 31 de Julho de 2014. Macedo apareceu usando *kipá* e *Talit* e com barba grisalha, lembrando um místico ou sacerdote dos tempos antigos.

No culto de inauguração do Templo de Salomão, sua mensagem ratificou as bases da teologia da prosperidade e decretou o Templo de Salomão como "lugar onde o milagre acontece".⁷⁸

Ao propor, portanto, falar dos neopentecostais não me refiro somente a IURD e sim ao fenômeno religioso como um todo. A proposta é analisar, em que sentido a visão de mundo neopentecostal, da qual a teologia *iurdiana* é a maior representante, influi no mundo do trabalho.

⁷⁵ Recentemente o tipo ideal *iurdiano* passou a ser melhor apresentado a partir do quadro da TV Record, "Eu sou a Universal". Nesse quadro o *iurdiano* é empresário, empreendedor, que não se abate diante das intempéries da vida, pratica esportes, cuida da família, e tem um padrão de consumo acima da média. Obviamente que, nem todos que frequentam a igreja tem o mesmo modo de vida, mas não se nega que na relação com a igreja o que se busca está pautada no modelo apresentado.

⁷⁶ A mesma coisa não foi conseguida por R. R. Soares. A Igreja Internacional da Graça depende de sua figura carismática para permanecer em constante atividade.

⁷⁷ Av. Celso Garcia, 605 - Brás, São Paulo - SP

⁷⁸ Disponível em: <<http://noticias.gospelprime.com.br/edir-macedo-consagracao-templo-salomao>> Acesso em 13 dezembro 2014.

Embora a IURD seja apontada como desencadeadora do movimento neopentecostal não é a única instituição e movimento religioso a ser definida com essa nomenclatura. Outras igrejas concorrem com ela pela fatia do mercado religioso. Cada instituição tem investido em um segmento do pentecostalismo. Isso faz com que o fenômeno se assemelhe a um mercado que tem disponível os produtos religiosos nas prateleiras, podendo ser comprados pelo fiel-cliente no momento que lhe apraz.

2.5 Os neopentecostais e a construção do sentido da vida

Até o presente momento, neste capítulo, abordei o neopentecostalismo em sua relação com as ciências da religião, nesse momento dou um passo a mais na pesquisa, interpretando influências do neopentecostalismo no cotidiano das pessoas, na construção do sentido da vida.

Parto do pressuposto de que o gênero humano não necessita somente de elementos materiais para sobreviver, precisa também que os símbolos, mitos e que seu imaginário seja coerente com o vivido no dia a dia.

...somos seres produtores de símbolos, mitos, deuses e narrativas que adquirem consistência e poder de influência sobre nós mesmos, os seus criadores. Não há como negar isso, tanto no sentido de negar a sua existência quanto no sentido de querer acabar com esse processo. A ilusão de que não somos ou que podemos não ser assim só reforça uma situação de submissão aos mitos e deuses (explicitamente religiosos ou não) de plantão que estão dominando na nossa sociedade. (SUNG, 2012, p. 157-158).

Devido o poder dos símbolos, o imaginário religioso torna-se um norte para àqueles que escolhem viver de acordo com seus pressupostos e encontram coerência em suas escolhas de vida. Sobre isso, os neopentecostais não fogem a regra e seus comportamentos diários, sobretudo no trabalho, são marcados também por valores simbólicos. Para François Huntart:

A fé não se esgota em suas funções sociais. Ela também extrapola a posição do indivíduo em suas relações sociais e em seu **projeto de vida**. Ela permite, ao reunir todos os aspectos, alimentar uma esperança pessoal e coletiva e **viver o presente em função de uma utopia em permanente construção...** (Grifo nosso). (HOUNTART, 2003, p. 16).

Ao falar em ética neopentecostal pressuponho que, tanto sua teologia quanto suas organizações estruturais procuram orientar os religiosos em uma aposta de mundo, capaz de fazer com que os conversos moldem suas vidas de acordo com as simbologias apresentadas pela igreja.

Embora seja essa a mensagem propagada constantemente pelas igrejas neopentecostais, cabe o questionamento se a adesão a essas igrejas ocorre simplesmente pela assimilação da ideologia proposta.

Para Rodney Stark (2006, p. 26), a adesão a um novo segmento religioso ocorre por relacionamentos entre amigos e membros da família⁷⁹, é pela rede de contato que maior parte das pessoas adere a novo segmento religioso, embora que, com o passar do tempo à ideologia proposta pela igreja são interiorizadas pelos conversos e defendida até a última instancia como a revelação verdadeira e única de significado.

Nessas considerações é importante lembrar que a religião não tem a hegemonia da produção de sentidos, na contemporaneidade, ela torna-se participante dessa construção, podendo sua ação ser maior ou menor de acordo com a assimilação individual.

...superamos ou devíamos ter superado a fase do monopólio de interpretação do sentido da vida por uma determinada religião ou por uma determinada ciência (...) Devemos reconhecer que nenhum tipo de conhecimento e nenhuma corrente no interior de qualquer ciência têm condição para isso. (SUNG, 2012, p. 161).

Concluiu-se daí que a religião não tem o monopólio do sentido da vida, mas, ela propõe uma visão de mundo.⁸⁰ Conforme o argumento central desta pesquisa, pressupomos que a visão de mundo neopentecostal torna-se mais atraente quando encontra afinidades eletivas com o atual capitalismo, onde o padrão de consumo torna-se um modelo a ser seguido por todas as pessoas.

Quando o neopentecostalismo diz ter a chave da prosperidade e saúde perfeita, desejada por todos é para um "...grupo de pessoas que vivem em 'situações limites' de sofrimento, decepcionadas com a medicina oficial (...) [é uma] 'esperança mágica' por ser esta

⁷⁹ "...a conversão não tem a ver com a busca de uma ideologia ou com a adesão a ela, mas com a adequação do próprio comportamento religioso com o de amigos e membros da família." (STARK, 2006, p. 26).

⁸⁰ Quando figuras emblemáticas do cenário religioso nacional, tais como Silas Malafaia, propõem como deve ser o comportamento de quem não segue sua igreja, está revelando o que lhe é coerente, de que: para o bem da nação, seu modo de vida deve ser copiado, inclusive pelos não religiosos.

'a mira de futuro próprio daqueles que não tem futuro'" (Grifo nosso) (CAMPOS, 1997, p. 311). Com base nessa ideia não é incoerente dizer que "...o culto pentecostal presta serviços terapêuticos aos que não têm acesso econômico ou cultural às terapias oficiais da medicina, psicoterapia e psiquiatria." (Ibid., p. 311).

Assim não haveria razão de estudar a relação do neopentecostalismo com o mundo do trabalho se sua espiritualidade fosse meramente introspectiva e não gerasse sentidos práticos no cotidiano das pessoas. Devido o fato de ser impossível medir a intensidade dessas influências no dia-a-dia, a preocupação dessa pesquisa está nos discursos, tanto das lideranças religiosas como do fiel.

O sentido de vida proposto pelos líderes religiosos e compartilhadas pelo corpo de fieis, não se resumem às questões moralistas, a intenção é ir mais longe, referindo-se a comportamentos além do subjetivo, em um cotidiano que "agrade a Deus".

Existe no imaginário dos neopentecostais uma ordem ideal que deve ser buscada a qualquer custo.

A elaboração de uma ordem ideal é o ponto central de qualquer teoria voltada para uma ação. É esta ordem que permite que se façam previsões. "Sem ordem não há problema a ser resolvido. Porque o problema é exatamente *construir uma ordem ainda invisível de uma desordem visível e imediata*". Constrói-se uma ordem ideal invisível e a partir dela elaboram-se hipóteses e propõem-se ações. (SUNG, 2008, p. 198).

Existe um ideal de sociedade a ser alcançada, ela geralmente é chamada de "reino de Deus" por religiosos como Edir Macedo. Nesse reino fica estabelecido que todos devem ter acesso ilimitado aos seus desejos. Isso envolve poder ilimitado de consumo.

Contudo, alto padrão de consumo, proposto pelo atual capitalismo e ratificado pelos líderes religiosos neopentecostais, são impossíveis de ser alcançados por todas as pessoas, "...o padrão de consumo que se deseja imitar não é acessível à maioria da população mundial, especialmente nos países ditos em "desenvolvimento" e nos países pobres." (SUNG, 2012, p. 159).

Para Próchino, Paradivini e Gonçalves (2008, p. 587), a contemporaneidade vive marcas indeléveis de desamparos sociais. Esses desamparos são resultados de trabalho alienante, perdas de metanarrativas e economias decadentes, jogando ao esquecimento grande

parcela da sociedade. Para eles, o neopentecostalismo é forma desses sujeitos desamparados encontrarem guarida.

Os benefícios seriam de ordem psicológica e não real. Contudo, o fiel prefere a dor das promessas irrealizáveis que antigas condições de desamparo social do mundo capitalista⁸¹. O assujeitamento do fiel nas relações de poder da lógica neopentecostal gera benefícios psicológicos não encontrados em outras situações, que lhes garantem sobrevivência no atual modo de produção capitalista.

O discurso de fé, constantemente propagado nas igrejas e nos programas televisivos remetem o fiel para o cotidiano. Ou como diz Macedo "para a conquista!".

Ao sujeito que vive sob a regência da fé, também se impõe a condição de que ele promova mudanças em sua vida que tenham a força de traduzir a sua saída da submissão ao mundo... (PRÓCHINO, PARADIVINI & GONÇALVES, 2008, p. 596).

É impossível determinar se esses discursos são vividos em plenitude pelos fieis e não constitui esse o propósito da pesquisa. A intensidade dessas influências não pode ser medidas. Por isso que as afinidades eletivas são verificadas no âmbito dos discursos.

Os testemunhos nos programas televisivos têm mostrado que há influência da visão de mundo religiosa no cotidiano dos fieis, sobretudo no e para o trabalho. Revelando que a fé e ética neopentecostal são coerentes com a contemporaneidade.

De acordo com Campos (1997, p. 115), nos ritos da IURD estão presentes uma teatralização da vida cotidiana, uma representação do desamparo social vivido pelas pessoas. Há portanto, uma identificação dos sofrimentos cotidianos nos cultos:

Ao sair do templo, agora, recarregado de energias, esse indivíduo volta à sociedade disposto a "exigir", "determinar" e "lutar" pelos seus "direitos de filho de Deus" - isto é, uma vida de sucesso e conforto. (CAMPOS, 1997, p. 115).

⁸¹ "Não sendo possível a sustentação das promessas de cura veiculadas pelas igrejas neopentecostais dada a condição estrutural do desamparo humano, busca-se uma articulação possível entre a permanência da demanda de cura e a condição masoquista". (PRÓCHINO, PARADIVINI & GONÇALVES, 2008, p. 587).

Na teatralização do culto, os sofrimentos cotidianos são personificados nos possessos. No constatar que os demônios foram expulsos são internalizados pelos participantes que os encostos que atrapalhavam a vida também o foram.

A igreja Universal opera dialeticamente, pois recebe "indivíduos-fora-do-mundo" e envia de volta para a sociedade "indivíduos-no-mundo", agressivos, tenazes, dispostos, otimistas, desejosos de assumir a parte, que pensam lhes caber, na distribuição de riquezas e benefícios desse "estar-no-mundo". (...) Só quando os renunciantes se sentem "indivíduo-no-mundo" é que conseguem participar das transformações das condições objetivas de vida social. O templo [e os ritos são] para o iurdiano, um espaço de mobilização para um "estar-no-mundo"... (CAMPOS, 1997, p. 115).

Há valores axiológicos nos ritos neopentecostais, isso significa que há elementos éticos, estéticos e espirituais em cada expressão religiosa, que têm representação na vida cotidiana das pessoas.

Logo, o religioso se identifica com o que está sendo apresentado na liturgia do culto e pode canalizar frustrações e desejos em cada cena representada pelos pastores e pelos participantes do culto. Por isso, o envolvimento do fiel é necessário em cada atividade. Aqueles que vão à igreja somente para *assistir* os cultos são convidados a *participarem* dele. Só assim essa expressão religiosa influirá nos resultados da vida cotidiana, que é a intenção dos pastores da igreja.

A IURD possui uma percepção voltada para os anseios, sonhos e desejos de um público ávido por soluções práticas para seus problemas. Fazendo uso da mesma estratégia do marketing da mídia, ela acompanha de forma "profissional" a evolução dos desejos, a trajetória dos sonhos e, rapidamente, adapta a sua linha de produtos religiosos para um rápido atendimento da demanda. (GONÇALVEZ, 2013, p. 63).

Cumprindo o propósito de situar o neopentecostalismo no cenário religioso nacional e ressaltar a construção do sentido de vida que as estratégias de *marketing* são utilizadas. A construção do sentido da vida proposto pelos neopentecostais está em afinidades eletivas com o toyotismo. O próximo capítulo fala exclusivamente da relação entre religião e mundo do trabalho.

Capítulo 3

Ética neopentecostal em contexto toyotista

Falar em ética neopentecostal em contexto toyotista significa que o jeito de ser dos neopentecostais é coerente com os comportamentos dos trabalhadores no toyotismo. De acordo com Lyndon de Araújo Santos:

O lugar da religião no mundo das coisas ultrapassa os próprios limites que a religião institucional cria para si, determinando o cotidiano das pessoas (...) a religião proporcionou e ainda proporciona sentidos às decisões e práticas de indivíduos, grupos e até mesmo nações e civilizações. (SANTOS, 2013, p. 213).

Existe sentido axiológico no neopentecostalismo, principalmente na teologia da prosperidade, que pressupõe comportamentos no trabalho. No segundo capítulo, tive a preocupação em descrever o crescimento neopentecostal no Brasil a partir da década de 1990, e a construção desse sentido da vida em seus pressupostos teológicos aos novos conversos. Isso não significa, portanto, que a economia seja impulsionada e fortalecida efetivamente por esse fenômeno religioso, conforme nos alerta Ricardo Mariano:

...a Teologia da Prosperidade não tece uma única crítica sequer ao capitalismo, nem à injustiça e desigualdade sociais, nem aos desequilíbrios econômicos do mundo globalizado. Mais pró-capitalista impossível. Mas daí concluir que tal teologia, ou os religiosos que a defendem, impulsionem e fortaleçam efetivamente este sistema econômico, vai uma longa distância. Na melhor das hipóteses, o que ela proporciona, ao indivíduo, não ao coletivo, resume-se a elementos de natureza psicológica: melhora a auto-estima, aumento da confiança, vontade de prosperar, esperança no futuro. (MARIANO, 1999, p. 185).

Os elementos individuais do neopentecostalismo ante ao coletivo do qual fala Mariano (1999, p. 185), são coerentes com o atual modo de produção capitalista. Isso possibilita relacionar os sentidos axiológicos do neopentecostalismo em contexto toyotista nas atuais relações de trabalho no Brasil. No capítulo primeiro mostrei que, considerar toyotismo como

comportamento da classe trabalhadora é teoricamente possível e tem sido esse o caminho seguido por mim nessa pesquisa, logo, quando falo de toyotismo refiro-me a um modo de vida dentro e fora da fábrica.

Na particularidade brasileira, esse movimento de reestruturação, além do que pode significar de introdução de novas técnicas (JIT, *Kanban*, *andon*, terceirização), novas formas de gestão (trabalho em equipe, polivalência, CCQ, envolvimento implicado, sindicato-empresa) e inovação tecnológica, no já conturbado mundo do trabalho, **consegue aprofundar a exploração demasiada do trabalho, a captura da subjetividade operária** e a inserção subordinada do país no concerto das nações, enquanto base para a renovação da relação subordinação capital-trabalho. (Grifo nosso); (Antunes, 1999; Alves, 2000). (OLIVEIRA, 2004, p. 75).

Para Eurenice de Oliveira (2004, p. 75), o toyotismo consegue aprofundar a exploração demasiada e capturar a subjetividade operária para as novas relações de trabalho. São nessas mudanças e adaptações que considero o neopentecostalismo em afinidades eletivas com o toyotismo.

Quando as igrejas e religiões propõem orientar os fiéis para ganhos financeiros no trabalho é para o toyotismo que elas fazem referência, ao menos na particularidade brasileira. Haja vista, ser esse o sistema produtivo hegemônico do atual capitalismo.⁸²

Para Ricardo Antunes (2013, p. 22-23), o toyotismo é formado de mudanças técnicas e transformações do jeito de ser dos empregados e (des)empregados do sistema. Nesse novo contexto "...o perfil do profissional desejado: (1) serve à equipe em vez de ser servido, (2) coopera com os colegas, e (3) é espiritualizado..." (KIVITZ, 2007, p. 66).

O profissional desejado do qual ressalta Ed René Kivitz (2007, p. 66), busca sentido de vida ao desenvolver suas funções e procura encontrar coerência de suas crenças religiosas no trabalho. Por isso, torna importante ressaltar o toyotismo como contexto para surgimento/crescimento do neopentecostalismo.

Esse capítulo foi dividido em alguns pontos, a princípio analiso a *teologia da prosperidade e a guerra contra o diabo e suas implicações no mundo do trabalho*. Em especial, a relação da mensagem religiosa no contexto toyotista de produção. Faço referência

⁸² O toyotismo se tornou hegemônico no Brasil a partir da década de 1990, devido a vários fatores, dentre eles, por fazer com que seus princípios (tais como os 5s, qualidade total, trabalho em equipe, polivalência, envolvimento implicado e etc.), se tornassem a base da educação de ensino fundamental e médio, como nas escolas técnicas e faculdades.

ao sistema econômico neoliberal por entender que é a partir dos seus princípios econômicos que mudanças técnicas se estabelecem.

No tópico dois, acompanhando as reflexões anteriores, procuro colocar *o modo de vida religioso de acordo com a flexibilização necessária ao "modus operandi" do toyotismo*.

Por fim, no terceiro tópico, relaciono o *neopentecostalismo e o incentivo à livre iniciativa privada*, tão presente nas ideologias da empresa enxuta. Nesse tópico em especial, uso uma linguagem mais religiosa para relacionar o neopentecostalismo ao neoliberalismo.

3.1 Teologia da prosperidade e a guerra contra o diabo: implicações no mundo do trabalho

O individualismo tem sido uma das marcas tanto do liberalismo econômico quanto do neoliberalismo, na medida em que o enfoque desse imaginário social tem sido mais no sucesso pessoal do que nos ganhos comunitários. O neopentecostalismo, por sua vez, reafirma essa ideia através da confissão positiva e coloca o sucesso individual como pilar principal da teologia da prosperidade. (MARIANO, 1999, p. 185).

Com a individualidade cresce também a concorrência entre os trabalhadores, que para a operação do toyotismo torna-se fundamental. Por isso, tem sido constantes os discursos de meritocracia nos atuais contextos do trabalho. Tanto o toyotismo, quanto o neopentecostalismo estão em conformidade com as propostas neoliberais e esses discursos acompanham também essa tendência.

Na contemporaneidade, segundo Kivitz (2007, p. 97), as pessoas ficam rendidas diante das grandes corporações e multinacionais que detém "um terço do comércio mundial". Elas têm tanto poder que impossibilitam ao pequeno e médio empresário galgar - por meios legais e morais - o mesmo status dessas corporações, cabe no máximo a esses indivíduos "a sobrevivência no mercado". Ou seja, há uma dissociação entre discursos e realidade.⁸³

⁸³ "Nesse contexto neoliberal, as multinacionais ganham proeminência e assumem o controle de "um terço do comércio mundial, 3/4 dos intercâmbios financeiros 4/5 do intercâmbio da tecnologia e serviço de direção". Por sua força, "as multinacionais destroem ou reduzem o poder dos Estados. "Como depositárias dos capitais e da tecnologia, praticam a chantagem: sem elas nenhuma ação poderia desenvolver-se." (KIVITZ, 2007, p. 97).

Para David Harvey, o toyotismo e a "acumulação flexível" operam com pessoas dispostas a tal atividade, que "...[assumem] alguma modalidade de configuração que mantenha o regime de acumulação funcionando." (HARVEY, 1992, p. 117).

Diante das reais conjunturas, somente com apoio psicológico aos empreendedores, operários e executivos estes sobrevivem no mercado de trabalho (MARIANO, 1999, p. 185). As pessoas se sentem pressionadas diante dos novos contextos toyotistas. O desgaste não é somente físico, mas psicológico e espiritual, advindas do envolvimento implicado das novas relações sociais.

Constato que o crescimento da mensagem neopentecostal, sobretudo da teologia da prosperidade, tem campo fértil no mundo em que as pessoas se sentem desamparadas e cansadas.⁸⁴ Não é por acaso que tem crescido o número de livros de autoajuda e palestrantes com mensagens que instigam no trabalhador a responsabilidade de seu sucesso e fracasso. Caminho idêntico é trilhado pela teologia da prosperidade.

No toyotismo as pessoas são lançadas frente a frente em constante competitividade, gerando altos níveis de concorrência e individualidade. O neopentecostalismo, através da teologia da prosperidade, reforça essa ideia. Conforme Leonildo Campos, a Igreja Universal do Reino de Deus, através da teologia da prosperidade, procura "...apresentar ao *iurdiano* mais do que uma visão de mundo, ou seja, um guia para a ação". (CAMPOS, 1997, p. 24).

A teologia da prosperidade é legitimada pelo direito ao consumo, que de forma geral aparece associado à felicidade, prazer e satisfação dos desejos. De acordo com Valquíria Padilha (2006, p. 84), a publicidade no atual capitalismo tem a função de instigar novas necessidades de consumo, associando vida plena (emancipação) ao poder de compra.

É fato que a aquisição de bens não é acessível a todos e todas. Para Padilha "...a felicidade (no consumo) é um mito que encarna outro mito: o da igualdade." (PADILHA, 2006, p. 86). O neopentecostalismo, por sua vez, satisfaz, provisoriamente, esses desejos

⁸⁴ Ed René Kivitz (que também exerce atividade de pastor), recebeu um texto de um executivo de sua comunidade. A mensagem diz: "Por conta do mercado competitivo, atualmente nós vivemos um momento de grandes desafios profissionais. Por conta disso, não é novidade que o executivo se entrega de corpo e alma em busca da realização pessoal e, por consequência, a empresa toma conta do executivo, seja ele equilibrado ou não. Não é novidade que executivos de cargos médios estão sobrecarregados pela deficiência das empresas em terem pessoas que os auxiliem motivadas pela exigência de maiores lucros. Seguindo o mesmo compasso surge a ausência de princípios que norteiam as regras da sociedade empresarial, instalando-se nas corporações um sistema, ainda que velado, de "vale tudo" para se chegar aos alvos deixando colaboradores no fio da navalha sobre os procedimentos a seguir. Não demora em os profissionais serem tomados pelo estresse e problemas emocionais, afetando os relacionamentos, inclusive familiares, sem falar na saúde física. Tendo esse cenário em mente, qual seria a sua mensagem para os executivos de hoje?" (KIVITZ, 2007, p. 102).

através de seus bens simbólicos. Segundo Leonildo Campos, "Há bens simbólicos [no neopentecostalismo] para quem não tem acesso aos bens reais, produzidos pela economia de mercado." (CAMPOS, 1997, p. 328).

Existe um paraíso prometido na atual teologia da prosperidade, esse paraíso rompe com o asceticismo do pentecostalismo clássico e dos protestantes históricos.

Até bem pouco tempo atrás uma fatia respeitável da Igreja cristã empurrava todas as bem-aventuranças para o céu e para a eternidade. Dizia-se então que era necessário suportar pacientemente o sofrimento presente (...) A Teologia da Prosperidade está trazendo o celeste porvir para o terrestre presente. Para comermos a melhor comida, para vestirmos as melhores roupas, para dirigir os melhores carros, para termos o melhor de todas as coisas, para adquirir muitas riquezas, para não adoecermos nunca, para não sofrermos qualquer acidente, para morrermos entre 70 e 80 anos, para experimentarmos uma morte suave - basta crer no coração e decretar em voz alta a posse de tudo isso. Basta usar o nome de Jesus com a mesma liberdade com que usarmos nosso talão de cheques (Ultimato, março/1994:5) (MARIANO, 1999, p. 147).

A teologia da prosperidade não tem enfoque na vida extramundo, mas, na vida intramundo no aqui e agora⁸⁵. Usando uma das definições de Richard Niebuhr, o Cristo apresentado é o da cultura.⁸⁶

As contribuições do neopentecostalismo para os trabalhadores não estão somente nas mensagens de autoajuda, próprias da teologia da prosperidade, mas também, em relação a dicas práticas de como os indivíduos devem se comportar diante do atual mercado de trabalho, para se manter empregáveis.⁸⁷

Ensinar como ser um vencedor no atual mundo do trabalho tem sido um tema central nas mensagens neopentecostais e foco de propaganda para adesão de novos convertidos. A

⁸⁵ "Somos filhos de Deus e fomos criados para o êxito e para a vitória (...) Temos que tomar a firme decisão de viver cada dia em vitória, não permitindo que circunstâncias, problemas e demônios controlem nosso destino (...) Porque estamos em Cristo Jesus, fomos destinados para a vitória aqui nesta vida, não nos céus, ou no milênio ou no arrebatamento. Muitos estão pedindo o arrebatamento não porque amam a Jesus, mas porque vivem em derrotas, decepcionados, por isso desejam ir para o céu (...) Porque muitos cristãos não vivem em vitória? Porque desconhecem aquilo que nos pertence em Jesus Cristo (...) Deus te vê próspero, com saúde, vitorioso. Esta é a imagem que Deus quer que você tenha" (César Moraes Barreto, pastor da Igreja Bíblica em Paz, Proclamaí, 2, set./94:5). (MARIANO, 1999, p. 147).

⁸⁶ Esse autor apresenta o cristianismo em 5 formas de se relacionar Cristo e a Cultura em *Cristo e Cultura*, 1967. São eles: "Cristo contra a cultura; O Cristo da cultura; Cristo acima da cultura; Cristo e cultura em paradoxo & Cristo, o transformador da cultura."

⁸⁷ Essa tendência do neopentecostalismo é também seguida por economias e sociólogos contemporâneos que tem seus textos mais voltados à como se manter empregáveis. Esse tem sido um dos caminhos seguidos pelo sociólogo José Pastore. Segundo Renan Araújo "Seu livro é quase um manual de como os cidadãos devem proceder com vistas a se empregarem ou se manterem no emprego." (ARAÚJO, 2009, p. 20).

citação a seguir foi extraída do novo site oficial da Igreja Universal do Reino de Deus⁸⁸ e exemplifica essa relação entre trabalho e religião nessa denominação:

Quer **aprender a enfrentar** as dificuldades do mercado de trabalho e se tornar uma pessoa vencedora? Então, não perca o "**Congresso Empresarial**", que se realizará no próximo dia 01 de setembro, na Universal de Santo Amaro, Avenida João Dias, 1800, zona sul de São Paulo.⁸⁹

Enquanto algumas igrejas cristãs tradicionais ainda têm dificuldades em se relacionarem com o mundo material, este tipo de postura é visto de forma muito tranquila por parte de algumas igrejas neopentecostais, principalmente a Universal do Reino de Deus. Ensinar os fiéis a enfrentar as dificuldades do trabalho tem sido uma constante nas pregações dos pastores.

De acordo com a tese de Max Weber o carisma⁹⁰ contido na figura desses personagens os credencia a falar do mundo material usando elementos simbólicos do transcendente. Há um reconhecimento de que esses líderes religiosos têm algo a dizer sobre o mundo real e são levados a sério quando o dizem.

O fiel que encontra no líder religioso, no "homem de Deus", orientações para comportamentos no trabalho terá mais ânimo ao enfrentar os problemas advindos dessa atividade. A legitimidade que o fiel atribui a eles, levam-no a considerar sua fala como a vontade de Deus.

À pessoa carismaticamente qualificada é atribuída ou insinuada característica de personalidade "em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou

⁸⁸ Recentemente a igreja mudou de site de "www.arcauniversal.com" para "www.universal.org" segundo explicações da própria instituição " A Igreja enfrentava dificuldades quando queria promover grandes eventos divulgados por rádio e televisão. O Blog do Bispo Macedo e o Portal Arca Universal chegaram a ultrapassar a marca de 20 milhões de pageviews mensais, o que causava instabilidades nos servidores. As constantes quedas impulsionaram a equipe de TI a buscar uma solução para o problema.

A migração para a computação em nuvem com a AWS deve acabar com a indisponibilidade e garantir uma redução de custos em infraestrutura e serviços. Isso porque a instabilidade levava a Igreja a fazer investimentos altos com a compra de novos equipamentos para que os servidores suportassem os acessos.

Os serviços da AWS reduzirão os custos da Igreja em relação à mão de obra. Com os serviços Cloud Front, ELB -Elastic Load Balance, S3 da Amazon Web Services e a consultoria e suporte 24x7 da Dedalus, a equipe de TI pretende resolver os problemas de instabilidade e garantir uma alta disponibilidade dos sites." (Pesquisado no site: <http://info.abril.com.br/noticias> no dia 30/08/2014 às 09:56)

⁸⁹ Disponível em <www.universal.org> Acesso em: 30 agosto 2014.

⁹⁰ "Para Weber, o carisma é, nesse contexto, um conceito geral que vence o abismo entre o nível extrassensorial e o mundo do aquém, que sempre é o alvo das ações mágicas e religiosas (Kippenberg, 1991: 43). A irresistível força do carisma é o núcleo e a essência da ação e do pensamento religioso." (BACH, 2011, p. 55).

qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extraordinários específicos ou então se torna como enviada por Deus, como exemplar, e, portanto, como "líder" (WEBER apud BACH, 2011, p. 57).

As falas de autoajuda e orientações de Silas Malafaia⁹¹, Bispo Macedo ou R. R. Soares tem para o fiel mais significado que as mesmas mensagens pronunciadas por palestrantes do meio empresarial, tais como Gustavo Cerbasi e Içami Tiba dentre outros⁹².

Para a teologia da prosperidade a fé é extremamente importante, ela aparece como chave para receber bênçãos que de outra forma não seriam possíveis. A fé pode ser usada como precondição para ter contato com Deus e ter acesso ao paraíso, o mundo do porvir.

Para exemplificar o que tem ocorrido no cenário religioso atual, pode-se usar as músicas gospels, que ganham conteúdos diferentes daqueles anteriormente apresentados pelos evangélicos brasileiros.

É perceptível a transformação na hinologia neopentecostal nesse período, o que foi visto com mais propriedade por Magali Cunha em *A explosão Gospel*⁹³.

Uma dessas músicas é exemplar no que quero dizer. Foi primeiramente interpretada pela cantora Jamily com composição de Welison Jatheffer. O nome da música é "Conquistando o Impossível pela Fé", popularmente conhecido somente como "Campeão". Cito alguns de seus versos para ilustrar o foco de análise.

Acredite, é hora de vencer
Essa força vem
De dentro de você
Você pode
Até tocar o céu se crer
Acredite que nenhum de nós
Já nasceu com jeito
Pra super-herói
Nossos sonhos
A gente é quem constrói
É vencendo os limites
Escalando as fortalezas

⁹¹ Embora esse pastor não seja, cronológica e institucionalmente associada ao neopentecostalismo, ele é a expressão clássica do que se quer dizer de *iurdinização* do pentecostalismo. Em primeira instância combativo à teologia da prosperidade se rende paulatinamente à essa teologia por ser eficiente na conquista de seguidores no Brasil.

⁹² Minha experiência profissional em livrarias evangélicas levou-me a constatar que os livros de autoajuda secular são comercializados em conjunto com os materiais religiosos, sem distinção entre os mesmos.

⁹³ CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão Gospel*, 2013

Conquistando o impossível
Pela fé⁹⁴.

Esse hino é exemplar por dois motivos: (I) Por apresentar mensagem voltada à autoajuda, ligando o discurso das competências individuais às adversidades da vida e (II), por sua popularização ter ocorrido nessa nova fase em que a religião cristã está em boas sintonias com a mídia televisiva.⁹⁵

A mensagem de "Conquistar o impossível pela fé" presente na teologia da prosperidade e nas igrejas neopentecostais relaciona-se com o toyotismo no campo do trabalho. O empreendedor individual, para o sucesso, precisa ter essa ideia como norte de sua vida: nunca se abater, sempre avançar.

A fé no neopentecostalismo não se liga somente à crença subjetiva, tem a ver com tomar posição de vencedor. Ter fé é ir para frente, apesar das circunstâncias que querem fazer retroceder. A fé leva a uma ética, em um comportamento similar no cotidiano. Uma vez internalizado esse discurso pelo fiel, ele pode enfrentar as adversidade no trabalho de forma mais intensa.

Os testemunhos nas igrejas apontam essa tendência. Um testemunho colhido no site oficial da Internacional da Graça de Deus mostra isso:

"Fiz o Projeto de Vida 2013 e, graças a Deus, estou tendo vitória. Um dos meus pedidos era uma casa nova e bonita, e Ele realizou meu sonho. Estou muito feliz com esta bênção." (Kesia Carvalho Procopio Uberlândia -MG)⁹⁶

O que pretendo ressaltar não é a felicidade da testemunhante em ter conseguido realizar seu desejo de consumo, via religião. Mas sim, que, essa conquista é considerada por ela, e por quem participa dessa lógica, como uma graça de Deus. Mostrando que, essa relação entre o Deus que concede bens materiais é vista de forma positiva.

⁹⁴ A cantora Jamily apareceu no cenário nacional aos 9 anos de idade através do programa de calouros de Raul Gil na TV Record: "O Cd Conquistando o Impossível, lhe rendeu seu primeiro disco de platina. A canção título desse álbum, popularmente conhecida como "Campeão", foi recentemente regravada por Luan Santana e é constantemente utilizada em times de futebol e lutadores de MMA, em suas lutas." (Pesquisado no site: family.com.br no dia 24/08/2014 às 21:53)

⁹⁵ Sendo o sucesso da cantora Jamily e da música "Campeão" resultados da relação entre canal de TV (a TV Record), propriedade privada de uma igreja (a IURD e o Bispo Macedo), apresentando programa secular (programa do Raul Gil), e promovendo uma jovem cantora de música gospel.

⁹⁶ Disponível em <www.ongrace.com> Acesso 04 setembro 2014.

Assim outros fieis da igreja podem conseguir também uma casa grande e bonita se crerem. Esse é o objetivo dos testemunhos nas igrejas, em sempre suscitar nos novos adeptos "estímulos da fé" para conquista dos mesmos objetivos.

Os objetos oferecidos nas igrejas neopentecostais, tais como rosa ungida, sal ungido, água do rio Jordão dentre outros elementos, servem ao despertar dessa fé, naquilo que os líderes chamam de "pontos de contato". Ao realizar esses "pontos de contato" a fé pode ser estimulada e o objeto de consumo alcançado.

Os testemunhos contribuem para a igreja em dois sentidos; (I) fazem com que novos adeptos sintam o desejo de participar dos eventos da Igreja, e (II) dão legitimidade à instituição religiosa que proporcionou a tal "benção". ressaltando o "lugar onde a bênção ocorre".

Na Mundial, o momento dos testemunhos é parte central da reunião. É com base nos testemunhos que o slogan da igreja "A mão de Deus está aqui!" é legitimado. Os testemunhos constituem o fundamento sobre o qual assentam-se as práticas rituais, as crenças e as mensagens ministradas. Os testemunhos justificam a existência da igreja, pois testificam sua autoridade personificada na pessoa do apóstolo Valdemiro Santiago. (RODRIGUES, 2013, p. 215)

Os elementos revelam uma transposição da lógica do mercado e do mundo do trabalho para o cenário religioso, que são as constantes competitividades entre segmentos similares.

Os "projetos de vida" são campanhas que procuram estimular o fiel para, naquele ano, projetar a conquista de um sonho, seja ele qual for: material, financeiro ou mesmo espiritual.

Nessas campanhas, permanece a constante luta por fidelização do fiel, pois ao começar uma campanha de sete, nove ou mais semanas é importante que se termine, para que ela surta efeito e que a bênção seja conquistada. Isso faz com que haja maior frequência nos cultos e fidelização dos fieis que podem ser atraídos a outras igrejas, com campanhas que geram maiores resultados.

Silas Malafaia, por exemplo, em mensagens ministradas em grandes eventos, pela TV e em literatura publicada, anuncia um *mix* de teologia pentecostal clássica e dicas de crescimento empresarial para o mercado de trabalho.

Na mensagem “Vencendo o Leão, Urso e o Gigante” ministrada em Foz do Iguaçu⁹⁷, o personagem bíblico Davi é apresentado como um empreendedor que, agindo com coragem, utilizando suas habilidades e sendo estratégico vence os elementos adversos que se opõem contra ele, típico do que deve fazer um trabalhador das novas relações de trabalho.

Segundo Malafaia, as ações de Davi levaram-no ao sucesso e ao reinado. Da mesma forma, o fiel deve usar esses princípios na sua vida cotidiana, inclusive no trabalho, para conseguir a vitória.

Para ele, o crente que deseja agradar a Deus deve ter algumas características: "ter livre iniciativa; utilizar a inteligência e criatividade para o trabalho; usar o tempo que Deus deu com mais produtividade; estar sempre aberto ao aprendizado e superar sempre as adversidades pela fé." (BANDEIRA, 2013, p. 13-14).

Na transmissão da mensagem, os exemplos bíblicos se mesclam com os exemplos pessoais, que ilustram o mesmo caminho a ser trilhado pelo fiel. Por vezes Macedo, Malafaia, R. R. Soares, Waldemiro Santiago dentre outros, ressaltam sua caminhada individual até o sucesso.

Saíram de situações humildes e sem perspectiva de vida, mas que não aceitaram as situações que lhes eram impostas e romperam as barreiras da vida *conquistando o impossível pela fé*. Ou seja, se colocam como modelo de imitação.

No livro, *O grande Livramento*⁹⁸ do Apóstolo Waldemiro Santiago, há a apresentação de um homem humilde, um pedreiro, que conquistou pela fé as ricas bênçãos de Deus, passíveis de serem conquistadas pelo fiel que seguir seus caminhos⁹⁹.

A teologia da prosperidade ressalta implicitamente o individualismo e a concorrência, que no atual contexto do trabalho são importantes ao toyotismo, pois a competitividade entre indivíduos e corporações é legítima e pela ideia de que os melhores e mais capazes vencem.

⁹⁷ Disponível em <www.youtube.com/watch?v=Ewp-6KLEhSw&hd=1> Acesso 05 agosto 2013.

⁹⁸ SANTIAGO, Waldemiro. *O grande livramento*, 2009

⁹⁹ No prefácio do livro, feita por Geraldo Netto está a relação das conquistas desse homem de fé, associando-o aos heróis bíblicos. "A fé tem levado homens e mulheres de Deus a transporem barreiras e montanhas intransponíveis - no apogeu da dificuldade, sem titubear ou esmorecer. Homens e mulheres que, com os olhos da fé, viram grandes montanhas como pequenas pedras! Homens e mulheres que depositaram sua fé no Deus vivo; e em situações completamente adversas, desfavoráveis, obtiveram vitória - a exemplo de Davi, quando ele lutou com o gigante Golias (1Sm 17.41-52). Com o apóstolo Waldemiro Santiago não foi diferente: ele, por meio da fé e unção que Deus alocou a seu ministério, venceu barreiras, contrariando tudo e a todos que se opuseram ao seu caminho, às suas aspirações. (...) Portanto, aqueles que são inimigos da fé, que se cuidem..." (NETTO, 2009, p. 5-6).

O neopentecostalismo, por se tratar de um fenômeno religioso, não deixa de lado aspectos das religiões tradicionais, tais como a figura de Deus e do diabo, vejamos no próximo tópico essa relação entre o imaginário espiritual e as relações de trabalho toyotistas.

Além da teologia da prosperidade, outra característica do neopentecostalismo tem se dado na guerra contra o diabo, no que denominam de batalha espiritual. A batalha espiritual é a crença de que o mundo material é regido por forças espirituais. Seu principal expoente é o religioso, Norte-Americano, Peter Wagner.

Os neopentecostais crêem que o que se passa no "mundo material" decorre da guerra travada entre as forças divinas e demoníacas no "mundo espiritual". (...) Os Seres humanos (...) engajados do lado divino, crêem deter poder e autoridade, concedidos a eles por Deus, para, em nome de Cristo, reverter as obras do mal. Isto é, acreditam-se capazes de alterar realidades indesejáveis do "mundo material" por meio de seu vínculo de fé com as forças divinas. (MARIANO, 1999, p. 113).

Nessa corrente de pensamento, a figura do Diabo e do mal são essenciais, mais importante até que a figura de Deus¹⁰⁰. Questões de saúde, emprego e consumo são resultados de batalhas entre anjos e demônios. Não existem coincidências no neopentecostalismo, tudo, absolutamente tudo, é consequência da batalha espiritual.

...o pentecostalismo, de todas as vertentes, vai se instalando com seus mitos, crenças e práticas rituais notavelmente mágicos. Pastores e fieis enxergam a ação divina e demoníaca nos acontecimentos mais insignificantes do cotidiano. Para eles, não há acaso. Tudo é prenhe de sentido, e a Bíblia contém todas as respostas de que precisam. (MARIANO, 1999, p. 110).

Para o cotidiano do mundo do trabalho essa forma de pensar tem implicações que reorganizam o cotidiano a partir das crenças apresentadas por essas igrejas. Uma vez que realidades indesejáveis do mundo material podem ser mudadas, todas as denúncias dos sociólogos do trabalho sobre as novas relações de trabalho também o são.

¹⁰⁰ "Na tradição judaico-cristã, tradição que permeou todo o imaginário Ocidental, o Mal é personificado na figura de Satanás, anjo caído que rebelou-se contra Deus, desejando ser maior e mais potente que o Altíssimo, seu plano é descoberto e como consequência foi lançado fora do céu, com um terço dos anjos rebelados. Seu destino já está traçado, viverá eternamente nas chamas do inferno até que em um dia marcado pelo Altíssimo ele será de uma vez por todas destruído, juntamente com os seus anjos e seus seguidores humanos." (BITUN, 2007, p. 149).

Antes, portanto, de aprofundar esse tema é preciso pontuar as consequências da batalha espiritual no atual cenário religioso, da forma em que tem se apresentado no neopentecostalismo brasileiro.

A guerra espiritual ganhou os mesmos espaços no neopentecostalismo que a teologia da prosperidade. Para ambas as teologias, crer nas bênçãos de Deus implica invariavelmente em lutar contra as forças do mal que querem impedir o fiel de alcançar seus objetivos.

Para Paul G. Hiebert (2008, p. 40), "Histórias de batalhas entre o bem e o mal, e o confronto de poder entre deuses bons e demônios maus são encontrados em todas as religiões".¹⁰¹ São formas de legitimar poderes e se fazer relevantes no contexto social em que se manifestam. A dualidade entre deuses e demônios pertence às formas mais antigas de proselitismos religiosos, aos quais o cristianismo não foge à regra.

Transformar os deuses das religiões adversárias em demônios constitui antiquíssima prática na história do cristianismo, que principiou por demonizar os deuses da Grécia e de Roma. Dois milênios depois, crenças, rituais, deuses e guias dos cultos afro-brasileiros e espíritas são percebidos e classificados como demoníacos pela esmagadora maioria dos evangélicos e até por alguns expoentes da Igreja Católica. (MARIANO, 1999, p. 111).

Com a batalha espiritual os grupos que mais sofrem com a "guerra santa" são as religiões de matriz africana. Sofrem um ataque contra seus códigos simbólicos. Para os neopentecostais, principalmente a Igreja Universal do Reino de Deus, a lógica não está em dizer que os orixás e guias da umbanda e candomblé não existem, mas que são demônios que operam para enganar e escravizar o povo.

O medo e o preconceito sempre estiveram presentes no imaginário do povo brasileiro quanto a essas religiões, que geralmente são praticadas nas periferias dos centros urbanos e por descendentes negros, preconceitos esses herdados dos longos anos de escravidão pelo qual o Brasil passou.

...[os neopentecostais] além de se basearem na dogmática pentecostal tradicional, aproveitaram tanto o medo da macumba, da feitiçaria, da magia negra e de certos preconceitos presentes no imaginário e na memória popular

¹⁰¹ "No hinduísmo, Rama enfrentava Ravana, no budismo, Buda luta contra Mara, no islamismo Alá guerreia contra Shaitan, e nas religiões tribais deuses lutam um contra o outro por conquistas." (HIBERT, 2008, p. 40).

quanto a própria expansão, visibilidade pública e influencia cultural dos cultos afro-brasileiros. (MARIANO, 1999, p. 116).

O problema do mal sempre esteve presente nas grandes religiões do mundo e varia de acordo com a tradição religiosa e o contexto histórico. O imaginário religioso do mal explica o que ocorre no dia-a-dia, no contexto social. De acordo com Ricardo Bitun:

...o problema do mal, é um dos meios mais eficazes utilizados pelos pregadores neopentecostais, (...) pois estamos em um país onde o atendimento médico governamental é precário, o "bom atendimento médico" é quase inacessível por parte da população e as políticas públicas de saúde são baseadas num modelo excludente. Essas situações ainda são agravadas por diversas violações às leis ambientais, poluição, falta de saneamento básico, altíssimas taxas de doentes mentais, neuroses e sociopatias, de uma população submetida a um estado de miséria, violência, além de demais distúrbios sociais. (BITUN, 2007, p. 154-155).

Conforme mostro nessa dissertação, as novas relações flexíveis do toyotismo geram situações precárias na vida das pessoas¹⁰². Logo, os problemas no trabalho são entendidos como a ação do mal causado pelo diabo. E esse mal precisa ser vencido com as forças de Deus (CUNHA, 2007, p. 35).

No mundo do trabalho, com altas taxas de desemprego e crises causadas pelas novas relações sociais, os discursos neopentecostais ganham sentido, daí a coerência em participar de correntes e campanhas para conseguir um bom emprego ou se tornar um empreendedor de sucesso. Por isso estas campanhas batem sempre na tecla de que o mal precisa ser vencido e as religiões que estão do lado do diabo também:

Com sua pedagogia guerreira, a Universal procura manter e acentuar a dependência de soluções sacrais dos fieis e, ao mesmo tempo, engajá-lo, cada vez em maior número e com mais ímpeto, numa luta incessante contra os espíritos das trevas. (MARIANO apud GONÇALVES, 2013, p. 91).

A luta do bem contra o mal explica o sucesso ou fracasso no mundo do trabalho. De acordo com Leonildo Silveira Campos "...ao realizarem um "ato de descarrego" para eliminar

¹⁰² "[os trabalhadores são] submetidos a sucessivos contratos temporários, sem estabilidade, sem registros em carteira, trabalhando dentro ou fora do espaço produtivo das empresas, quer em atividades mais instáveis ou temporárias, quer sob a ameaça direta do desemprego." (ANTUNES, 2013, p. 15).

os "encostos", [os neopentecostais] se irmanam na luta pela organização de um universo caótico..." (CAMPOS, 1997, p. 320). Ou seja, o cotidiano passa a ter sentido para aqueles que experimentam o caos em suas vidas, sobretudo no trabalho e na área financeira.

Uma vez que o mal existe, o bem precisa fazer sua parte, a esperança de que nem tudo está perdido surge no coração das pessoas. Para os neopentecostais "...o que acontece neste mundo que vivemos é reflexo dos acontecimentos de ordem espiritual." (GONÇALVES apud AZEVEDO, 2013, p. 91). Logo, basta ter uma boa vida espiritual para as situações no trabalho e na vida financeira melhorarem.

Com essa incessante luta contra o Diabo, a vida de prosperidade, saúde, vitória e felicidade são ratificados (MARIANO, 2010, p. 160). Não há questionamento se esse paraíso terrestre é possível de ser alcançado, pois, na lógica religiosa "para Deus nada é impossível".

Se todos os males são consequências das obras das trevas, não há o porquê "lutar com as próprias forças" em busca de direitos trabalhistas ou qualquer reivindicação nesse sentido.¹⁰³

Nos programas da Universal do Reino de Deus, o enfoque tem sido nos slogans "Pare de sofrer!"; "Se você luta e não vence é porque está lutando com coisas carnais contra forças espirituais."¹⁰⁴

Nos cultos neopentecostais, exorcizar o diabo desperta no fiel a coragem para o enfrentamento da vida, pois, acredita-se que o que causava o desemprego e opressão no trabalho foi expurgado pela oração forte, acredita-se que os estágios do sofrimento foram superados. Segundo Campos:

O exorcismo, ao ser identificado como um processo de libertação das várias fontes de opressão, que colocam em perigo a vida humana, é um tipo de dramatização, que tende a alcançar enorme sucesso em tempos de medo difuso e anônimo. A existência numa sociedade de medo, desemprego, doenças, fome e morte abrem caminho para religiões de salvação e aumentam as possibilidades de sucesso a qualquer organização religiosa, que inclua em

¹⁰³ Esses discursos tem ganhado força em momentos que os sindicatos perdem representatividade, principalmente a partir da década de 1990 no Brasil.

¹⁰⁴ "A igreja Universal do Reino de Deus (IURD) se tornou a ilustração por excelência do fenômeno pós-moderno, pois, consegue apresentar uma concepção do religioso capaz de levar em conta os problemas cotidianos causados pelas constantes mudanças sociais e econômicas. Trata-se de uma igreja líquida, ou seja, adapta-se facilmente a todos os ambientes propondo uma resposta imediata para cada causa da necessidade humana. A Igreja Universal do Reino de Deus é uma igreja planejada para o ambiente contemporâneo, observam Ruth e Rodriguez (1999)." (GONÇALVEZ, 2013, p. 58).

sua pregação, a libertação das pessoas desses problemas. (CAMPOS, 1997, p. 305).

Ainda de acordo com esse autor: "O convite 'pare de sofrer', uma vez aceito pelo religioso, infunde nele uma autoconfiança anteriormente inexistente e o faz encarar a vida de uma maneira mais otimista." (CAMPOS, 1997, p. 317). Segundo os líderes religiosos, isto é a ação do Espírito Santo dando resultados.

Deus, no neopentecostalismo, está dentro dessa perspectiva. O Deus todo-poderoso fica na obrigação de abençoar quem crê e contribui mediante essa crença. Segundo o Bispo Macedo:

Quando damos o dízimo a Deus. Ele (Deus) fica na obrigação (porque prometeu) de cumprir Sua palavra, repreendendo os espíritos devoradores que desgraçam a nossa vida atuando em doenças, acidentes, vícios, degradação social e em todos os setores da atividade humana. (MACEDO apud GONÇALVES, 2013, p. 107).

Seguindo essa vertente, faz mais sentido ao religioso dizer que os problemas de sua vida financeira e dos negócios são obras do Diabo que dar-lhes explicações econômicas ou sociais à essas dificuldades.

No neopentecostalismo, não se procura negar que os sofrimentos existem, ou desvirtuar os olhares para os céus, ignorando a vida material. Pelo contrário, há uma exacerbação da vida terrena, o diferencial é que se atribui origens espirituais à questões materiais. Há uma dissociação das causas materiais, dos problemas enfrentados pelos trabalhadores contemporâneos, ocorrendo um reencantamento do mundo.

A partir de Max Weber compreendemos o desencantamento do mundo como um processo histórico milenar em que, por meio da religião e da ciência, o mundo foi desmagificado. (...) Recentemente temos nos deparado, (...) com discursos que afirmam a emergência de um reencantamento do mundo". (MOCELLIM, 2011, p. 1).

No mundo reencantado a magia e a simbologia religiosa dão sentido ao mundo material dando novas atribuições sociais das religiões na vida cotidiana. A investida dos neopentecostais para com as religiões afro-brasileiras e a própria concorrência entre igrejas

neopentecostais ocorre pela resignificação dos símbolos que reorganiza o cotidiano. Acompanhando as argumentações de Max Weber, "Na prática, o que sempre importou e ainda importa é quem mais interfere nos interesses do indivíduo na vida *cotidiana*, se o deus teoricamente 'supremo' ou os espíritos e demônios 'inferiores'." (WEBER apud MARIANO, 1999, p. 112).

De acordo com o contexto social, os argumentos de bênçãos e prosperidade, como também da batalha espiritual adquirem sentidos mais profundos. Ou seja, "...os vencedores da grande competição social por um espaço no sistema seriam os 'escolhidos de Deus!'" (CUNHA, 2007, p. 51).

No mundo reencantado, os objetos pessoais adquirem transcendência, deixam de ter funções para que foram designadas e passam a ser pontos de contato entre o mundo material e as ordens espirituais. Chaves, sapatos, peças de roupa, carteiras de trabalho, dentre outros são usados diariamente nos cultos.¹⁰⁵

De acordo com essa lógica, os encostos se alojam nesses objetos impedindo o sucesso financeiro das pessoas, por isso, o desencapetamento e os cultos de libertação tornam-se importantes para a teologia da prosperidade e a batalha espiritual.

Segundo Bispo Macedo em *Orixás, Caboclos e Guias*¹⁰⁶, existem demônios que atuam na vida das pessoas, sendo os fracassos múltiplos também na vida profissional são o resultado da ação desses demônios. Para ele as "Doenças, misérias, desastres e todos os problemas que

¹⁰⁵ Não são somente os segmentos neopentecostais que procuram desenvolver a relação do mundo do trabalho com a fé. A arquidiocese de Belo Horizonte-MG disponibilizou em seu site: www.arquidiocesebh.org.br/site/index.php, para downloads uma oração para bênção da carteira de trabalho, devido à missa a São José Operário, que ocorreria no dia 1º de Maio de 2013. Cabe observar, contudo, que esta oração não está referenciada na teologia da prosperidade. Aqui o sentido do êxito profissional está vinculado à capacitação para o engajamento na "promoção da vida (...) principalmente daquele pequenino esquecido..." Comum a essa oração e a teologia neopentecostal é a crença no poder da divindade de influir no êxito profissional. Segue a Oração: "Pai querido, nosso Deus infinitamente bondoso e amoroso, deseja que todas as coisas que temos estejam a serviço de nosso bem e daqueles, principalmente, que estão mais próximos a nós. Apresentamos-Te em nossas mãos um documento cuja importância o Senhor sabe. Pedimos-Te, ó Pai, que, desejando que os teus filhos e filhas, independentemente da profissão, colaborem, com o seu trabalho, na obra da Tua criação, abençoe estas carteiras de trabalho. O nosso coração, maior do que as nossas mãos, faz ao Senhor esta apresentação, desejando que com esta Tua bênção tenhamos possibilidade de construir uma história na qual o nosso trabalho nos dê a dignidade de filho teu ou filha tua. Com esta atividade que o Senhor sabe o quanto significa para nossa vida, queremos, com a intercessão de São José Operário, na sua exemplar humildade, desempenhar o trabalho que já temos ou de que precisamos, aplicando-nos na promoção da vida de quem quer que seja, principalmente daquele pequenino esquecido, abandonado, explorado, violentado, por causa de quem o Teu Filho Jesus se entregou na cruz com amor todo especial. Amém!" (Pesquisado no dia 31/08/2014 às 03:46)

¹⁰⁶ MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos e Guias*, 2005

afligem o ser humano desde que este iniciou sua vida na Terra têm uma origem: o diabo" (MACEDO, 2005, p. 20).

As contribuições do neopentecostalismo para o toyotismo são mais que apoios psicológicos para os trabalhadores, opera na construção de novos sentidos axiológicos, tanto para ação como resignificando as consequências do toyotismo na vida das pessoas.

Na contemporaneidade não existe uma religião que detém a hegemonia das crenças religiosas, cabe às igrejas neopentecostais legitimar suas visões de mundo, nesse aspecto a fé aparece como forma de legitimar os discursos.

3.2 O neopentecostalismo e a necessidade de flexibilização

O sujeito toyotizado é convidado a acompanhar as rápidas transformações do trabalho. Para isso, deve estar disposto a se flexibilizar e abrir mão de coisas que outrora lhe eram caras, tais como: relacionamentos familiares, planos de carreira, princípios religiosos etc. Nesse processo, para garantia de estabilidade mínima, inúmeras degradações tem sido experimentadas no mundo do trabalho. Há uma sujeição do trabalhador aos superiores, via colaboração, para que um pouco de estabilidade seja mantida. A ideia de flexibilização tratada nesse momento terá como pano de fundo essas relações no campo do trabalho, conforme mostra Eurenice de Oliveira em *Toyotismo no Brasil*¹⁰⁷:

...para garantir o trabalho, o trabalhador perde os limites do posto de trabalho, das tarefas, das habilidades, da sua competência e até mesmo da legalidade sobre a própria relação com a empresa. E, dessa forma, fica solto no terreno movediço da colaboração. Deixa de lutar pela manutenção de algo que é seu e passa a existir em busca do favor daqueles que o empregam. Esse é o verdadeiro significado da palavra *cosenso* [flexibilidade], se entendida na perspectiva do trabalho. O trabalhador consente em esquecer os direitos para manter o emprego e mesmo assim só se garante no prazo do contrato de trabalho, por tempo determinado, se houver contrato. Nada de estabilidade; nada de antiguidade à japonesa; nada de tradição de lealdade; nada de costumes. A empresa é espaço fora da lei, da tradição, do costume, da nacionalidade. (OLIVEIRA, 2004, p. 76)

¹⁰⁷ OLIVEIRA, Eurenice de. *Toyotismo no Brasil: Desencantamento da fábrica, envolvimento e resistência*, 2004

Ao falar de flexibilidade nessa dissertação é no sentido apresentado por Oliveira no excerto acima, onde o constante jogo de poderes entre contratantes e contratados esconde a captura da subjetividade para o trabalho. Debaixo da ideia de flexibilidade ou colaboração consentida, inúmeras explorações acontecem.

A ideia de flexibilização necessária e não opcional ocorre por ser estratégia das grandes fábricas e corporações que, conforme ressaltado no capítulo primeiro, precisam cortar gastos e tornar seu produto mais competitivo. Quem não se flexibiliza perde espaços. Por isso ela é considerada necessária, pois apresenta como a única alternativa possível.

A flexibilização entra em oposição à rigidez do fordismo. Ela ocorre em três pontos; (I) nas relações de trabalho, (II) nos planos de carreira e (III) nas atividades do trabalho em si.

No cotidiano fica impossível fazer a separação feita acima, porque são mudanças que ocorrem em simultaneidade na vida do trabalhador. As pessoas não podem ser fragmentadas para que estudos das ciências sociais façam suas análises. Fiz essa divisão por considerá-la a forma mais didática de entender o impacto da flexibilidade no mundo do trabalho.

Deixar de pertencer às organizações sindicais que procuram enrijecer as relações trabalhistas faz parte do processo em curso das flexibilidades das **relações de trabalho**. Ou seja, no relacionamento entre trabalhadores e empresas, perde-se os mediadores que defendem os interesses da classe operária.

O sentimento de impotência diante dos tentáculos da empresa e do mercado de trabalho chega a níveis inimagináveis. Os discursos neopentecostais fazem contribuições psicológicas para que essas pessoas não desenvolvam problemas mais sérios de baixa auto-estima e depressão.

Ed René Kivitz, fazendo referência aos estudos de Patrícia Abudene, diz que "...em momentos de dor, as pessoas viram-se para a metafísica e para Deus..." (KIVITZ, 2007, p. 55).

Nessa lógica, os sindicatos, já em frangalhos, não são mais necessários quando se tem o próprio Deus todo-poderoso que advoga em defesa do fiel contra os ímpios desse mundo. Sentir-se protegido nas atuais conjunturas do trabalho é um elemento que permite a continuidade das atividades flexíveis operacionalizadas no cotidiano.

Assim, está em disputa, nessa conjuntura, a legitimidade das instituições diante da individualidade e dos individualismos das pessoas. Não que elas desapareçam completamente,

mas elas tendem a adequar as demandas dos trabalhadores à nova lógica do mercado de trabalho. Acompanhando, portanto, as reflexões de Sung, considero que as instituições tornam-se necessárias para que objetivos individuais sejam alcançados, porque as pessoas são limitadas para a conquista de seus desejos e utopias, dependendo somente de si:

...reconhecendo os limites humanos, construir modelos institucionais, projetos históricos, que (...), nos possibilite vivenciarmos na medida do possível relações e valores humanos que vislumbramos em plenitude de nossa utopia. (SUNG, 2008, p. 223)

Em nome da individualidade e flexibilidade, inúmeras perdas históricas ocorrem. Esta tendência coloca fora de cena os sindicatos combativos para a incorporação dos chamados "sindicatos-casas", que cooperam constantemente com os projetos da empresa. Esses discursos servem para a exploração daqueles que não tem com quem contar diante das novas relações de trabalho.

A flexibilidade altera o cotidiano do lar dos trabalhadores. Desregula inclusive sua vida religiosa. Nas alternâncias dos quadros de horário, por exemplo, há perdas de dias sagrados e cultos, tão preciosos ao crente.

Nas igrejas pentecostais, nos pedidos de oração e testemunhos, são constantes as súplicas a Deus para que um novo emprego seja encontrado. Uma porta de emprego que não atrapalhe o fiel de aos sábados ou domingos frequentar a "casa de Deus".

Mas, como o capitalismo passa por cima de tradições e elementos sagrados, fazendo uso delas somente quando são rentáveis financeiramente, pouco importa para aqueles que estão na lógica da "acumulação flexível" respeitar os sacramentos do povo.

De maneira intencional ou não, o fato das igrejas neopentecostais ficarem abertas quase que o dia todo, tendo cultos durante todo o dia atende esse fiel que perde o contato com a comunidade local a que pertence, principalmente nos grandes centros urbanos, onde os fluxos de pessoas são mais intensos que nas cidades do interior.

A padronização dos templos e a acessibilidade de suas localizações, sempre perto de rodoviárias, pontos de ônibus e metrô, também atende a essa massa transeunte de crentes que, flexíveis, estão em seus novos relacionamentos de trabalho.

Algo interessante na IURD e também do movimento neopentecostal como um todo é que, não importa onde se esteja, não importa o horário, não importa qualquer desses fatores. Haverá sempre uma IURD de portas abertas esperando esse fiel.

Geralmente são templos confortáveis, com um pastor carismático a espera, com o mesmo timbre de voz dos pastores que aparecem na TV. Também usam roupas similares e seguem o mesmo ritual litúrgico.

Essa padronização das igrejas dá senso de pertença ao fiel. É como se as igrejas fossem sua zona de conforto. Ou seja, o mundo está fluído, mas nesse lugar há um encontro com o conhecido.

O templo não é somente um local de encontro, é um local de esperança, composto de magia, ou seja, "é a casa de Deus":

...o templo possui uma função estratégica, pois é a referencia onde está a benção. O templo é um espaço especial para o adorador (...) o templo está associado ao milagre da conversão; por isto ele [o fiel] deseja estar ali mais que em qualquer outro lugar. Para a IURD seus templos são hospedagens do sagrado, um espaço energético, um espaço geográfico, onde o céu parece ter encontrado com a terra, por isto, carregado de sinais estimuladores de experiências com o sagrado. (...)

...o templo é um elemento ético-religioso importantíssimo que oferece um encantamento (...), possui certa magia, dentro dele tudo é sagrado, é Deus agindo para libertar o fiel de suas necessidades e desafios, é o espaço sagrado, a casa de Deus, o lugar de esperança. (GONÇALVES, 2013, p. 105-106)

É lugar em que há a ratificação de que Deus está no controle. Os templos procuram ser apresentados como "o lugar da ordem" que deixa fora todo o caos da vida. Logo, ir à igreja adquire um sentido a mais. Adquire sentido prático e não somente um olhar ao paraíso extra mundo.

Caso ir à igreja não seja possível, devido à rotina do trabalho, sempre haverá um pastor carismático com uma palavra de conforto e orientação na TV ou no rádio. Isso explica a compra de horários nas madrugadas na TV por parte das igrejas neopentecostais, que atendem os fieis que tem horários alternativos na organização da vida.

As relações descritas acima, não são percebidas por todos os fieis da mesma forma em seus cotidianos, porque as pessoas são diferentes. Mas, os testemunhos na TV tem mostrado um padrão de influência dos discursos neopentecostais no dia-a-dia do trabalho.

As novas relações de trabalho, via flexibilidade, minam o senso de pertença e a estabilidade das pessoas. O neopentecostalismo se apresenta, na era da comunicação em massa, para suprir essas faltas ocasionadas pelas transformações sociais.

A Igreja Mundial do Poder de Deus, com enfoque principal na pessoa de Waldemiro Santiago, procura, através de sua performance informal, fazer referência à vida simples de seu público, dando ideia de continuidade e pertença nesse mundo de constantes transformações. De acordo com Elisa Rodrigues em *A dimensão comunicativa e a performatividade nos cultos da Igreja Mundial do Poder de Deus*¹⁰⁸, esta igreja apresenta nos horários de televisão um:

Formato que prima pela informalidade, pelo uso de expressões típicas da linguagem popular e por certo repertório de imagens que revela espécie de nostalgia do campo e da vida simples. (...) Conta histórias do passado na roça, fala das dificuldades que enfrentou quando criança, sobre a perda da mãe e dos problemas com drogas na juventude, quando deixou o pequeno distrito de Cisneiros rumo à cidade de Juiz de Fora (Zona da Mata de Minas Gerais). (RODRIGUES, 2013, p. 211)

Com linguagem simples, o Apóstolo Waldemiro ao se identificar com o povo, conduz, através de seu discurso, seus princípios de fé, que devem ser internalizados pelo ouvinte.

Até mesmo o ato de ofertar ao pregador da TV gera esse senso de pertença no fiel. Através desse ato ele pode se considerar uma "Coluna de Deus", um "Gideão"¹⁰⁹, ou mesmo um sócio das coisas de Deus.

Segundo Ricardo Mariano, os dízimos e ofertas têm dentro do neopentecostalismo o sentido de conseguir proteção do próprio Deus diante das ameaças desse mundo. Essa relação com o dinheiro dentro da igreja tem sido motivo de críticas ao neopentecostalismo. Apesar disso, ele continua sendo um segmento religioso em franco crescimento. Isso parece ocorrer porque sua mensagem tem coerência com a vida das pessoas.

Assim, trabalho com o pressuposto de que o neopentecostalismo tem se tornado um porto seguro em uma modernidade líquida. Mas que, por sua vez, não deixa de ser participante dessa modernidade. Ou seja, pode esconder um sistema de exploração compulsória, que para sua legitimidade opera com altos níveis de sacrifícios humanos.

¹⁰⁸ RODRIGUES, Elisa. *A dimensão comunicativa e a performatividade nos cultos da Igreja Mundial do Poder de Deus*, 2013

¹⁰⁹ Nomes dados aos voluntários que são ofertantes na "casa de Deus" ou na "obra de Deus". Não tem referência direta aos dízimos. É contribuição à parte, paga via carnê ou em depósito em conta bancária.

Sentir-se pertencente a uma comunidade religiosa ou ser sócio de Deus ocorre em contraposição à flexibilidade do toyotismo, revelando a existência de uma dialética nesse processo.

Quando afirmo que o neopentecostalismo apresenta segurança em um mundo flexível, não estou dizendo que esse segmento religioso busca a superação dessa flexibilidade, pelo contrário, as mensagens dessas igrejas ressaltam constantemente que essa flexibilidade é necessária. Assim, legitimam uma relação de exploração.

Por saber que a flexibilidade tem impactos fortíssimos na vida das pessoas e pressupor que essa flexibilidade é "necessária para o bom caminhar da história regida por Deus" é que os sacerdotes do novo tempo se apresentam como ferramentas de Deus. São portanto, uma peça fundamental para que a engrenagem da vida continue funcionando de forma suportável. Isso revela a dialética das afinidades eletivas entre religião e mundo do trabalho na contemporaneidade.

Dizimar e ofertar de acordo com o Bispo Macedo é sinal de quem ama as coisas de Deus e que leva a sério esse relacionamento entre Deus e os homens. De acordo com a Religiosidade Mínima Brasileira, Deus é um ser pessoal que valoriza esse relacionamento com o gênero humano.

A ideia de um Deus que mantém relacionamentos pessoais com os indivíduos e está interessado nos mínimos aspectos cotidianos desse sujeito está na base da cultura brasileira e, portanto, legitima as considerações feitas pelos líderes carismáticos, de que esse Deus todopoderoso intervirá no cosmos para benefício dessa única pessoa. Esse discurso, por sua vez, reforça a ideia do individualismo típico da pós-modernidade.

Diante desse contexto há um entendimento entre os fieis de que a contribuição desses pastores para a vida do fiel é grande e, conseqüentemente, digna de pagamento pelos serviços psicológicos e espirituais prestados nas sessões dos cultos. Cumpre-se assim, a expressão de que "o obreiro é digno de seu salário" (1 Timóteo 5:18).

Renan Araújo, em sua pesquisa, mostra que os discursos de "senso de pertença", "pertencimento à espécie humana" ou algo do tipo, pode esconder um processo de manipulação dentro da lógica do capital. Com base nos estudos de Agnes Heller, Araújo afirma:

Essa "solidariedade operária", se por um lado funciona como uma espécie de "válvula de escape", por outro torna os operários reféns da imediatividade do cotidiano e de todo processo de manipulação nele contido. (HELLER apud ARAÚJO, 2009, p. 204)

Nas contribuições do neopentecostalismo ao mundo do trabalho a dialética da "manipulação" não pode ser desconsiderada.

Com relação aos **planos de carreira** perdidos em meio a essa flexibilização, os discursos religiosos apontam sempre para um horizonte utópico que garante que o amanhã será melhor que o hoje. Em relação ao mundo do trabalho, as crises psicológicas ocasionadas por qualquer circunstâncias podem ser vencidas pelo paraíso que se aproxima. Ou seja, são sacrifícios pessoais necessários para aproximação do paraíso terrestre.

Os horizontes utópicos da boa carreira profissional perdida pela realidade do dia a dia são substituídos por novas utopias. Nessa nova relação, os planos se pautam menos na vida profissional e mais nos bens materiais que o dinheiro pode comprar.

Cria-se, portanto, uma logística baseada em elevados desejos de consumo em massa. A problemática dessa lógica é que, no mundo concreto, torna-se impossível a realização dessa utopia baseada nos desejos de consumo:

Fazer do consumo de mercadorias-símbolos o sentido último da vida é uma peça chave na globalização econômica capitalista contemporânea. (...) esse padrão de consumo, que se espalha pelo mundo como a meta a ser atingida para ser reconhecida como pessoa, é ecologicamente insustentável pelo seu impacto sobre os recursos, renováveis e não renováveis, do nosso planeta e pelos lixos e resíduos de todo tipo, que superam em muito a capacidade de absorção do meio ambiente local e planetário. (SUNG, 2012, p. 159-160)

Se no protestantismo calvinista, da qual fala Weber, o trabalho tinha valor em si, nessas novas relações a aquisição de bens de consumo tem maior importância.

Para citar mais uma vez os testemunhos nas TVs e rádios: não importa tanto como o fiel conseguiu seus bens materiais, se foi resultados de atividades ilícitas ou não. A ideia é que, se conquistou "casas na praia, apartamentos, carros importados e filhos em escolas particulares" é porque "tem a proteção e a bênção de Deus".

Os objetos de consumo, dentro do neopentecostalismo não estão somente em alto padrão, há também um discurso voltado para as classes C e D. Conforme o testemunho de uma senhora, relatada a Rodrigues:

Uma senhora explicou-me que após ter recebido a cura de um problema localizado no baixo ventre, teve suas relações familiares restauradas, conseguiu a reforma da casa e uma máquina de lavar roupa. Tudo aconteceu após assistir os programas da IMPD e, na sequência, frequentar as reuniões. Por fim, considerou que merecia um aparelho de TV mais moderno. Se deus tinha operado milagres por meio de uma TV tão pequena e com imagem tão ruim, agora, ela queria era “sentir o homem” (apóstolo Valdemiro) dentro de sua sala. Pouco tempo depois, a senhora foi agraciada com uma TV de tela plana, “dessas fininhas” e podia assistir aos cultos com mais qualidade no novo aparelho. (RODRIGUES, 2013, p. 212-213)

Nos estudos de Próchino, Parativini e Gonçalves, o atual sistema capitalista é caracterizado por altas demandas de consumo e por desamparos sociais. (PRÓCHINO, PARATIVINI & GONÇALVES, 2008, p. 588).

As promessas feitas dentro das igrejas neopentecostais podem resultar em constantes irrealizações e levar o fiel, segundo os autores, a uma relação de masoquismo com a instituição religiosa.

Ao sujeito que vive sob a regência da fé, também se impõe a condição de que ele promova mudanças em sua vida que tenham a força de traduzir a sua saída da submissão ao mundo marcado pelas seduções do Diabo. (PRÓCHINO, PARATIVINI & GONÇALVES, 2008, p. 596)

O sentido ontológico da atividade laboral pouco importa, permanece a lógica de que os resultados financeiros compensam os estranhamentos no cotidiano. Sendo assim, nesse aspecto, o toyotismo permanece intensificando a brutalização dos antigos trabalhadores fordistas, mesmo que os discursos de "século do conhecimento" permaneçam na contemporaneidade.

Nessa lógica de flexibilidade dos planos de carreira profissional, a perda da emancipação do gênero humano e dos sonhos subjetivos são compensados por objetos de desejo na atual sociedade de consumo.

É importante observar que as campanhas inserem uma lógica do consumo que fecha um ciclo da produção. Ou seja, o ciclo da produção só termina quando o produto é consumido no ato da compra pelos clientes.

Nesse sentido, as afinidades entre o neopentecostalismo e o toyotismo não se restringem somente à produção dos bens. Essa afinidade é percebida em todo o ciclo produtivo, cujo alvo final invariavelmente é o consumo.

Ocorre que esta espiritualidade focada no consumo, subjacente ao toyotismo e ao neopentecostalismo traz em si uma ilusão, porque propõe padrões de consumo que na prática são irrealizáveis, pela maioria da população. Como diz Jug Mo Sung:

...o padrão de consumo que se deseja imitar não é acessível à maioria da população mundial, especialmente nos países ditos em "desenvolvimento" e nos países pobres. (...) esse padrão de consumo, que se espalha pelo mundo como a meta a ser atingida para ser reconhecida como pessoa, é ecologicamente insustentável pelo seu impacto sobre os recursos, renováveis e não renováveis, do nosso planeta e pelos lixos e resíduos de todo tipo, que superam em muito a capacidade de absorção do meio ambiente local e planetário. (SUNG, 2012, p. 159-160)

Nas pesquisas de Kivitz, ele mostrou que há momentos em que a aquisição compulsória de novos produtos não são suficientes para que as pessoas se realizem profissionalmente, precisando desenvolver atividades que sejam mais compatíveis com seus desejos íntimos, com sua espiritualidade.

O trabalho deve contemplar sentido para o dia-a-dia, além do pão de cada dia; reconhecimento e realização, além de salário; encantamento e entusiasmo, além de fadiga e torpor; realização e contribuição pessoais ao mundo, além de consumo egocêntrico; algo mais que o lento arrastar da segunda até à sexta, enquanto caminhamos em direção à morte. (KIVITZ, 2007, p. 84)

A polivalência dentro das atividades do trabalho em si, que os gurus do mercado chamam de flexibilidade e competitividade, os sociólogos do trabalho chamam de novas formas de exploração do trabalhador. Motivo de novas doenças e estresse na nova lógica da fábrica.

Nessa nova relação de flexibilidade, o perfil do trabalhador desejado passa por aqueles que aceitam incondicionalmente a lógica do mercado e querem sempre estar adaptados às novas tendências. Ou seja, devem ter "maior facilidade em se disponibilizar" (ARAÚJO, 2009, p. 205).

Nesse sentido é reveladora a fala de Antonio Carlos, médico do trabalho, que nos informou: "[...] o que diferencia o trabalho hoje do trabalho que existia vinte anos atrás é justamente isso; antigamente o trabalhador metalúrgico era um trabalhador que era contratado para fazer. Então, bem dentro daquela escola Taylorista, ele não tinha que pensar, ele era pago para fazer. A reestruturação produtiva mudou um pouco isso. Quer dizer, você **deixou de procurar um trabalhador que saiba fazer e passou a procurar um trabalhador que saiba aprender**, essa foi uma mudança significativa. Tá a explicação: Por que você faz a opção pelo mais jovem? (...) **ele tem maior facilidade em se disponibilizar**, a sentar, prestar atenção, a suportar aula, palestra, treinamento, ele não se sente ofendido em aprender (...) Com isso ele é estimulado o tempo todo a pensar o trabalho que ele faz e dar sugestões de como é que ele pode melhorar o desempenho... (ARAÚJO, 2009, p. 205-206)

A flexibilidade dos quadros de horários, por exemplo, não são conquistas dos trabalhadores, mas uma imposição de cima para baixo. Com isso, as dificuldades em projetar o próprio futuro profissional são um dos descontentamentos entre trabalhadores, tanto mulheres quanto homens. Essa falta de projetos para o futuro são compensadas com algum outro benefício.

As metamorfoses no mundo do trabalho tem afetado a saúde do trabalhador e são constantes as crises de depressão, advindas das mudanças estruturais de produção. É o que se pode inferir da seguinte citação:

...a partir da década de 1990, com uma *intensa reestruturação* do sistema produtivo e uma forte flexibilização das relações trabalhistas, principalmente à jornada de trabalho, têm provocado um aumento considerável de estresse laboral, bem como inúmeras doenças do trabalho. (DE OLIVEIRA SILVA, 2013, p. 66-67)

Não surpreende, portanto, o apelo do neopentecostalismo aos seus fieis para solucionar estas carências através da adesão à determinadas práticas religiosas. As promessas de cura são direcionadas a doenças ocasionadas por essa intensificação do trabalho em sua flexibilização.

Podemos, portanto, inferir certas ligações diretas entre as doenças ocasionadas pela flexibilização do trabalho e os discursos de cura dentro das igrejas neopentecostais. Estes discursos tornam-se ainda mais relevantes diante da carência de políticas públicas voltadas à saúde dos trabalhadores no Brasil.

3.3 O neopentecostalismo e o incentivo à livre iniciativa privada

Conforme mostrado nessa dissertação, o toyotismo opera com grande parcela de trabalhos terceirizados e autônomos, por isso, o incentivo à livre iniciativa privada torna-se elementar para a implantação do toyotismo no Brasil.

A diferença entre o incentivo à livre iniciativa privada, tratada nesse tópico, e o desenvolvimento das competências individuais, tratado no tópico primeiro, é que ao desenvolver suas competências individuais o trabalhador pode permanecer ligado à empresa, ao passo que a livre iniciativa privada tem seus tentáculos fora da empresa. De qualquer forma, de acordo com as teorias francesas de regulamentação, ambas não deixam de ser variáveis através das quais o toyotismo impõe sua força na estruturação do mundo do trabalho.

Similar ao toyotismo, a ética neopentecostal valoriza os empreendedores. Para fazer novamente referência à maior igreja neopentecostal do país, a Igreja Universal do Reino de Deus procura estimular os fieis para que desenvolvam o empreendedorismo através da livre iniciativa privada, para sua sobrevivência.¹¹⁰

Ocorre nas igrejas neopentecostais uma sacralização do empreendedorismo. Ou seja, torna-se sagrado algo que é secular. (SUNG, 2008, p. 201).

É possível então inferir que esta hierofania (manifestação do sagrado) das atividades empreendedoras dá sustentação ao toyotismo no Brasil e legitima esse modelo de gestão. Quando os neopentecostais atribuem à iniciativa privada um caráter sagrado eles contribuem para a criação de um consenso de que essa atividade é inquestionável, devido sua sacralidade.

¹¹⁰ Enumeramos alguns dos artigos contidos em seu site, a saber: "Aprenda a ter atitudes vencedoras em seus negócios", "Moisés e Pedro ensinam empresários a conciliar humildade e esperança", "Que ligação o empresário deve ter com Deus", "Saiba como ser um empreendedor como Davi", "Atitudes bíblicas ensinam empreendedores a vencer", "Como os empreendedores devem agir para estimular seus funcionários". Disponível em <www.universal.org> Acesso em: 04 setembro 2014.

Se algo negativo advir dessa lógica, como a exclusão de grande massa de pessoas, essa exclusão se legitima como um sacrifício humano necessário. Essa sacralização ocorre quando pregadores e líderes religiosos ao fazerem hermenêutica da Bíblia consideram as atividades dos personagens bíblicos como ações típicas dos empreendedores contemporâneos. Santificam assim uma atividade própria do capitalismo e legitimam o sistema religiosamente.

Se por um lado existe a sacralização de atividades empreendedoras, por outro, existe a demonização do ócio. Dentro desta lógica, constitui um erro, um pecado até, não aderir à iniciativa privada.

A força desse discurso é tão grande que pessoas que nunca pensaram em ter seu negócio próprio, sonham com tal atividade. Desejam se tornar mais parecidos com o modelo de "homem/mulher de Deus" anunciado nos discursos religiosos.

O critério para saber se o empreendedor chegou ao ideal proposto pelas igrejas está no poder de consumo. Como o desejo de consumo é ilimitado é impossível chegar ao modelo proposto de "homem/mulher de Deus".

É interessante que temas pertinentes à condição humana, e temas sociais, tais como a miséria de milhões de pessoas ocasionadas por essa lógica de exclusão, nem sequer são citados nos discursos neopentecostais, mostrando que o pragmatismo com foco no consumo supera as reflexões teológicas.

Para citar mais uma vez Jung Mo Sung, "...o capitalismo (...) possui uma teologia e uma espiritualidade que nos aliena, condena à miséria milhões de pessoas e coloca em perigo o nosso meio ambiente." (SUNG, 2012, p. 158).

Se em outras épocas o cristianismo teve dificuldades em associar poder de consumo às atividades religiosas, na contemporaneidade, isso é encarado de forma bem positiva pela teologia da prosperidade. Errado é quem não segue esta tendência.

O desejo de negócio próprio é assimilada com mais facilidade pelos trabalhadores contemporâneos por dois motivos: (I) emancipação das atuais opressões das relações de trabalho, e (II) desejo de ascensão social: Ser chamado de microempresário ou empresário individual é melhor que operário de fábrica.

No neopentecostalismo bate-se na tecla de que as condições já foram dadas para a realização de todos os desejos, basta que as pessoas adquiram coragem e empreendam.

Confirma-se, assim, o senso comum “faça sua parte que Deus faz a dele”¹¹¹. Nesse caso, a iniciativa privada é de responsabilidade do gênero humano.

Para o fiel, este nunca está sozinho quando finalmente abrir o próprio negócio, pois contará com a ajuda de um Deus todo-poderoso a seu favor. Deus, neste imaginário é representado como um sócio poderoso, capaz de vencer qualquer concorrente.

Para que haja sucesso da religião é preciso que as condições materiais sejam propícias a isso. Associei nesse capítulo a ética neopentecostal ao toyotismo por constatar certas afinidades entre ambos os campos. Suspeitei que o modo toyotista de gestão da produção e sua assimilação pela cultura hegemônica no Brasil fornecem as condições materiais que possibilitam assimilação do neopentecostalismo na contemporaneidade.

Para usar uma linguagem religiosa, o capitalismo torna-se um ídolo no neopentecostalismo, na medida em que esta corrente religiosa adere a uma ideologia de livre concorrência que exige sacrifícios para realização do paraíso terrestre, uma promessa ilusória, pelas próprias características excludentes da ordem vigente.

É importante enfatizar aqui que o sacrificalismo do sistema de mercado - a exigência de sacrifício de vidas humanas como uma necessidade para o progresso e a conquista do "Paraíso" - está fundado na ilusão de que o progresso técnico infinito, possibilitado pelo sistema de mercado, nos levará à satisfação de todos os desejos humanos. É esta promessa que sustenta a "legitimidade" dos sacrifícios humanos. (SUNG, 2008, p. 197)

As instituições religiosas que legitimam esse sistema de mercado através de sua teologia estão, inconscientemente, legitimando a opressão e uma ideologia que leva à desumanização. Considerar legítima a livre iniciativa privada, sem a mediação direta do Estado, Sindicatos e Igrejas, é o mesmo que dizer que os perdedores da corrida econômica merecem tal condição por sua incapacidade. Este discurso religioso, realmente não condiz com a tradição cristã que faz a opção pelos pobres.

A legitimação da lógica de mercado dentro do contexto econômico analisado aqui levou inúmeros pensadores a considerar que esse sistema econômico tem feito surgir uma

¹¹¹ Pesquisado no site: estudos.gospelmais.com.br/faca-sua-parte-que-deus-faz-a-dele.html pesquisado no dia 17/12/2014 às 12:05

nova religiosidade na sociedade, de fato, um ídolo, que exige constantes sacrifícios humanos para realização de um ideal.

O incentivo à livre iniciativa privada ocorre por sacrifícios, o que dentro da lógica de "enxugamento de pessoal" joga ao desemprego estrutural milhões de brasileiros e brasileiras que não tem outra forma de sobrevivência se não a venda de sua força de trabalho ao capital.

A reestruturação produtiva a partir da década de 1990 intensificou essa lógica. Renan Araújo mostra que o fato de essa forma de pensar ocorrer em momentos que tem o toyotismo como hegemônico no mundo do trabalho não é coincidência, mas já estava nos projetos originais do toyotismo, conforme salienta Araújo no excerto abaixo:

A reestruturação, cuja flexibilidade se tornaria paradigma das novas técnicas produtivas introduzidas posteriormente, inclusive no ocidente, foi assim definida por Ohno:

"Há duas maneiras de aumentar a produtividade; uma pelo aumento constante das quantidades produzidas, a outra pela diminuição constante dos trabalhadores. A segunda é menos popular, mas significaria repensar em todos os seus detalhes a organização do trabalho" (Ohno, 1997: 71).

É por isso que, segundo Eurenice Oliveira (2006), quando analisa o processo de reestruturação produtiva e seu caráter flexível tal qual concebeu Taiichi Ohno verifica-se que, na sua concepção original, a racionalidade que norteia as práticas toyotistas expressas pelo sistema *just-in-time/kanban*, na base da sua lógica fundante revela a busca pelo aumento da produtividade e a diminuição dos custos de produção, as quais estiveram permanentemente atreladas à exigência de enxugamento de pessoal, de uma drástica diminuição de trabalho. (ARAÚJO, 2009, p. 187)

Só há a necessidade de se estimular a iniciativa privada quando os recursos do Estado ou das grandes corporações falham em não promover aos indivíduos o mínimo necessário à sua sobrevivência. Essa falha, tanto do Estado como daqueles que detém os meios de produção, podem ser *falhas por incapacidade* ou *incapacidade por opção*, gerando um desemprego estrutural nessa nova morfologia do trabalho.

O incentivo ao trabalho empreendedor é feito por divulgação de materiais especializados, geralmente por economistas e palestrantes motivacionais. Quando o neopentecostalismo legitima esse sistema opressor sobre a vida do povo brasileiro está jogando com as regras no novo ídolo para se fazer vivo no atual contexto social.

Se no fordismo, no velho paradigma, o ambiente de negócios era caracterizado como ordenado, sequencial e previsível de eventos, no toyotismo, no novo paradigma, a característica é o caos e a incerteza. (KIVITZ, 2007, p. 64).

Desde a origem do modo de produção capitalista a religião cristã está em afinidades com ele, grande parte dos princípios religiosos foram construídos dentro e para a lógica capitalista. Sendo assim, não é de se estranhar que as principais mensagens religiosas estejam em simetria com o capitalismo contemporâneo.

...o ídolo da sociedade burguesa é invisível, o que o distingue do ídolo bíblico, feito de elementos da natureza concreta e visível. Esta invisibilidade do ídolo e, portanto, da própria idolatria, permite à sociedade moderna se apresentar como secularizada, ateia, e, ao mesmo tempo, "absorver muitos elementos centrais da tradição cristã, transformando-os em elementos do fetichismo", isto é, invertendo os elementos centrais da fé cristã, como, por exemplo, o preceito do amor ao próximo. (SUNG, 2008, p. 206)

A idolatria do mercado se estabelece por concepção a priori como a realidade única possível, sendo natural qualquer construção de pensamento que legitime tal forma de pensar.

CONCLUSÃO

Conforme vimos na introdução dessa dissertação, o conceito de afinidade eletiva (*Wahlverwandtschaft*) é um recurso teórico que pretende captar a relação entre dois ou mais segmentos, não necessariamente dependentes entre si, mas que em contextos históricos específicos se encontram em simetria. Ou seja, em determinadas circunstâncias estes campos podem estabelecer ligações e aparecer como se fossem facetas de um só fenômeno.¹¹² "Nessa pesquisa relacionei especificamente três características do neopentecostalismo para demonstrar suas afinidades com o toyotismo, a saber: o discurso das competências individuais, a ênfase na flexibilidade e o incentivo à livre iniciativa privada".

Relacionei, nessa dissertação, a religião e o mundo do trabalho, o que possibilitou conclusões menos reducionistas em referir-se ao neopentecostalismo. Elaborei esse segmento do cristianismo frente aos desenvolvimentos históricos e os estudos das ciências sociais.

O pressuposto trabalhado nessa pesquisa remete-se ao fato de que ninguém vive sem um significado para a vida, seja ele religioso ou não. Quando esses sentidos são construídos dentro da lógica capitalista, fica mais fácil à classe burguesa reordenar suas formas de acumulação.

Nessa pesquisa ressaltar que a religião não tem o monopólio dos valores axiológicos, mas, propõe uma visão de mundo coerente com a ideologia contemporânea. Por isso, a cosmovisão neopentecostal torna-se mais atraente por uma série de afinidades com a lógica atual do capitalismo. Demonstrei também que o sistema econômico contemporâneo tem como modo de produção hegemônico o toyotismo.

O modo de produção toyotista é originário do Japão e tem como criador o então gerente da Toyota, Taiichi Ohno (1912 - 1990). Ohno publicou seus princípios no livro *Toyota Production System: Beyond Large-Scale Production*, que serviu de guia as outras empresas.

¹¹² Os pressupostos do materialismo histórico, por exemplo, consideram que as questões culturais são determinadas pelo social, ou seja, as relações de produção determinam as esferas culturais e religiosas.

O princípio da empresa enxuta é a base para as mudanças na cadeia produtiva, a começar pelos trabalhadores flexíveis, individuais, temporários, terceirizados, (des)empregados, precarizados, desesperançados diante da realidade social que se cria com o toyotismo.

O apelo religioso para auxiliar os fiéis diante dos problemas diários é uma tentativa de reordenar os sentidos de vida dentro do emaranhado do cotidiano, que encontra no trabalho flexível a grande tônica contemporânea.

Certamente, essas conclusões só podem ser feitas se levada em consideração a assertiva da escola francesa de regulação que vê o toyotismo para além do dia a dia do trabalho.

As questões pontuadas nessa pesquisa são mais bem compreendidas quando considerada a ideologia que legitima tais atividades, que são os valores do neoliberalismo. Esses princípios são incentivados pelas grandes potências econômicas e acabam ganhando força nos países emergentes, como é o caso do Brasil.

Inúmeros estudiosos, dentre eles Harvey, Antunes, Alves, mostram que o toyotismo reestruturou a organização social no que tange as relações de trabalho. Ricardo Antunes tem rebatido os críticos no campo da sociologia que não aceitam essa corrente de pensamento. Para o autor, o trabalho não está desaparecendo, esta sim, metamorfoseando. Nessa nova lógica os princípios toyotistas tornam-se hegemônicos.

Considerarei que o toyotismo no Brasil não ocorre de maneira idêntica ao Japão, pois, aspectos importantes da cultura brasileira precisaram ser incorporados a esse método para seu sucesso. Constatei, via afinidades eletivas, as contribuições do cenário religioso para esse sucesso.

Na implantação do toyotismo no Brasil, temos as competências individuais, a flexibilização e o incentivo à iniciativa privada como recorte teórico. Esses três elementos ocorrem de forma simultânea, impossíveis de serem separados no mundo real. São conjuntos de valores e princípios que compõe um todo no trabalho e também fora dele.

Relacionei esses elementos dentro da lógica proposta e vivida pelos neopentecostais, a partir da década de 1990, no Brasil. Procurei fazer a síntese e crítica dessas mudanças na vida do trabalhador, sendo esse o foco de pesquisa da dissertação.

O contexto da globalização via ideologia do neoliberalismo é o pano de fundo na compreensão dessa ideia. Além disso, não é possível pensar a classe trabalhadora como bloco fechado. É preciso considerar sua constante alternância e complexidade, que abre a possibilidade de relacionar as transformações no mundo do trabalho com aquelas do campo religioso.

O neopentecostalismo traz em suas mensagens elementos que contribuem para implantação do toyotismo no Brasil. Assim, a fé, a teologia da prosperidade, a guerra contra o diabo e as mensagens de auto ajuda são preponderantes para formação do perfil do trabalhador desejado nas novas fábricas.

A fé ou a aposta em um determinado sentido de vida tem a função de estruturar significativamente a nossa existência e de hierarquizar os valores até chegar a um valor "absoluto", ao qual subordinamos todo o resto. (SUNG, 2012, p. 162).

A teatralização demoníaca nos cultos traz a simbologia de todo o mal vivido no cotidiano. O descarrego dessas entidades reforça a continuidade da vida e a reprodução do sistema vigente, nesse caso, o toyotismo. Os exorcismos dos maus espíritos levam consigo as intempéries advindas dos trabalhos flexíveis, tais como a deterioração da saúde e os problemas psicológicos.

Essa interpretação não é hegemônica quando falamos de movimento neopentecostal, foi constatada principalmente entre a Universal do Reino de Deus e igrejas com modelo litúrgico parecido.

Há, portanto, outras instituições de vertente neopentecostal que tem liturgias mais leves, sem as possessões demoníacas. São geralmente mais "jovens" e que têm enfoque maior em músicas agitadas. São pessoas de classe média que não querem ambientes religiosos carregados de depressão e angústia, preferem mais um ambiente agradável, um lugar para se passar com a família.

...nos anos 90, o movimento pentecostal independente levou ao surgimento de outro tipo de igrejas, que também destacam as propostas de cura e de prosperidade mas privilegiam a busca de adeptos da classe média e de faixa etária jovem e a música como recurso de comunicação. São elas as Comunidades (Evangélica, da Graça) e a Igreja Renascer em Cristo - este

grupo é aqui denominado Pentecostalismo Independente de Renovação. (CUNHA, 2007, p. 49)

O foco no público jovem e na classe social pode ser uma das explicações para essa opção litúrgica que, de modo específico, podem ter resultados também em seus cotidianos para o trabalho. Isso mostra que o neopentecostalismo não tem uma forma somente, mas é diverso em suas manifestações, o que não deixa de ser uma constante são suas implicações com o mundo do trabalho.

Com essa dissertação não considero que os campos de pesquisa entre religião e mundo do trabalho se fecham, ao contrário, essa pesquisa abre possibilidades para outras considerações sobre a temática.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Gedeon. Protestantismo Tupiniquim: Hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira, SP, Arte Editorial, 2005

_____. Pentecostalismo Hi-tech: Uma Janela aberta, algumas portas fechadas, Protestantismo em Revista, São Leopoldo - RS, 2011

ALMEIDA, Ronaldo de & MONTEIRO, Paula. Trânsito Religioso no Brasil. São Paulo em Perspectiva, 2001

ALVES, Giovanni A. P. Trabalho e Subjetividade: ensaio sobre o metabolismo social da reestruturação produtiva do capital. Marília: -2007

ANTUNES, Ricardo (Org). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. Editora Boitempo, São Paulo-SP. 2006.

_____. Adeus ao Trabalho?: Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. Editora Cortez. Campinas-SP, 1997

_____. Os Sentidos do Trabalho; Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Editorial Boitempo, São Paulo-SP. 2002.

_____. O Caracol e sua Concha: Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho. Editorial Boitempo, São Paulo-SP, 2005.

ARAÚJO, Renan B. O modo de vida “*Just-in-time*” do novo perfil metalúrgico jovem-adulto flexível do ABC: antigos dilemas, novas contradições e possibilidades. Araraquara: 2009

- ARRIGHI, Giovanni. O longo século XX: Dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Contraponto Ed. Unesp São Paulo, 2006
- ASSMANN, Hugo. A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina. Ed. Vozes. RJ: 1986
- BACH, Maurizio. Carisma e racionalismo na sociologia de Max Weber. Tradução de Markus A. heidiger. Sociologia&Antropologia, 2011
- BANDEIRA, Wesley Silva. O discurso de Silas Malafaia na formação do empreendedor cristão. VIII ECLESIOCOM, São Bernardo do Campo - SP, 2013
- BIAGIONI, Daniel. Mobilidade social e migração interna no Brasil. (CEM/CEBRAP)
- BIHR, Alain. Da Grande Noite à alternativa; O movimento operário europeu em crise. Ed. Boitempo Editorial, São Paulo: 2010
- BITUN, Ricardo. Igreja Mundial do Poder de Deus: Rupturas e Continuidades no Campo Religioso Neopentecostal. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- BLEDSOE, David Alen. Movimento Neopentecostal Brasileiro; Um estudo de caso. Ed. Hagnos. São Paulo, 2012
- BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas edeterminantes do comportamento eleitoral. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. X, nº 2, Outubro, 2004
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento pentecostal. Petrópolis: Vozes. 1997
- CHIUZI, Rafael Marcus. Recursos Humanos ou Gestão de Pessoas?: reflexões críticas sobre o trabalho contemporâneo. 2º ed. UMESP, São Bernardo do Campo-SP, 2013
- COMBLIN, José. O Neoliberalismo: Ideologia dominante na virada do século. Editora Vozes. Petrópolis-RJ, 2000.
- CORREA, Marina. Assembleia de Deus: Ministérios, Carisma e Exercício de Poder. Fonte Editorial. São Paulo-SP, 2013
- COX, Harvey. O Mercado como Deus: Vivendo na nova dispensação, 1998

CHIUZI, Rafael Marcus (org). Recursos Humanos ou Gestão de Pessoas; Reflexões críticas sobre o trabalho contemporâneo. Editora Metodista, São Bernardo do Campo-SP. 2013

CUNHA, Magali do Nascimento. A Explosão Gospel. Um olhar das Ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro; MAUAD, 2007

DEJOURS, Christophe. A banalização da injustiça social. Editora FGV, Rio de Janeiro - RJ, 2000

DUARTE, Newton. A individualidade para si. Autores Associados, 2008.

FORRESTER, Viviane. O Horror Econômico. Ed. Unesp, São Paulo. 1997.

FREDERICO, Celso. Consciência Operária no Brasil; Estudo com um grupo de trabalhadores. Editora ática. ENSAIOS 39, 1979.

FRIEDMANN, Georges & NAVILLE, Pierre. (Org.) Tratado de Sociologia do Trabalho; Volume II. CULTRIX, Ed. Universidade de São Paulo, 1973.

GONÇALVEZ, Delmo. Neopentecostalismo: Nascimento, Desenvolvimento e Contemporaneidade: uma análise da IURD e seus elementos ético-religiosos. São Paulo. Fonte Editorial, 2013

HARVEY, David. Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 15ed. Ed. Loyola, São Paulo: 2006.

HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. Ed. Paz e Terra, 3º Edição, 1989. 121 p.

HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991: Companhia das Letras, 1995

HIEBERT, Paul G. Batalha Espiritual e cosmovisões. Revista Antropos, V. 2, Ano 1, 2008

HOUNTART, François. Mercado e Religião. Editora Cortez, São Paulo - SP, 2003

JUNIOR, Cleonardo Mauricio. Da Cultura Pentecostal ao Líder Carismático: Os crentes da Assembléia de Deus e a Performace do Pastor Silas Malafaia. UFPE (TCC). 2011

KIVITZ, Ed René. Espiritualidade no mundo corporativo: aproximações entre prática religiosa e vida profissional. Tese de Mestrado UMESP, São Bernardo do Campo SP, 2007

LESSA, Sergio. Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo. São Paulo, Cortez Editora, 2011

- LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. "Trabalho", "Mudança de Vida" e "Prosperidade" entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro. 2007.
- LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza; NAVARRO, Vera Lucia. (ORGS). *O Averso do trabalho III: Saúde do trabalhador e questões contemporâneas. Outras Expressões*. São Paulo. 2013
- LÖWY, Michel. Sobre o conceito de "afinidade eletiva" em Max Weber. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.17.2, 2011
- MACEDO, Edir. *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?*. Universal produções, Rio de Janeiro, 2005
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*: Edições Loyola, 1999, 246 p.
- MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*; São Paulo: Boitempo Editorial, 2005
- _____. *O Capital: Crítica da Economia Política. Volume I; Livro Primeiro: O processo de Produção do Capital, Tomo 2*. São Paulo, Nova Cultural, 1985
- MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. Ed. UNICAMP/Boitempo Editorial. Campinas/São Paulo: 2002
- MÍGUEZ, Nestor; RIEGER, Joerg; SUNG, Jung Mo. *Para além do espírito do Império; Novas perspectivas em política e religião*. Ed. Paulinas, São Paulo-SP; 2012
- MIYAHIRA, Fernando Tersuo Veneza. *História e matriz religiosa no pentecostalismo brasileiro*. História Agora.
- MOCELLIM, Alan. *O Reencantamento do mundo: considerações preliminares*. ANPOCS, 2011
- OLIVEIRA, Eurenice de. *Toyotismo no Brasil: Desencantamento da fábrica, envolvimento e resistência*. Expressão Poupular, São Paulo, 2004.
- PADILHA, Valquíria, *Shopping Center; a catedral das mercadorias*, São Paulo Editora Boitempo, 2006
- PAULA, João Antônio de. *Afinidades eletivas e pensamento econômico: 1870-1914*. KRITERION, Bello Horizonte - MG, 2005
- PEREIRA, João Baptista Borges. *Religiosidade no Brasil (org)*. Edusp, São Paulo. 2012

- PRÓCHINO, Caio César Souza Camargo; PARADIVINI, João Luiz Leitão; GONÇALVES, Márcio Antônio. *Psicologia, Ciência e Profissão*. Uberlândia - MG, 2008
- PROENÇA, Wender de Lara. *Sindicato de Mágicos: Uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1997-2006)*. Tese de Doutorado UNESP-SP, 2006
- RODRIGUES, Elisa. *A dimensão comunicativa e a performatividade nos cultos da Igreja Mundial do Poder de Deus*. *Estud. sociol. Araraquara* v.18 n.34, 2013
- SANTIAGO, Waldemiro. *O grande livramento*. IMPD, São Paulo, 2009
- SANTOS, André de Melo. *Neoliberalismo, Renovação Carismática e Juventude*
- SANTOS, Lyndon de Araújo. *A religião no mundo do trabalho: notas teóricas de uma pesquisa histórica*. In: *MARANHÃO: Eduardo Meinberg de Albuquerque. (Re)conhecendo o sagrado: reflexões teóricas-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidades*, 2013
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter; Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Editora Record, Rio de Janeiro/São Paulo, 1999.
- SILVA, Rogério Rodrigues da; SIQUEIRA, Deis. *Espiritualidade, Religião e trabalho no contexto organizacional*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 3, p. 557-564, jul./set. 2009
- STARK, Rodney. *O crescimento do Cristianismo: Um sociólogo reconsidera a história*. São Paulo, Paulinas, 2006
- SWATOWISKI, Claudia Wolff. *Texto e Contextos da Fé: O Discurso Mediado de Edir Macedo*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 27(1):2007.p. 114-131.
- SUNG, Jung Mo. *Desejo, Mercado & Religião*. São Paulo, Fonte Editorial, 2010
- _____. *Teologia e Economia: Repensando a teologia da libertação e utopias*. Fonte Editorial, São Paulo-SP, 2008
- _____. *Educar para reencantar a vida: Pedagogia e Espiritualidade*. Editora Reflexão, São Paulo-SP, 2012
- TORRES, Roberto. *O neopentecostalismo e o novo espírito do capitalismo na modernidade periférica*. *Perspectivas*, São Paulo, 2007
- VASCONCELOS, Sergio Sezino Douets. *Religião e Perversão: Observações a partir do campo religioso brasileiro*. In: *SUNG, Jung Mo; CAMPOS, Leonildo Silveira (ORGs)*.

Religiões populares e novos cenários culturais: Rupturas e continuidades. Editora Reflexão, São Paulo-SP, 2012

WEBER, Max. Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo; tradução MACEDO, José Mariani de. Ver. PIERUCCI, Antônio Flávio. Companhia das Letras, 2004.

WHITE, Leslie. CARDOSO, Fernando Henrique e IANNI, Octavio (Org). Homem e Sociedade; Leituras Básicas de Sociologia Geral. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1972

WOOD, Stephen. O Modelo Japonês em debate: pós-fordismo ou japonização do fordismo, 1991